



ELIZABETH BEZERRA

Reaprendendo A amar

SÉRIE RECOMEÇAR LIVRO 3



ELIZABETH BEZERRA

Reaprendendo A amar

SÉRIE: RECOMEÇAR LIVRO 3

Copyright ©2018 Elizabeth Bezerra

Revisão: Imperius

Capa: Denis Lenzi

Diagramação: Elizabeth Bezerra

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

e-mail: s.recomecar@gmail.com

site: www.elizabethbezerra.com.br

twitter: @ElizabetBezerra

Instagram: elizabethabezerra

Índice

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[EPILOGO](#)



PRÓLOGO

Sete anos antes...

Era sua primeira vez na casa dos Hunter. Se é que Brianna poderia chamar assim aquele pequeno palácio onde sua melhor amiga, Rebecca, passara a morar e trabalhar como babá. Mas para uma garota que cresceu em um orfanato, dividindo um quarto e muitas vezes até a cama com outras crianças, a mansão era como os pequenos castelos que lia nos romances.

Os livros, além de Rebecca, por muito tempo foram sua mais preciosa companhia. Claro que no orfanato havia as freiras e dezenas de órfãos, indo e vindo ao decorrer dos anos, mas Brianna sabia que havia momentos que, mesmo cercados por muitas pessoas, podíamos nos sentir sozinhos no mundo. Principalmente nos Natais, data que ela e a mãe, mesmo comemorando apenas as duas, faziam questão de celebrar, pois era o dia favorito no ano para elas. Agora passava essa data chorando baixinho na cama, desejando que pelo menos aquele dia fosse diferente.

Se adaptar ao orfanato não fora algo muito fácil para Brianna. Enquanto Rebecca às vezes era desprezada, até mesmo invejada por algumas crianças cruéis, por ser uma menina dócil e prestativa que as freiras admiravam, Brianna era perseguida pelo fato de, inicialmente, estar assustada e isso a fizera agir de forma arredia, falar muito pouco e chorar muito. Rebecca fora a única pessoa com quem ela realmente pudera se abrir. E quando o laço da amizade foi feito, as duas passaram a proteger e cuidar uma da outra.

Então, quando Brianna não estava sonhando acordada com Rebecca, à espera de alguma família que as adotasse – e de preferência as duas juntas, dando a elas um lar de verdade e feliz – Brianna passava horas, dias e noites mergulhada em inúmeras histórias de amor. O romance era seu gênero preferido. As pessoas se encontravam, apaixonavam, enfrentavam alguns obstáculos pelo caminho e, no fim, encontravam os seus felizes para sempre. O que era bem diferente da realidade de Brianna.

Aos nove anos, sua mãe fora tirada dela. Kiera Gibbs, mãe solteira, doce e esforçada, perdera a vida em um assalto ao retornar tarde do trabalho, em certa noite fria. Kiera foi a única família que Brianna tivera, e se não fosse por Rebecca, teria sido a última, sentia Brianna.

Mas não foi de todo ruim, ela tinha que confessar. Sua melhor amiga, pouco a pouco, foi preenchendo as lacunas vazias deixadas por sua mãe. Ela tinha em Rebecca uma irmã, e nas freiras bondosas, o mais próximo que poderia ter de

uma mãe.

Foi difícil Brianna observar Rebecca deixar o orfanato, ao completar a maioridade. E não conseguiu deixar de chorar durante as primeiras noites, temendo que a nova vida de Rebecca acabasse afastando as duas um dia. Mas ela tinha jurado a Brianna que guardaria o máximo de dinheiro possível, e quando chegasse o momento dela também deixar o orfanato, teria um lugar para ficarem juntas.

Mas tinha planos para ela mesma. Encontraria um emprego – talvez em uma das centenas de lojas espalhadas pela cidade – não seria responsabilidade ou um fardo para que Rebecca tivesse que carregar. Ainda mais agora, que ela se encontrava apaixonada por Michael e via nos olhos dele que o sentimento era recíproco.

Logo, Rebecca teria o que mais sonhara no mundo: uma família. Todos naquela casa já a tratavam mais do que uma simples empregada, tratavam-na como um ente querido. Brianna sabia que estava na hora de começar a pensar em si mesma sozinha. E não tinha por que reclamar ou se sentir triste, sempre teria o apoio e carinho de todos eles, era muito mais do que a maioria das órfãs sonharia.

Por isso aproveitou ao máximo o dia que passara na casa dos Hunter, que acolheram Brianna com carinho. Ela gostou de Olivia assim que a conheceu. E elas fizeram muitas coisas naquela tarde, como cantar, jogar cartas e rir muito. Ficou curiosa com as inúmeras perguntas que Olivia fizera a ela sobre Rebecca, quando ela foi buscar Caroline na escola, mas adorou as horas que passaram juntas.

Foi apresentada a Max Hunter e instantaneamente o achou o homem mais bonito, galante e atraente que seus olhos juvenis tinham visto. E não era apenas isso; a forma como Max encarava Olivia, com tanta devoção e cuidado, a fazia se perguntar como era ser amada assim.

O Sr. Hunter tratou Brianna com gentileza e cordialidade, assim como Olivia, que lhe dedicou o mesmo carinho dedicado a Rebecca, e isso fazia Brianna sentir-se um pouco culpada por ter tido, por alguns segundos ao conhecê-lo, pensamentos fantasiosos em relação ao Sr. Hunter. Não fora de propósito. Mas o que uma garota tola e romântica podia fazer para evitar o encantamento de ver alguns dos personagens mais perfeitos dos seus livros preferidos parecerem ganhar vida diante de seus olhos?

E enquanto Rebecca dormia ao lado dela, na cama, Brianna se revirava pensando sobre isso. Se um dia sua amiga achara o filho de seus patrões um sonho romântico difícil de realizar, para Brianna não era nada menos do que impossível.

Max era pai do namorado de quem ela considerava irmã, isso, por si só, já seria muito estranho. Era incontestavelmente mais velho que Brianna, e

havia o fator mais importante de todos: ele era casado e muito bem casado com uma mulher maravilhosa.

E Brianna precisava ser franca consigo mesma. Provavelmente ainda estivesse apenas deleitada pela casa bonita, pela família perfeita, e Max Hunter apenas era a cereja naquele bolo. Quando retornasse ao orfanato e encarasse a realidade da sua vida, seria como fechar a última página de um livro após um epílogo que a fizera suspirar.

Mas para isso precisava pegar no sono. Talvez fosse exatamente isso que precisava para distrair a sua cabeça cheia de pensamentos. Rebecca dissera que havia uma biblioteca na mansão. E tentando não fazer algum movimento brusco ao sair da cama, Brianna caminhou descalça até a porta. A casa era grande, mas se não encontrasse a biblioteca, teria pelo menos explorado o local, ao invés de se contorcer na cama, repreendendo a si mesma.

No fim do corredor, depois de passar por algumas portas, avistou a outra ala que sabia ter a suíte dos Hunter e outros quartos de hóspedes. Desceu a escada, e ao chegar à sala, admirou com mais calma as esculturas de mármore e quadros fixados na parede.

Quando chegaram a casa, Rebecca dissera que logo se acostumaria com tanto luxo e riqueza. Brianna sentia que jamais conseguiria olhar para tudo isso sem sentir os olhos brilharem. Tanto o flat minúsculo, onde vivera com sua mãe, quanto o orfanato onde crescera, não podia ser comparado à beleza e imponência deste lugar.

Continuou explorando a casa, até visualizar uma sala com a porta entreaberta. Diferente dos outros cômodos, desse, vinha facho de luz que iluminavam o corredor. Brianna se aproximou até ouvir vozes sussurrando.

— Você não deveria estar aqui, meu amor.

Era a voz do Sr. Hunter. Brianna estava dividida entre ver com quem ele falava ou sair correndo antes que fosse descoberta. Para uma garota que adorava ler aventuras, a curiosidade era forte demais para que fosse embora.

— Hoje eu me sinto bem — Brianna se aproximou mais da porta e viu Olivia parada em frente a Max.

— Mas já se cansou no jantar — insistiu ele, a preocupação com a saúde dela era visível em suas palavras.

— Ainda estou viva, Max, e pretendo viver plenamente cada momento que eu ainda tiver.

Brianna sabia que deveria dar as costas e ir embora. Max não fazia nada de errado como ela temeu inicialmente e aquele era um momento íntimo entre o casal, no entanto, seus pés se aproximaram um pouco mais da porta, e ela tinha uma ampla visão do casal agora.

— Sabe que eu não gosto que diga isso, Olivia — ele sussurrou e passou a mão delicadamente pelo rosto dela.

Era natural para Brianna que homem e mulher se apaixonassem, ou que isso acontecesse entre pessoas do mesmo sexo, mas ela nunca imaginou que era possível se apaixonar pelo amor. Observando o casal às escondidas, ela ficou cativada de como eles pareciam certos juntos.

— Há quanto tempo não somos um casal? — A pergunta saiu em uma voz trêmula — Eu sei que você me ama, mas nos últimos tempos, a única coisa que fez foi se preocupar com a minha saúde. Ainda há uma mulher dentro de mim.

— Olivia, eu a amo — O fervor com que Max disse essas palavras tocou Brianna — Nada vai mudar isso e ninguém. Nunca haverá alguém além de você.

— A vida pode nos tirar tantas coisas... — sussurrou Olivia — Mas não o que sentimos um pelo outro, não as lembranças. Nem meu amor por você. É isso que me ajuda a enfrentar tudo com coragem, Max. É ter você, enquanto eu puder ter. E quero que você me ame, com seu coração, sim, mas também com seu corpo e a sua alma...

Brianna observou Olivia ficar na ponta dos pés e pressionar os lábios nos de Max, vencendo toda a resistência que ele quisesse ter. Ela desfez o laço do robe que ele usava e fez o mesmo com o dela, deixando o tecido cair ao redor de seus pés.

Vê-los nus, principalmente Max, não chocava Brianna. O que a marcava e jamais sairia da sua mente por um bom tempo, era presenciar um ato mais do que carnal: era amor entre um homem e uma mulher, de forma terna e delicada.

Recuando alguns passos, Brianna fez o que deveria ter feito desde o início – fugiu.

Subiu as escadas rumo ao quarto, como se mil demônios a perseguissem. E só se sentiu segura novamente quando bateu a porta do quarto e se apoiou contra ela.

— Brianna? — perguntou Rebecca, procurando-a na escuridão do quarto — É você?

Ela se arrastou pelo tapete e rapidamente juntou-se a Rebecca na cama. Brianna sentia a respiração acelerada e seu coração parecia querer saltar pela boca.

— Você está bem?

— Estou ótima. É que... É que essa casa é tão grande — tentou dizer uma meia-verdade — Eu me perdi. E hã... Eu me perdi depois me assustei com um vaso. Vamos dormir, tá bom?

Rebecca não acreditava em sua explicação, e sua gagueira para

explicar o ocorrido contribuía em sua desconfiança, mas o que Brianna poderia dizer a ela? Que vira o casal Hunter em um dos momentos mais íntimos que um homem e uma mulher poderiam dividir? Que seu primeiro e único contato real sobre sexo tinha sido de forma leviana da parte dela? Que ao contrário de conseguir tirar Max de sua cabeça, levaria a imagem dele, nu, gravada em sua memória. Que seria muito difícil olhar outros rapazes sem compará-los com ele? E que para o bem da sua alma e sanidade mental, era melhor nunca mais retornar àquela casa?

— Tudo bem — disse Rebecca.

Bem, estava muito longe do que Brianna acreditava sentir.



CAPÍTULO 1

Uptown Sete anos depois

Quando Brianna dispensou o motorista de táxi, um pouco antes de chegarem à sede da Hunter Farm, sua intenção era ter apenas um momento para pensar antes da reunião daquela tarde. Caminhou pelo quarteirão por cerca de vinte minutos, até se ver diante de uma loja de roupas. O vestido cobrindo o manequim na vitrine, em um tom de vermelho sangue, chamou sua atenção. Era o tipo de vestido que prometia fazer qualquer mulher parecer deslumbrante dentro dele. Brianna deduziu que não haveria nenhum mal em entrar na loja e experimentá-lo.

Ela não era o tipo de garota que passava horas no shopping observando vitrines e comprando coisas. Nem o tipo que ficava acompanhando os melhores estilistas de moda, mas quando saiu da loja, despedindo-se da vendedora simpática, carregava três sacolas de compras.

Podia atribuir o pequeno rompante por compras ao fato de que os últimos meses foram desgastantes para ela, mas estaria mentindo. Assim que o vestido deslizou pelo seu corpo, imaginou-se com ele no jantar que ofereceria à família e amigos em seu apartamento novo.

Sair da casa dos pais de Rebecca, para ter o seu próprio canto, não foi uma decisão fácil. Embora os tivesse conhecido da adolescência para a fase adulta, tinha os Summers como seus pais e sabia que o carinho que sentia por Laura e Nicholas era recíproco. Foram quase sete anos vivendo juntos, como uma grande família feliz. Mas agora que Rebecca casou e não estava morando na mansão e até Ryan tinha saído de casa para cuidar de Caroline, Brianna sentiu que era o momento de dar rumo à sua vida também.

O apartamento, aconchegante e elegante, localizava-se no centro de Uptown, ficava entre o condomínio dos Summer e dos Hunter, então ela não estaria tão longe de nenhum deles. A pior parte de tudo isso, para Brianna, era aprender a ficar sozinha outra vez. Desde que sua mãe era viva e moravam em um estúdio minúsculo em um bairro modesto, que Brianna não sabia o que era contar consigo mesma.

Entretanto, tudo na vida era adaptação. Brianna faria muitos almoços, jantares e festas em seu novo lar. Encheria o apartamento de boas lembranças felizes. E o primeiro jantar contaria com seus pais do coração, Laura e Nicholas,

Rebecca e Michael. Ela convidou também Ryan e Caroline, mas tinha certeza de que eles não apareceriam —decisão de Caroline, ela ainda estava na fase que preferia se isolar — e Max. Pensar em Max a fazia lembrar-se daquela noite. Uma noite que nunca fora capaz de esquecer.

Desde que Rebecca havia anunciado que deixaria os negócios nas mãos de Max e que Brianna deveria ajudá-lo a assumir novamente a empresa, ela estivera nervosa e carregada de tensão. Por alguns anos, a distância e a falta de contato com a família Hunter colaboraram para que Brianna mantivesse aquelas memórias amortecidas.

Bastou colocar os olhos em Max, para que os muros em volta dela estremecessem. E o reencontro entre eles fora um desastre, recordou. Dezenas de presilhas tinham sido espalhadas por seus cabelos pela pequena Olivia, em um penteado esquisito que a fizera parecer a mesma jovem tola de 17 anos que ele conheceu.

Quisera surgir glamorosa e sensual, como Rebecca fizera com Michael naquele quarto de hotel, mas tudo que conseguiu mesmo foi que Max lhe desse um sorriso divertido.

Brianna engoliu a decepção, e durante o tempo que Max passou na clínica, afirmava a si mesma que poderia se moldar à situação. Sentira-se atraída e namorara homens bonitos no decorrer dos anos. E o que acontecera com Max não tinha sido nada. E não fora nada mesmo.

Agora trabalhariam juntos e dividiriam a mesma sala. E não deveria importar que para ela, o Max de hoje, introspectivo e mais sério, conseguia intrigá-la mais que o charmoso e angustiado homem que fora no passado.

Ela balançou a cabeça, desejando que isso pudesse colocar seus pensamentos em ordem, quando ouviu o telefone tocar. Parou por um instante na calçada, passou suas sacolas para o outro braço e procurou o aparelho dentro da bolsa.

— Becca?

— Onde você está?

— Mais ou menos a uns cinco minutos da empresa — respondeu Brianna, já avistando o prédio da Hunter Farm.

— E você poderia passar no Starbucks da esquina e comprar smoothie de morango para mim?

Nos últimos meses de gravidez, Rebecca ficara viciada nisso. Devido à gestação, fora praticamente obrigada por Michael a parar de tomar café. Smoothie de morango agora era sua bebida preferida. Brianna até conseguia imaginá-la alisando a barriga redonda, enquanto pensava sobre isso.

— Ok. Vou pegar um café para mim e... — esperando que sua amiga

não visse nada de mais em sua curiosidade, indagou: — O Sr. Hunter já está aí?

— Chegou há uma hora — Rebecca fez uma pequena pausa antes de continuar: — E você está atrasada, três minutos e quarenta e três segundos.

Brianna sorriu.

— Uma verdadeira *workaholic*, como o seu pai.

Brianna não era de se atrasar e Rebecca sabia disso. Além do mais, a reunião dessa tarde era apenas um encontro para atualizar Max das suas responsabilidades a partir do dia seguinte.

— Mas eu te perdoo se me trouxer o Smoothie e uma rosquinha polvilhada de açúcar e muito creme.

— Comida é a única coisa capaz de dobrar você? Bom, e como o Sr. Hunter gostaria do café dele?

— Sr. Hunter? Pare com isso. Sabe que é apenas Max, lembra? Somos da mesma família.

De jeito nenhum. Não eram da mesma família, mas ter que explicar isso a Rebecca levaria a outras explicações. E Brianna sempre acreditou que fora discreta o suficiente para manter ocultos seus sentimentos por Max, até mesmo de sua melhor amiga, e era melhor que continuasse assim.

Tratá-lo por Max dava a eles o que Brianna queria evitar: intimidade. No escritório teria que ser Sr. Hunter e Srta. Gibbs, talvez Maxwell e Brianna, era o máximo que poderia se permitir.

— Max, como quer seu café? — sondou Rebecca, e Brianna ouviu o breve diálogo entre eles ao fundo da ligação — Puro e sem açúcar.

— Certo. Dois cafés e um Smoothie chegando dentro de alguns minutos.

— Ah, não se esqueça das rosquinhas — repetiu ela, antes que Brianna encerrasse a ligação.

A lanchonete não estava muito lotada e não levou mais do que quinze minutos para que o pedido de Brianna fosse atendido.

Quando chegou à Hunter Farm, Brianna apertou o botão do elevador que a levaria à presidência. Sala que havia sido de Rebecca e que em breve dividiria com Maxwell. Era estranho chamá-lo assim, pensou ela. Mais uma coisa que teria de se acostumar. E, enquanto olhava os números do painel mudarem, fazia um exercício de respiração para controlar o início de nervosismo.

Eu posso fazer isso, repetia insistentemente.

— Eu posso fazer isso.

— Falou comigo? — Um homem, usando crachá da Hunter Farm, acabara de entrar no elevador quando ele parou em um dos andares.

Brianna voltou a olhar para cima: três andares antes do que a levaria à presidência. Se não estivesse tentando equilibrar as sacolas de compras com o

pacote da lanchonete, teria terminado o percurso usando a escada de emergência, pelo menos assim teria uma desculpa plausível para a respiração descompassada e as bochechas que certamente estariam vermelhas.

— Não, eu... — deu um meio sorriso para o homem aguardando a sua resposta — Pensei alto, apenas.

Para a falta de sorte de Brianna, o homem desceu no penúltimo andar e parou para falar com um grupo de conhecidos. Isso a impedia de sair do elevador, em direção à escada, sem parecer esquisita.

— Boa tarde, senhorita Gibbs. O Sr. Hunter e a Sra. Hunter esperam por você — Loren, a secretária, veio ao auxílio de Brianna, assim que ela despontou à sua vista — Vou ajudá-la com isso.

Brianna entregou o pacote do Starbucks e dividiu as outras sacolas entre os braços adormecidos.

Maxwell e Rebecca estavam sentados, um ao lado do outro, curvados sobre a mesa quadrada, onde dezenas de pastas e papéis estavam espalhados. Sua amiga foi a primeira a erguer a cabeça, e o olhar imediatamente disparou de Brianna para o pacote que sua secretária carregava.

— Finalmente meu Smoothie — disse Rebecca, com a mesma empolgação que sua filha Olivia teria ao receber um pacote de doces de seus avós — Minha boca estava salivando.

Ela esfregou as mãos, e Brianna não conseguiu evitar um sorriso.

— É bom rever você também — gracejou, antes de sua atenção voltar para Maxwell.

Ele ficou de pé e Brianna fez uma rápida varredura com o olhar de sua camisa social, azul-royal, até onde era visível de sua calça social azul-marinho. Os movimentos de suas mãos e braços fizeram Brianna voltar a erguer o olhar no exato momento que Max tirava seus óculos de leitura e passava os dedos pelos cabelos, colocando alguns fios rebeldes para trás.

— Ah, Brianna, eu te vejo todos os dias, mas esse Smoothie... — disse Rebecca, trazendo-a de volta à realidade.

— Você também tem o Smoothie todos os dias, o dia inteiro — retrucou Brianna, sabendo que seria inútil tentar argumentar com ela naquele momento.

Enquanto Rebecca estivesse se deliciando com a bebida, nada mais teria a atenção dela. Não era muito diferente de como Brianna se sentia ao olhar para Maxwell Hunter.

Sr. Hunter. Brianna tinha que se lembrar disso. Dono dessa empresa e sogro da sua irmã de coração. Avô da Olivia... E que avô!, sua mente traiçoeira a provocou. Ele também era pai de Michael e Caroline, ou seja, estava completamente fora do alcance dela.

— Não resistiu às compras? — provocou ele, apontando com os óculos as sacolas nas mãos dela.

Ele tinha um ar divertido ao olhar para Brianna, como se a tivesse pego fazendo alguma travessura.

— Não, eu...

— Não fique encabulada, Brianna — Max ergueu a mão em sinal de que estava tudo bem, e exibiu um sorriso que não deveria dar a ninguém, muito menos a ela, que ainda não tinha fortalecido as barreiras necessárias para se proteger dele — Tenho uma filha quase da sua idade. Quem diria que eu sentiria falta da época que Carol falava apenas de tules e sapatos novos comigo. Sei muito bem como jovens como vocês são.

Brianna se sentiu envergonhada e mortificada, na mesma medida. Ela não era esse tipo de garota, embora as sacolas de compras em suas mãos dissessem exatamente o contrário. Porém, o que a incomodou mais foi a irritação que sentiu por Maxwell a ter comparado à sua filha, Carol, destacando assim a diferença de idade entre eles. Possivelmente não tinha sido intencional, afinal ele teria que saber que Brianna nutria certa queda por ele para enfatizar isso, mas o aviso tocou em um ponto que Brianna ponderava desde que ele retornou às suas vidas. Max e Brianna? Seria algo tão possível como o desejo da pequena Olivia de construir um castelo na lua.

— A educação me obriga a oferecer uma a vocês — Rebecca se aproximou agarrada à embalagem, onde havia duas rosquinhas açucaradas — Mas conto com o bom senso de vocês para recusarem.

Quando o Sr. Hunter dirigiu seu enorme provocativo sorriso a Rebecca, Brianna sentiu-se desamparada e abandonada pelo sorriso dele. Recordou o dia em que ela foi apresentada a Michael, em uma tarde, em uma sorveteria. Naquele dia, ficou impressionada em como ele era bonito e encantador, mas quando conheceu Maxwell Hunter, na mansão Hunter, conseguiu entender de onde o filho tinha herdado tanto charme, carisma e um inegável poder de atração.

Maxwell era um homem maduro. As linhas de expressão nos cantos dos olhos e nos cantos dos lábios apontavam isso. Metade das linhas vinha de anos de sofrimento pelo luto e o uso excessivo da bebida.

Porém, as semanas que ele passou na clínica e meses seguintes à sua recuperação, fizeram o antigo Max retornar. Via-se o brilho nos olhos. Os cabelos, que antes estiveram opacos e sem vida, pareciam macios e brilhantes. A pele perdera o tom acinzentado e notavelmente ele havia recuperado alguns quilos que perdeu.

O Maxwell atormentado e sombrio despertava atenção. O Max, em seu melhor estado físico e mental, fazia corações desavisados suspirarem. Ele era um

homem-vinho. Brianna sorriu, ao lembrar-se do apelido que ela e Rebecca deram aos homens mais velhos e interessantes que conheciam. Como o vinho, alguns homens pareciam ficar melhores com a passagem do tempo. Sem dúvida, Maxwell era um homem-vinho de primeira.

— O que você acha, Brianna? — A pergunta de Maxwell a tirou do pequeno transe em que se encontrava.

— Desculpe?

— Dizia a Rebecca que essas rosquinhas parecem tão...

Ele não concluiu, e Brianna olhou em direção à grávida com olhar de guerreira. Rebecca arrancaria o braço dos dois antes de ceder um dos doces a eles.

— Realmente, elas parecem ótimas.

— Brianna! — Rebecca mordeu um enorme pedaço de rosquinha, reclamando com a boca cheia— Não... tem...dó...grávida... não?

Maxwell e Brianna começaram a rir da provocação. Ela estava feliz de que a doçura e a descontração da amiga estivessem de volta. Claro que Rebecca carregava algumas cicatrizes do passado e algumas do presente, mas a Rebecca de hoje estava mais leve e lutava para manter sua felicidade e a da família que construía ao lado de Michael. E ela merecia isso.

Brianna sentiu, por um momento, uma pontada de inveja. Não uma inveja ruim. Se bem que, para Brianna, não existia a história de inveja boa ou ruim; inveja era inveja, mas a dela pelo menos não era do tipo ruim que a fazia desejar mal a outra pessoa. Apenas desejava um dia viver algo assim. Amar alguém e ser amada de volta. Ter uma casa cheia de filhos correndo por toda parte, possivelmente deixando-a louca.

Então ela deu-se conta que, para ela, isso nunca seria possível.

Mas Brianna não era o tipo de pessoa que se amargava com as injustiças da vida. Ela se completava com a felicidade das pessoas que amava. Vira Olivia nascer, a via crescer e amava-a como se fosse sua filha, e já sentia o mesmo pelo bebê no ventre de Rebecca.

Quanto ao amor? Bom, talvez encontrasse o amor em algum momento, talvez não. Isso não a impedia de colocar um sorriso no rosto todos os dias, nem de aproveitar os momentos felizes ao lado das pessoas que queriam seu bem.

Por isso colocou todas as tristezas de lado, suas sacolas em um sofá de dois lugares e foi em direção à cadeira que reservaram para ela. Para o seu alívio, seu lugar era do outro lado da mesa, isso colocava uma distância segura entre ela e Maxwell. E nas duas horas seguintes, eles estiveram ocupados com relatórios, planilhas, gráficos e projeções.

— Bem, acho que da minha parte já disse o suficiente — Rebecca

fechou a pasta que segurava e a entregou ao sogro — Estou muito feliz que esteja de volta à sua empresa, Max.

Ela segurou a mão dele em um gesto carinhoso.

— E ainda mais feliz por vê-lo tão bem — ela desviou o olhar para Brianna por um momento, antes de continuar: — Brianna o ajudará no que for preciso, não é, Brianna?

— Cla-ro — ela assentiu freneticamente.

— Estou agradecido que tenha feito com que eu olhasse o quão fundo estava indo, querida — Maxwell cobriu a mão de Rebecca, afagando-a suavemente — Não irei desapontar nenhum de vocês novamente. Serei o CEO que essa empresa precisa. O pai que Caroline espera e o avô que Olivia e esse bebê merecem que eu seja.

Brianna tomou um gole de seu café, que agora estava gelado, para tentar desfazer o nó em sua garganta. Não era fácil para Maxwell Hunter admitir que tivesse sucumbido à fraqueza, transformando-se em um homem em que as pessoas olhavam com desprezo ou piedade. Mas ele era um homem determinado, e ambas sabiam que preferiria a morte a quebrar a promessa que havia feito à sua família.

— Acreditamos em você, meu querido — reafirmou Rebecca, e Brianna sentia-se exatamente como a amiga: acreditava em Max.

Eles trocaram um longo abraço. Aquela faísca de inveja acendeu no coração de Brianna, e ela logo tratou de apagar. O abraço que desejava trocar com o Sr. Hunter não era exatamente do mesmo tipo que ele trocava com Rebecca.

Ela precisava controlar a direção que seguia os seus pensamentos. Passariam meses trabalhando juntos e sua atenção deveria estar exclusivamente no trabalho que fariam juntos.

— Lamento ter que deixá-los sozinhos — disse Rebecca ao se levantar e alisar o ventre — Michael já deve estar lá fora me esperando. É a última consulta antes do parto, e também acho que está mais nervoso do que eu.

Michael não tinha acompanhado a gestação e o parto de Olivia, só conheceu a filha anos depois. Brianna entendia a ansiedade dele em relação ao bebê.

— O jantar em seu apartamento continua na sexta?

— Esse bebê não ouse nascer antes disso — ameaçou Brianna.

— Isso é uma das poucas coisas que eu não posso controlar — retrucou ela — E você também irá, não é mesmo, Max?

— Não sei — ele parecia desajeitado — Obviamente é coisa de jovens...

— Pelo amor de Deus, Max. Você não chega nem perto de ser velho —

Rebecca olhou carrancuda para ele — Vi muito bem a quantidade de cabeças que viraram em sua direção no caminho para cá. Além disso, meus pais estarão lá e você pode levar uma companhia, não é mesmo, Brianna?

Rebecca bancando a casamenteira era tão ruim quanto a Rebecca que se vingava das pessoas, pelo menos no caso de Max, concluiu Brianna.

— Claro — disse ela.

Brianna convidou Max porque, morando na mesma casa que Rebecca e Michael, não seria educado deixá-lo de fora.

Mentira.

Convidou Max porque, de todas as pessoas que estariam no jantar, ele era a que mais gostaria que fosse.

Agora não tinha certeza se havia sido uma boa ideia. Não queria ter que retornar do trabalho todos os dias e recordar onde Max tocou, sentou ou, pior ainda, com quem ele esteve.

— Aquela doutora que cuidou de Olivia e que vimos um dia desses... — Rebecca bateu nos lábios enquanto tentava lembrar — Qual era mesmo o nome dela?

— Dra. Brown? — indagou Max.

— Essa mesma — disse Rebecca, e parecia a única pessoa realmente entusiasmada sobre isso — Max pode convidar a Dra. Brown?

Não!

Talvez vir o Sr. Hunter acompanhado da médica fosse o balde de água fria que Brianna precisava. Por ela se esforçou para dar uma resposta afirmativa.

— Sim, claro.

— Então nos veremos na sexta. — Rebecca se despediu, deixando Maxwell e Brianna em pé, ao lado da mesa, encarando um ao outro. Ele pigarreou e puxou a cadeira onde a nora estivera sentada, oferecendo-a a Brianna. Ela desejava voltar à sua cadeira, mas agir assim só o faria questionar o motivo do distanciamento. E não estava pronta para abrir seu coração com o homem que, sem muito esforço, poderia esmagá-lo.

— Podemos continuar de onde Rebecca parou? — Maxwell ocupou sua cadeira, manuseando algumas pastas — Gostaria de rever alguns pontos.

Brianna inspirou fundo ao se acomodar, mas isso foi um erro gigantesco. O perfume de Maxwell — canela e fluído de madeira — influiu nela, causando uma sensação mais do que agradável.

— Bom, a minha área de atuação é marketing, mas acabei de finalizar minha pós-graduação em gestão de negócios — disse Brianna, desejando que sua voz não tivesse saído tão rouca como parecia, então engoliu em seco, tentando limpar a garganta — E estive auxiliando Rebecca e Alex em praticamente tudo.

Ajudarei você no máximo que eu puder, Sr. Hunter.

Maxwell levantou o olhar da planilha dos últimos seis meses que analisava e a encarou com um sorriso divertido.

— Sr. Hunter?

— Você agora é o CEO da empresa, não acho apropriado que...

— E você é como... — ele a interrompeu e parou um instante para refletir.

— Não ouse dizer filha!

Max a olhou, intrigado, e Brianna pegou qualquer pasta espalhada na mesa, apenas para que tivesse algo para manter ocupados seus olhos e principalmente as mãos.

— Uma sobrinha? — ele sugeriu.

Sobrinha? Era tão ruim quanto a ser comparada à filha dele. Não iria chamá-lo de tio ou coisa parecida. Brianna quis deslizar pela cadeira e esconder-se debaixo da mesa, até que o horror da sugestão tivesse desaparecido.

— Sr. Hunter, teremos reuniões com os membros da diretoria, sócios e alguns clientes. Acho que a hierarquia deve ser respeitada.

Ele fechou a pasta e apoiou os cotovelos na mesa, as mãos cruzadas servindo de apoio ao queixo, enquanto a olhava atentamente.

— E me diga, Srta. Gibbs — o segundo erro de Brianna naquela tarde foi encarar, por trás das lentes, os olhos azuis, sagazes e profundos — Tratava Rebecca como Srta. Summer ou Alex de Sr. Price, o tempo todo?

Somente quando a ocasião realmente exigia. Talvez Alex com mais formalidade no início, e raríssimas vezes depois que se tornaram bons amigos.

— Não, mas eles eram...

— Seus amigos? Isso quer dizer que não podemos ser? — indagou Max, erguendo uma sobrancelha — Veja, entendo que durante uma reunião de negócios haja necessidade do Sr. Hunter e Srta. Gibbs. Mas enquanto estivermos aqui, podemos deixar o protocolo de lado, não acha? Somos praticamente da mesma família.

— Não somos! — objetou Brianna, e se arrependeu em seguida.

Ele descruzou as mãos e cruzou os braços, olhando-a com curiosidade.

— Acreditei que você e Rebecca fossem como irmãs.

— Nós somos... quer dizer, sempre nos consideramos assim — elucidou Brianna — Mas isso não faz de nós dois tio e sobrinha, ou... quero dizer... não somos da mesma família... Nunca seremos.

Agora sim, Brianna queria mesmo abrir um buraco no carpete e se esconder debaixo dele.

— Entendo.

Não. Ele não entendia nada.

O olhar confuso e brevemente magoado dizia que ele não entendia absolutamente nada em relação ao comportamento esquisito de Brianna. E como ela poderia explicar o emaranhado de sentimentos que a confundia, sem abrir uma grande cratera de tensão entre os dois?

Maxwell nunca soubera como ela o achava o homem mais incrível do mundo e que desde menina se sentia atraída por ele. Era melhor que continuasse assim.

— De qualquer forma, passaremos algum tempo juntos. Muito tempo juntos, na verdade. Acho que, pelo menos enquanto estivermos sozinhos aqui ou em um ambiente familiar, possamos ser menos burocráticos — o sorriso voltou aos seus lábios e o divertimento em seu olhar — Não espera que eu a trate como Srta. Gibbs durante o jantar, não é mesmo?

O que ela não esperava era que Max ainda a visse como a garotinha de 17 anos. Ela amadureceu, e mesmo que não fosse nenhuma modelo estampando capas de revistas, era uma mulher bonita e interessante.

— Claro que não, Maxwell.

— Maxwell? — ele gracejou — É melhor que Sr. Hunter, de qualquer forma. Podemos continuar, senhorita Brianna?

Senhorita Gibbs, Brianna, Bri. A forma que Maxwell se dirigisse a ela não mudaria em nada. Seu coração sempre palpitaría ao ouvi-lo chamar por ela.

Mas Brianna não era uma juvenzinha sonhadora de 17 anos. Era uma mulher adulta e deveria agir como tal. Não havia nenhum risco em relação à atração que sentia por Max, simplesmente porque ele não a via da mesma maneira.

— Claro que, sim — ela buscou a pasta que ele estivera examinando e prometeu a si mesma que focaria toda a sua atenção no trabalho — Podemos continuar.

Não importava que o perfume dele fosse uma distração que ela não precisava, ou que o movimento dos lábios ao falar e sorrir a atraísse mais do que qualquer coisa no mundo. De forma alguma permitiria que Maxwell Hunter fosse para ela o que Smoothie era para Rebecca: completamente necessário para tornar o seu dia melhor.



CAPÍTULO 2

Maxwell Hunter teve duas grandes tristezas na vida. A primeira foi a morte de sua amada esposa Olivia, que após anos de tratamento, luta e esperança de conseguir vencer o câncer raro, tristemente tinha sido sucumbida. A doença maldita foi mais forte que ela.

Olivia foi mais do que a mulher que Max escolheu para esposa, a mãe de seus filhos, a pessoa que esperava terminar os seus dias. Ela fora sua parceira, confidente, sua melhor amiga. A dor de perdê-la o açoitava implacavelmente. Olhar todas as noites para o seu lado da cama, vazio, e não encontrar seu sorriso gentil e confiante o destruía todos os dias, e a única forma que Max viu de amortecer a ferida aberta e que parecia crescer em seu peito, foi bebendo.

Só uma dose, apenas uma garrafa, somente mais um dia. E isso tinha durado um pouco mais de seis anos. Sete anos enfiado em um buraco chamado “autodestruição”. Ele era um alcoólatra, e assim como qualquer outra pessoa que se entregava ao vício, também buscava na bebida algum tipo de consolo. A bebida o abraçara como uma amante sedutora.

Não houve espaço para os amigos reais e seus conselhos sábios. Não havia espaço para a família que tinha restado e deixado para trás. A dor da perda foi substituída pela incapacidade de conseguir continuar a amar.

O vício escraviza e faz com que as pessoas mergulhem na escuridão. Até que não tenha dor... até que não reste o amor... até que não reste mais nada. É preciso chegar ao fundo do poço para começar a entender o que se deixou para trás. E só uma combinação de duas coisas essenciais é capaz de colocar alguém em pé novamente: fé e esperança.

Esperança de conseguir se perdoar pelos erros e fraquezas, do mal que causou às pessoas que amava. Fé de conseguir lutar contra o vício e seus demônios, todos os dias. Fé e esperança de ter o direito de recomeçar.

Olivia lutara com bravura contra o câncer. Max lutava contra o alcoolismo todos os dias. Olivia perdera sua guerra. Max sairia vitorioso da dele. Por ela, por seus filhos, pelos netos e por ele mesmo.

E se fé e esperança não fossem suficientes para isso, para querer se tornar um homem melhor.

A segunda maior tristeza de sua vida, sua querida filha, presa a uma cadeira de rodas, precisava que ele fosse mais forte, e daria a ela motivos e energia suficientes para ficar de pé. Mesmo Caroline tendo se afastado e precisado de seu tempo para se adaptar, mesmo ela tentando erguer essa barreira em volta de si mesma, Max se manteria firme para ajudá-la. Ele era o pai dela, e

estava na hora de agir como tal.

— E depois da modernização da fábrica em Greenville ... — Brianna interrompeu sua explicação e o encarou, preocupada — Maxwell? Você está bem?

Ele tirou os óculos e esfregou o rosto cansado por um momento. Olhou para a janela e percebeu que começava a escurecer.

— Muitas coisas mudaram — ele confessou — Principalmente no que se relaciona a tecnologia e pesquisa.

Ele se sentia como um jovem recém-formado com o diploma na mão.

— Em poucos meses, Rebecca fez pela Hunter Farm o que não fiz durante os quatro anos que me mantive completamente ausente — seu olhar se desviou da janela e voltou a focar em Brianna — Há muito que eu tenho a aprender.

— Sim, mas essa é a sua empresa — disse Brianna, colocando a mão sobre a dele, e quando seu olhar acompanhou o gesto de conforto, ela rapidamente tirou a mão, colocando-a em seu colo — Ninguém conhece a essência da Hunter Farm mais do que você.

Isso era algo irrefutável. Embora ainda estivesse envergonhado por ter se entregado ao desespero e à escuridão, após a morte de Olivia, e negligenciado seus negócios, administrar a Hunter foi algo que ele sempre soube fazer muito bem. Tudo o que ele precisava era se reciclar e entender como as coisas estavam funcionando agora.

— É uma garota muito inteligente, Brianna. Agora entendo por que Rebecca a escolheu para me auxiliar. Conhece bem o negócio e é uma garantia que ela tem, caso eu... — havia um tom de tristeza em suas palavras que ele não conseguiu evitar — Caso eu volte a ser uma decepção.

— Não! — ela ficou de pé — Os motivos de Rebecca não foram esses. Ninguém duvida que...

— Brianna, confiança é uma coisa que, quando se perde, não é tão fácil de conquistar de volta. Eu ainda tenho dúvidas sobre mim. Isso não foi uma queixa — ele se levantou também e começou a organizar a mesa — O que posso dizer, com certeza, é que me empenharei todos os dias ao máximo para não decepcionar quem eu amo.

— Você não vai — ela afirmou com certeza — É um bom homem.

Max segurou a mão dela antes que alcançasse a última pasta espalhada na mesa.

— Fui. Mas voltarei a ser — segurou os dedos delicados entre os seus e sentiu como estavam frios — E a sua ajuda é algo importante para o meu retorno, Brianna. Acho que ainda não a agradei.

Brianna recolheu a mão e desviou o olhar para sua sacola de compras, que foi para onde rapidamente se dirigiu.

— Não há nada a agradecer, Maxwell. Faria isso por qualquer um.

A declaração teve um peso sobre ele, que não deveria ter sentido, e isso estranhamente o incomodou.

— Claro.

— Não que você seja qualquer um... — ela se atrapalhou com as sacolas, e ele não conseguiu deixar de achar graciosa a forma que Brianna tentava se redimir — Quer dizer... É dono de tudo isso aqui. Não que isso defina quem você é — então respirou fundo — Apenas esqueça o que eu disse.

Max olhou para o relógio de pulso e depois para o dia virando noite lá fora.

— Está de carro? — ele vestiu o paletó e a acompanhou até a porta, abrindo-a para ela — Foi uma longa e cansativa tarde.

— Pedirei a Loren que chame um táxi.

— Eu posso levar você — sugeriu Max, e quando viu a indecisão no semblante dela, retirou as sacolas de suas mãos — Deixe que carregue isso.

— Posso carregar minhas compras — murmurou ela, antes de segui-lo até o elevador — São apenas dois sapatos e um vestido.

— Dois sapatos e um vestido? — indagou ele, sorrindo — Até logo, Loren.

Ela bufou e despediu-se da secretária antes de entrar no elevador.

— Não sou esse tipo de pessoa, ok? — ela ergueu o queixo, decidida a contradizê-lo. — Eu só vi o vestido e achei que cairia bem na noite do jantar.

— Qual tipo de pessoa? Uma jovem que gosta de fazer compras? — Max selecionou o botão da garagem — Isso não faz de você pouco profissional, se é isso que acha que estou pensando.

Ele parou ao lado dela, e ambos olharam para o marcador acima da porta.

— Eu cheguei atrasada — resmungou, mais para si mesma.

— Poucos minutos — disse ele, sorrindo.

— Cheguei atrasada para a reunião porque estava fazendo compras — a declaração saiu com um gemido angustiado, como se ela quisesse punir a si mesma, Max notou — É claro que sua primeira impressão é que eu seja tola e fútil.

— Não acho isso, Brianna. Além disso, grande parte do seu atraso foi devido a Rebecca e seus pedidos estranhos de grávida — Max cruzou os braços, virou de lado e apoiou o ombro na parede espelhada, enquanto olhava para ela — Tudo que vejo é uma garota inteligente, perspicaz e muito sensata para a idade

que tem.

Ela resmungou alguma coisa e saiu pisando duro do elevador. Max não imaginava o que ele havia falado de errado, mas devia ter dito alguma coisa, pois durante o caminho até o prédio dela, Brianna encarou a janela, ignorando-o propositalmente.

Fazia tempo que ele não lidava com uma mulher. E apesar de muito jovem, Brianna era uma mulher com peculiaridades como qualquer outra.

— Até amanhã, Brianna — disse, entregando as sacolas de compras.

— Até amanhã, Maxwell.

Ele a observou caminhar apressadamente até a porta espelhada, por onde entrou. Max não conseguia entender por que qualquer proximidade entre eles a incomodava tanto. Eles passariam muito tempo juntos, cinco vezes por semana, no mínimo. Era mais do que via sua própria filha, Caroline, a quem só encontrava quando ia até Greenville para visitá-la. E embora Brianna negasse, era como se fosse de sua família, sim. Michael a via como uma irmã e sua neta Olivia a via como uma tia. E para Max, o que importava mesmo eram os laços afetivos.

— Vovó Max!

Olivia descia a escada ao lado de sua babá Ariel, mas quando o viu entrar, saltitou os últimos degraus, correndo até ele. Ele agachou o suficiente para pegá-la em seus braços. Nenhuma garrafa de uísque traria tanto prazer a ele como ter a menina o abraçando e beijando com tanto carinho.

Havia coisas na vida que valia a pena lutar. Ficar bem para acompanhar e desfrutar do dia a dia de Olivia era uma delas.

— Você trouxe alguma coisa para mim? — perguntou ela, após um abraço apertado.

— Mas é claro que, sim.

— E está no carro?

— Não.

— No seu bolso? — ela se contorceu no colo dele.

— Também, não.

— É bala? — indagou Olivia, animada com a brincadeira de adivinhação — Biscoitos? Chocolate?

Max balançou a cabeça, negando cada uma das sugestões.

— Algo bem melhor e muito mais divertido — caminhou com ela até o sofá e a jogou em um mergulho que a fez rir alto — Uma chuva de cosquinhas.

Olivia gargalhou com o ataque. Max riu do divertimento dela, e eles passaram alguns minutos dando e recebendo amor. Após as lágrimas acompanhadas de mais risos e súplicas da menina para que ele parasse com a pequena surra de dedos impiedosos, cada um desabou, um ao lado do outro, no

sofá.

Max não teria do que reclamar, se todos os seus dias fossem assim. Chegar à sua casa e ser recebido pela alegria de Olivia. Ter um jantar agradável com seu filho e a nora. Longas e carinhosas conversas com Caroline, mesmo que durante a semana fossem apenas por telefone.

Era por dias e momentos assim que ele jurava nunca mais colocar uma gota de álcool na boca. E naquela noite, quando se deitou, tendo a carta que a esposa escreveu e entregou a ele antes de morrer e a qual nunca tivera coragem de abrir, Max se perguntou se não estaria finalmente pronto para enfrentar isso.



CAPÍTULO 3

A manhã passou relativamente tranquila para Brianna. Tudo bem que eles tiveram uma videoconferência de quase duas horas e uma reunião um pouco conturbada com alguns membros da diretoria. Assim como aconteceu com Rebecca, ao assumir a empresa, alguns diretores estavam agora céticos em relação ao retorno de Max. Mas ele tivera pulso firme ao lembrar que a Hunter Farm foi fundada pelos seus avós e que ele era o acionista majoritário.

Brianna viu um lado dele que ela não conhecia: o de talentoso homem de negócios. Max mostrou-se argucioso, ágil, conciso e intenso ao demonstrar suas ideias, planejamentos e ações. Era como ver uma pantera rodeando sua presa, analisando minuciosamente antes de atacar. Eles foram engolidos sem ao menos se darem conta de quem os tinha dominado.

— Você se saiu muito bem — disse ela, ao retornarem à tranquilidade da sala que eles dividiam.

Brianna recordou da reunião onde Rebecca informara que passaria a comandar a presidência da empresa. Eles também foram arredios e descrentes de que uma mulher — ainda por cima tão jovem — fosse capaz de conseguir tirar a Hunter Farm da falência iminente para a qual seguia. Mas Rebecca não era apenas determinada. Ela tinha a ajuda de Alex e os conselhos de seu pai, Nicholas. E o desejo de vingança que não a permitiria falhar.

— Eu sei que eles não são nada fáceis de lidar — ela arquivou a minuta da reunião.

Brianna só tinha ficado empolgada daquela forma quando Rebecca mostrara àqueles velhotes rabugentos quem dava as cartas do jogo.

— E você foi incrível, Maxwell — quando ocupou sua cadeira e olhou na direção de Max, deparou-se com ele largado sobre a mesa.

Os punhos estavam duramente cerrados. Ele tentava controlar a respiração. Brianna desejou ir até sua mesa, passar a mão em seus cabelos, dizer que tudo ficaria bem e confortá-lo de alguma forma, mas ela entendia que, às vezes, por mais que amássemos uma pessoa, havia lutas que precisávamos deixá-la enfrentar sozinha.

— A pior parte não foi a descrença de alguns — murmurou Max, erguendo a cabeça, mas não olhou diretamente para Brianna — Foi a certeza que vi em seus olhos de que eu fui um fracasso e voltarei a ser um fracasso muito em breve.

Brianna abriu a boca para refutar, mas vira nas palavras e olhares hostis que direcionaram a Max, que ele tinha razão. Como ele dissera

anteriormente, confiança, uma vez perdida, não era algo fácil de recuperar.

— Você tem duas opções — disse ela, com firmeza — Provar que eles estão certos ou que eles estão errados.

Max desviou o olhar do vazio que mirava e encarou Brianna. Eles ficaram presos naquele olhar, e Brianna sentiu uma sensação nova aquecê-la por dentro. Como se sentisse que ele começava a enxergar a mulher que ela gostaria que ele visse. E embora houvesse uma diferença significativa de idade entre eles, Brianna não era mais uma menina. Mesmo quando era mais jovem e romântica, não se sentia uma menina. A vida, desde muito cedo, a ensinou ter os pés no chão. A ser mais equilibrada e sensata do que a maioria das garotas da sua idade. A lutar pelo que queria e correr atrás de seus sonhos. Brianna nunca fora uma juvenzinha boba, e se Max pudesse ver a grande mulher por trás do rosto delicado, poderia ter alguma chance?

Sua indagação, assim como o breve momento que estiveram conectados, foi interrompido pela luz e bip vindos do telefone. A voz da secretária surgiu logo após Brianna liberar a comunicação.

— Srta. Gibbs, ligação na linha dois — disse Loren, em um tom profissional que fez Brianna recordar de onde estava — O Sr. Fiorenzo Milano. Ele disse que é importante.

— Fiorenzo? — indagou Brianna, antes de pegar o telefone — Tem certeza?

— Isso mesmo, senhorita. Devo dispensá-lo?

— Eu atendo, Loren.

Brianna estava surpresa que Fiorenzo entrasse em contato com ela, após tanto tempo. Eles tinham sido noivos por pouco mais de uma semana e foi ele a dar fim ao relacionamento.

— Fiorenzo?

— Oi, Brianna. Nossa, é maravilhoso ouvir a sua voz.

— Bem, eu...

— Sei que está surpresa — disse ele.

— Realmente estou surpresa, Fiorenzo — ela confirmou — Eu não sei nada de você há muito tempo. Pensei que poderíamos ter continuado a sermos amigos, mas ficou claro que você não desejava o mesmo.

Ela se sentiu insegura. Não era como se guardasse rancor em relação a Fiorenzo. Apesar de a iniciativa de terminarem o noivado ter partido dele, ambos concordaram na época, devido à gravidade da situação, que era melhor assim. Fiorenzo tinha sido a materialização dos sonhos que Brianna deixara para trás. Sonhos que ela seria incapaz de realizar com ele ou qualquer outra pessoa.

— Eu compreendo, não lidei muito bem com a situação naquela época,

Brianna, mas eu preciso muito falar com você, por favor.

— Ok. Podemos sair para almoçar em... — ela olhou para Max, que desviou o olhar e começou a mexer na gaveta de sua mesa, fingindo que não prestava atenção em sua conversa — uma hora?

— Ótimo! — concordou Fiorenzo, aliviado e empolgado ao mesmo tempo — Em meia hora estarei aí.

Brianna preferia ter marcado algum lugar para se encontrarem, mas Fiorenzo já havia encerrado a ligação antes que pudesse sugerir alguma coisa. Aliás, como ele conseguira encontrá-la na Hunter?

Rebecca. Provavelmente a nova, feliz e casamenteira Rebecca tinha falado a Fiorenzo onde poderia encontrá-la.

— Namorado?

Brianna ergueu o olhar do telefone, onde estivera olhando meditativa, para encarar Max. Ela não conseguia decifrar a expressão em seu rosto, mas sentia que havia mais do que curiosidade na pergunta.

— Ex — disse, tentando avaliar se sua resposta causava alguma reação nele — Noivo, na verdade.

Max ligou o computador e toda a sua atenção foi direcionada para a maldita máquina.

— Bem, devem ter muito a conversar.

O fato de ter tido um noivo e que ele estivesse rondando Brianna, parecia não ter qualquer impacto em Max, ou ele não se importava como demonstrava. Contudo, o desinteresse dele causou uma irritação de medidas colossais dentro dela.

— Certamente temos — disse Brianna, apertando a tecla que ligava seu computador com mais força do que era necessário — E, quem sabe, talvez nós até possamos reatar.

Brianna sentiu vontade de morder a língua, na mesma hora em que as palavras lhe escaparam. Sempre achara ridículo o joguinho de provocar ciúmes para despertar a atenção de outra pessoa. E fazia agora exatamente o que ridicularizava em outras garotas. Além de ser estúpido, porque para alguém sentir ciúmes precisava ter interesses românticos, ou no mínimo se sentir atraído pela outra pessoa, o que não acontecia com Max.

— Bom para os dois — Max respondeu e se levantou — Você merece um garoto legal.

Garoto? Fiorenzo tinha 31 anos, e a última coisa que o italiano poderia ser considerado, era um garoto, como Max acreditava.

— É. Acho que vou convidá-lo para o jantar. Posso apresentar o *garoto* a você.

— Será um prazer conhecer seu amigo, Brianna.

As palavras eram educadas, mesmo assim, eles pareciam trocar algumas farpas pelo olhar. Brianna sabia por que estava irritada com Max. Só não entendia o motivo de ele ter ficado tão arreliado com ela de repente.

— Ex-noivo — corrigiu ela.

— Pelo que observei, não eram sequer amigos, até quinze minutos atrás — Max retrucou quando chegou à porta.

— Prestando atenção na conversa alheia, Sr. Hunter? — Brianna cruzou os braços e descruzou rapidamente, quando notou que estava sendo ridícula.

— É impossível não prestar atenção quando se está a meio metro de mim — Max se virou, exibindo um sorriso tranquilo e irritante — Se deseja mais privacidade, não divida sua vida particular comigo.

E deixando Brianna de boca aberta, ele saiu. Ela afundou na cadeira e apoiou a testa contra a mesa fria. Tinha ido do “quero colocar Max no colo e confortá-lo”, para “desejo afogar esse... esse grande...” Argh. Faltavam adjetivos no momento para descrevê-lo, mas ela teria o restante do dia para pensar em alguns.

A verdade era que não possuía pejorativos para aplicar a ele, simplesmente porque o desinteresse dele causava frustração nela. Um dos principais motivos de Rebecca ter pedido a Brianna que apoiasse Max, era porque ele estava em um processo de cura. Situações de grande tensão ou grande estresse poderiam levá-lo a uma recaída.

Era o papel de Brianna tentar apoiá-lo, incentivá-lo e fazer com que enxergasse que poderia ter de novo as rédeas de sua vida e empresa. A culpa tomou conta de Brianna, e ela se perguntou se seria capaz de carregar a carga de responsabilidade que Rebecca atribuíra a ela.

Tinha que se controlar em relação a Max, porque não se tratava dela e seu coração sufocado. Era sobre um homem ferido, tentando se reconstruir.

— E esse é apenas metade do primeiro dia — resmungou ela.

Brianna pegou sua bolsa, escreveu um bilhete, deixando-o sobre a mesa de Max. Talvez reencontrar Fiorenzo não fosse tão ruim.

Brianna aguardou que o garçom terminasse de servi-los e se afastasse o suficiente para dedicar sua atenção ao homem do outro lado da mesa. Começou pelos cabelos negros, ondulados nas pontas e foi para os olhos castanhos escuros e que pareceriam negros, dependendo da claridade. Fixou o olhar na boca bem desenhada e no queixo quadrado com linhas marcantes. Fiorenzo Milano possuía todos os requisitos que uma mulher desejaria em um homem. Ele era bonito,

autoconfiante, atraente e tinha raízes familiares que o impediam de ser um playboy, mesmo que tivesse inclinação para isso.

Acreditou que, a essas alturas, ele estaria, pelo menos, noivo. Que tivesse encontrado a mulher que pudesse oferecer a Fiorenzo o que Brianna já dissera não ser capaz.

— Por que você está aqui, Fiorenzo?

Os pais dele tinham lojas de departamento na França, e quando o conheceu, buscava investimento da SBI para ampliação da rede na Inglaterra e outros países da Europa. Foi pelo intermédio de Rebecca que conheceu Fiorenzo.

— Fiorenzo? — ele questionou, os olhos escuros focaram nela — Antigamente me chamava apenas de Enzo.

— Tínhamos um compromisso antes — retrucou ela — Agora não sei nem o que somos.

Honestamente, não carregava grandes mágoas de Fiorenzo. Quando devolveu o anel de noivado, que nunca chegou a usar realmente, sentira uma parte de si ficar aliviada. Só que ele não podia entrar e sair da sua vida esperando que as coisas continuassem iguais.

— Acho justo — ele deu um longo gole em seu vinho, dando a Brianna oportunidade de absorver sua resposta — Eu cometi um erro, Brianna. Deixar você ir embora foi a pior estupidez que já fiz na vida.

A declaração surpreendeu Brianna mais do que as justificativas de Fiorenzo para encerrar o noivado. Tinha esperado por aquilo. Esperou a semana toda pelo rompimento que tinha se confirmado, depois que contara seu segredo a ele.

— Muitas coisas aconteceram depois que você foi embora — Só que Brianna não fora embora, ele a tinha dispensado — Voltei para Londres atrás de você e não a encontrei.

— Estou morando em Uptown agora.

O rompimento deles havia sucedido há alguns meses, antes de Rebecca iniciar seus planos de vingança. Retornar à sua cidade natal e se envolver nas maluquices da amiga ajudou Brianna a ignorar os próprios problemas por um tempo.

— Nicholas me disse.

— Nicholas?

Ela acreditava que tinha sido Rebecca bancando o cupido.

— Pretendo abrir algumas lojas no país, Nicholas e eu nos encontramos algumas vezes.

— Ah, sim, claro — disse Brianna — Negócios.

— Em partes negócios — claro e direto como Fiorenzo sempre fora

com ela — Mas estou na cidade por você, Brianna.

Ela baixou o olhar para sua salada em seu prato e sentiu Fiorenzo cobrir a sua mão com a dele.

— E eu quero você de volta, Brianna.

E novamente ele voltou a surpreendê-la. Fiorenzo era passional como um típico italiano deveria ser. Tiveram bons momentos juntos. E quando estiveram juntos, acreditou que ele pudesse ser o homem que a faria feliz.

— O que disse a você naquele dia não mudou — Brianna precisava deixar as coisas muito claras — Eu não posso dar...

— Aquilo já não importa — ele passou o polegar no pulso dela, e a voz foi ganhando um pouco de suavidade — Nunca deveria ter importado.

Brianna puxou a mão, refletindo sobre o que Fiorenzo acabara de dizer. Ele afirmava que havia mudado de ideia sobre a relação deles, e para isso teria que ter mudado também. A própria Brianna tinha mudado consideravelmente desde que chegara a Uptown.

Era suficiente para dar uma nova chance aos dois?

E, principalmente, onde encaixaria seus sentimentos por Max em meio a tudo isso?



CAPÍTULO 4

“Todos os dias eu sinto desejo de beber. Todos os dias eu luto contra isso. Ontem eu venci. Hoje eu continuo lutando.”

O senhor terminou sua oratória e todos na sala ficaram de pé, batendo palmas. Os mais jovens — não necessariamente de idade, mas em tratamento — seguiram até ele em busca de inspiração. Outros se reuniram em pares ou grupos, trocando incentivos.

Aquelas não eram as mesmas pessoas que Max costumava encontrar nas reuniões de apoio do AA. Nem o dia e horário que ele costumava ir. Era uma visita atípica e, que ele achou necessária. Então se despediu do mentor daquele dia e se dirigiu à saída.

A breve visita já o fazia se sentir melhor. Menos sufocado, frustrado e irritado de quando saía da sala da presidência, cerca de uma hora atrás. Frustração causada pelos olhares descrentes, cheios de julgamentos dos membros mais antigos da diretoria da Hunter e a sensação de sufocamento pelos olhares piedosos dos membros mais jovens. Irritação pela discussão que tivera com Brianna. E que, avaliando a situação mais friamente, não conseguia chegar a uma conclusão de por que começara.

A única coisa que conseguia justificar seu comportamento, no mínimo rude, era o fato de que ele estava em um constante e angustiante estado de aprendizagem. Max tinha que reaprender a viver sem a bebida, reaprender a lidar com suas emoções. Estava no estágio inicial de recuperação e ainda tinha muita luta contra seu vício. Saber dosar os sentimentos e tentar controlá-los, sem recorrer ao apoio do álcool, não era algo fácil.

Nem sempre a determinação era mais forte do que o desejo de abrir uma garrafa. Como o senhor dissera ao final de seu discurso, viviam em uma luta diária e que não teria fim. Ele podia vencer o alcoolismo, mas, se por um minuto fraquejasse, o alcoolismo poderia vencê-lo. E Max acreditava que já tinha

perdido batalhas demais.

— Max?

Ele virou em direção à voz e se deparou com um rosto conhecido e feliz em vê-lo.

— Dra. Brown?

Adrienne Brown foi a médica que cuidara do tratamento de sua esposa, Olivia. Estava bem diferente da mulher que se lembrava no passado. Os cabelos castanhos, sempre presos em um coque bem-arrumado, agora exibiam um corte na altura do pescoço, que emolduravam o rosto redondo. Os olhos, também castanhos, que por muito tempo encararam Max com pesar, às vezes pena mal disfarçada, ao acompanhar a luta diária para salvar a esposa doente, no momento exibiam um brilho amigável.

Assim como ele, Adrienne deveria estar na casa dos quarenta anos. Era uma mulher bonita, madura, com charme e segurança adquiridos com o tempo e as experiências vividas.

— Apenas Adrienne — ela sorriu ao dizer — Nós não estamos em meu consultório.

Ele já tinha perambulando por ali. E fora Rebecca que a reconheceu de longe, certa vez quando viera com Michael buscá-lo, após uma sessão de terapia em grupo. E essa era a primeira vez que realmente paravam para conversar.

— Que prazer rever você — acrescentou ela — Tem tempo para um café?

Max olhou para o relógio em seu pulso. Teria uma reunião no final do dia, mas queria se justificar com Brianna antes disso e derrubar a tensão entre eles, que tinha contribuído para erguer.

— Acho que tenho alguns minutos.

Seguiram juntos até a lanchonete que havia no prédio, e eles escolheram uma mesa discreta, próximo à janela onde poderiam observar o movimento da rua. Max fez um breve resumo do que tinha sido sua vida nos últimos anos e o que o levara ali. Nunca levantou a suspeita de que Adrienne lutasse com algum tipo de vício, mas ficou surpreso que seu envolvimento com o A.A. viesse do falecido marido, que também fora médico, viciado em analgésicos e em bebida. O trágico de sua história era que o marido dela não tinha falecido pelo vício. Foi atropelado por um motorista bêbado, quando saía de uma floricultora ao completar seis meses de sobriedade.

— Acabei vindo por causa dele. Para dar apoio no início — ela mexeu na aliança que ainda conservava em seu dedo — Continuei depois que ele faleceu. Acabei me envolvendo com alguns programas. Sabe, a família precisa de apoio tanto quanto o dependente. Minha vida se resume hoje aos meus pacientes e

grupos de apoio.

Através do breve relato dela e a notável melancolia em seu olhar, Max conseguiu visualizar quanta tristeza e preocupação deveria ter causado em Michael e até em Caroline, que mesmo morando tão longe, sabia que ele não se comportava bem. Cada dor que lembrava e imaginava ter causado nos filhos, era um copo a menos que ousasse pensar em colocar na boca.

— Michael às vezes vem comigo e já tentei trazer Caroline algumas vezes.

Do seu olhar clínico, Adrienne informou a ele que Carol ainda lidava com o choque de se ver presa a uma cadeira de rodas e que cada um tem uma forma diferente de lidar com a dor.

Conversaram por mais algum tempo, e ele se viu fazendo o que Rebecca tinha sugerido no dia anterior: convidou Adrienne para o jantar na casa de Brianna. Não que carregasse um interesse romântico por ela, muito menos que ela o visse da mesma maneira. Max representava uma história que ela já vivera antes e possíveis complicações que Adrienne não desejaria ter.

E ele deixou claro, diante da indecisão dela, que a via como amiga. E também um pouco solitária, embora essa parte tenha deixado oculta. Ele sentia que a Dra. Brown precisava de amigos tanto quanto ele precisava. E Adrienne Brown, ou melhor, apenas Adrienne, fizera tanto por sua família no passado, que Max sentia que deveria retribuir a gentileza.

Ao chegar à Hunter Farm, ele tinha certeza que fizera a coisa certa. E depois de cumprimentar Loren quando passou por sua mesa, ele parou em frente à porta fechada por um instante. Não sentia tensão, mas carregava uma dose generosa de ansiedade.

Quando entrou, encontrou Brianna ao telefone. Estava virada para a janela, então Max, covardemente — o que ele só admitiu depois — seguiu silenciosamente para sua mesa onde encontrou o bilhete que não esperava.

Eu sinto muito, me desculpe.

Brianna.

Max releu o pedido umas duas vezes, até erguer o olhar do papel, encontrando o olhar de Brianna. Ainda falava ao telefone, mas sorriu para ele. Max sorriu de volta, sacudindo o retângulo amarelo em sua mão, apontando para ela. Não era o jeito certo para um pedido de desculpas, mas era igualmente sincero.

Buscou a agenda na gaveta anexa à mesa e guardou o bilhete entre as páginas em branco. Impressionou a Max que Brianna tivesse dado o primeiro

passo, sendo que ele também possuía motivos para se desculpar e que atualmente a palavra saía de sua boca mais do que desejava.

Olhou para Brianna, que continuava atenta à conversa. Nesse curto momento que se permitiu observá-la, notou alguns detalhes que nunca dera importância. O jeito que ela unia as sobrancelhas ao se manter concentrada. A forma que desenhava na mesa enquanto respondia alguma pergunta. A ponta da caneta que mastigava sem se dar conta, e ela tinha aquele tipo de risada que fazia qualquer pessoa ao seu lado rir junto.

Foi sorrindo, contagiado pela risada de Brianna, que Max deu continuidade ao seu trabalho. Ela era uma jovem encantadora, a jovialidade dela o fazia sentir algo que há muito tempo não sentia.

Vivo.



CAPÍTULO 5

Brianna poderia ter contratado um serviço de Buffet, como Laura havia sugerido. Ter escolhido um cardápio para o jantar mais elaborado e elegante, assim como ter passado o dia relaxando e se preparando para receber seus convidados à noite. Sem dúvida alguma poderia usar o bom salário que recebia para fazer tudo isso surgir como mágica. No entanto, não sentia que seria da mesma forma, o carinho não seria o mesmo, tendo ela cuidando de todos os detalhes pessoalmente.

Não cozinhasse muito, mas gostava quando podia. Não pratos sofisticados, de nomes esquisitos e de aparências estranhas. Ela gostava da simplicidade, das receitas caseiras e que pareciam encher de amor o estômago e os olhos de quem apreciava.

Então, uma hora antes de os convidados chegarem, Brianna correu até o banheiro para uma ducha rápida, ao invés de longos e relaxantes minutos dentro da banheira oval. Vinte minutos depois, com o secador em uma mão e com o auxílio dos dedos, penteava e desembaraçava os fios úmidos. Optou por prendê-los em um coque alto e despojado. Maquiou-se discretamente e deslizou para dentro do vestido vermelho que havia comprado especialmente para a ocasião.

Fora uma extravagância, mas Brianna sentia-se exatamente como imaginara ao admirá-lo na vitrine da loja: linda. Talvez fosse a cor, que contrastava com seus cabelos claros. Poderia ser o decote nas costas, que a fazia parecer bem mais sexy que o normal. Ou talvez fosse a combinação disso tudo que a fazia se sentir bonita e sensual.

Laura e Nicholas foram os primeiros a chegar. E Brianna agradeceu a Laura pela ajuda com a finalização da mesa e foi verificar como andavam as coisas na cozinha.

Recebera uma ligação de Ryan, avisando que Caroline decidira, no meio do caminho, voltar para Greenville. Às vezes ela se irritava com Carol e queria dizer que afastar as pessoas que a amavam só a deixaria mais triste. Então se lembrava de que o acidente fora muito recente e se obrigou a ter paciência.

Alex era outro desfalque que deixava a noite de Brianna mais triste. Ele estava na Inglaterra, monitorando a recuperação de Stacy com a irmã dela, Hanna. Brianna suspeitava que todo empenho dele devia-se a sentimentos que nutria por Hanna, e que ela fortemente tentava ignorar. Resquícios dos planos de vingança de Rebecca e que atingiram todos eles de alguma forma.

— Sinto cheiro de carne assada — disse Rebecca, ao ter a porta aberta para ela — Com cogumelos e batatas, acertei?

Brianna cumprimentou Michael e teve que fazer um grande esforço para esconder a decepção quando não viu Max surgir atrás dele.

— O senhor Hunter ficou com Olivia? — perguntou a ele, assim que Rebecca foi procurar a mãe na cozinha.

— Olivia está fazendo algo como uma festa do pijama com a babá.

— Poderiam ter trazido ela, não me incomodaria — disse Brianna — E caso ficasse cansada, poderia dormir em meu quarto ou no de hóspedes, se preferisse.

— Sabíamos disso — Michael olhou na direção onde a esposa havia partido — Mas Rebecca insistiu que praticamente é nosso último evento social antes de o pequeno chegar e mudar um pouco mais nossas vidas.

— Claro. Muitas fraldas, choros durante a noite — Brianna sorriu e o provocou um pouco mais: — E os únicos eventos sociais dos dois serão visitas ao pediatra. Está preparado para isso?

— Muito ansioso, e não estou sendo sarcástico.

Ela tinha certeza de que Michael não estava sendo. Ele vivenciava a experiência de acompanhar uma gravidez e se deliciava com cada estágio. A empolgação era visível em seus olhos, que brilhavam sempre que tocava no assunto.

— Ah, sobre meu pai — continuou ele, antes de se juntar a Nicholas na sala — Foi buscar a Dra. Brown.

Ela estacou no lugar ao ouvir. Sentiu-se agradecida que Nicholas se empolgara com a chegada de Michael e que nenhum dos dois percebeu quando ela saiu em disparada em direção ao seu quarto.

Pior do que Maxwell não comparecer essa noite, era vê-lo acompanhado da médica, que pelo que Rebecca disse, era uma mulher bonita e inteligente. O que Brianna sentia em relação a essa mulher diferia muito do que sentira em relação à Olivia. Naquela época, sabia que seu encantamento com Max ultrapassava a linha do impossível. Ele amava a esposa e seus olhos não pertenciam a ninguém que não fosse ela, menos ainda a uma menina.

Max e a Dra. Brown?

Brianna ainda não a conhecia, mas tinha certeza de que a médica não poderia ser o que ele precisava. Não que Brianna fosse. Quer dizer, poderia ser, se Max conseguisse enxergar isso e desse alguma chance aos dois. Conhecia suas qualidades e principalmente as fraquezas. Acreditava na recuperação e em sua determinação. E, acima de tudo, amava Max com a intensidade que, duvidava, outra mulher fosse capaz de sentir.

Certo, estivesse sendo prepotente e levemente possessiva. Max era interessante o suficiente para despertar o interesse de outras mulheres e fazer com

que nutrissem por ele sentimentos profundos, afinal com ela fora assim, mas Brianna não queria que isso acontecesse.

E Max não era alguém que pudesse riscar totalmente de sua vida. Naquele momento, entendeu um pouco o desejo de Rebecca de ter fugido para a Inglaterra, anos atrás. Amar alguém não é algo difícil. O difícil mesmo é ver quem se ama nos braços de outra pessoa.

Era mesquinho, cruel e até mesmo egoísta, mas Brianna desejava que os dois não tivessem nada mais compatível além da idade próxima. E estava nessa nuvem negra de pensamentos ruins, quando ouviu a campainha soar.

Chegou à sala no exato momento em que Rebecca recepcionava Max e sua acompanhante. Examinou a mulher rapidamente antes de ir cumprimentá-los. Era bonita, não podia negar. E pelo sorriso amigável e o que dissera à sua amiga, fazendo-a rir, também deveria ser muito simpática.

O que não diminuía em nada o antagonismo de Brianna.

— Veja, Brianna — Rebecca estendeu a ela um vaso com uma planta — Presente de Adrienne para decorar seu apartamento.

— É um Luck Bamboo. Três hastes simbolizam felicidade — disse Adrienne, apontando o vaso que Brianna pegava — E de acordo com a tradição chinesa, o laço vermelho atrai energia positiva. Bem, foi o que o vendedor me disse.

— Obrigada, Dra. Brown...

— Ah, por favor. Nada de senhora ou doutora, penas Adrienne.

Brianna chamou-a pelo nome e tornou a agradecer. Ela não queria gostar dela, mas gostou. Não era o tipo que pegava birra ou implicância de alguém sem um real motivo. Então, pior do que chegar a ver Max sendo feliz ao lado de outra pessoa, era chegar a gostar dela também.

Enquanto Rebecca arrastava Adrienne para o grupo animado na sala, Brianna procurou algum lugar do apartamento onde pudesse colocar o presente. Escolheu uma mesinha com fotos, próxima ao corredor que levava ao seu quarto.

— Eu também tenho um presente para você.

Brianna saltou no lugar. Por sorte, já tinha colocado o vaso no móvel, senão o teria espatifado em seus sapatos novíssimos.

— Maxwell! — exclamou, levando a mão ao peito — Você me assustou.

— Desculpe.

Quando Brianna se virou para ele, Max sorria e segurava uma pequena caixa preta com uma fita prateada.

— Obrigada — ela estendeu a mão para pegar o presente, e quando os dedos dela tocaram os dele ao pegar a caixa, sentiu um formigamento correr da

sua mão até os dedos dos pés — Não precisava.

Puxou a mão rapidamente e apertou a caixa entre os dedos, tentando fazer com que a sensação fosse embora. Brianna sempre acreditou que conexões assim só aconteciam nos livros que lia. Talvez ela estivesse projetando centenas de romances que lera naquele breve contato físico. Talvez sua atração por Max fosse tão forte e há tanto tempo reprimida que bastava um toque para seu corpo desleal reagir.

— É um pedido de desculpa por ter sido um pouco mal-humorado no outro dia — disse ele, enquanto Brianna desfazia o laço na caixa — E agradecimento por tudo o que fez a Rebecca e Olivia nos anos que meu filho não pôde estar ao lado delas e, principalmente, por sua ajuda na Farm.

Brianna deslizou a tampa da caixa e encontrou uma corrente dourada. O pingente de transparência e tonalidade azul-claro media meio centímetro e tinha o formato delicado de uma gota.

— É água-marinha — disse ele, pegando a joia — Achei que combinaria com seus olhos. Posso?

Ela aproveitou que precisaria ficar de costas para tentar esconder os olhos emotivos. Ganhara muitos presentes ao longo da vida, principalmente de Rebecca e seus pais, mas nenhum deles parecia tão especial como esse que Max lhe dava.

Aguardou por um minuto e estranhamente um pouco mais que isso para notá-lo se aproximar. Prendeu a respiração quando o sentiu a alguns centímetros dela. Os dedos de Max passaram lentamente pelo seu pescoço. Brianna afirmou a si mesma que certamente seria para impedir que alguns fios de cabelo enroscassem no cordão. Mas o carinho, mesmo que intencional, significava muito para ela.

Era o primeiro toque íntimo que ele lhe dava. Um toque de como um homem deveria tocar uma mulher, de como Max deveria tocá-la. E parecia tão certo. E tão bom, que rapidamente Brianna viu-se aturdida. Sentia calor, e quando a corrente gelada e o pingente tocaram seu colo, seu corpo todo arrepiou. Max deslizou as mãos suavemente pelos braços dela, do ombro ao cotovelo, um toque tão sutil como uma pluma deslizando em sua pele. Ela sentiu a respiração morna tocando sua nuca. Talvez tenha sido um gesto casto para aquecê-la, mas Brianna sentiu como se o vulcão dentro dela estivesse pronto a eclodir.

Max a virou de frente para ele. Brianna procurou nos olhos dele a mesma chama que ardia nos seus.

— Brianna... — ele sussurrou, aproximando-se mais e um pouco mais até que seus corpos estivessem unidos.

Não havia outras pessoas no apartamento, quiçá no mundo. Não havia

Dra. Brown ou qualquer empecilho jogando-os em direções opostas. Havia apenas Max e Brianna. Frente a frente. Tão próximos. Tão surpreendentemente cientes um do outro.

E teve o barulho da campainha. O grito empolgado de Rebecca recebendo o último convidado da noite. E Max transtornado, afastando-se de Brianna. E teve Brianna decepcionada e frustrada como nunca esteve em sua vida.

— Aí estão eles — disse Rebecca a Brianna, quando eles retornaram — Veja, Brianna, Enzo já chegou.

Ela estava com o braço enroscado em Fiorenzo, ignorando o olhar ciumento que Michael lhe dava. Brianna viu Max se afastar sorrateiramente, ocupar um lugar no sofá ao lado de Adrienne, sorrindo para ela. Brianna tentou ignorar a pontada no peito que a imagem causou e exibiu um sorriso.

— Que bom que você veio, Fiorenzo — cumprimentou Brianna.

— Não perderia por nada no mundo.

— E eu não vou perder a oportunidade de perguntar por que vocês dois romperam — disse Rebecca, se afastando de Fiorenzo, indo para os braços de Michael, que já exibía uma carranca maior do que ele — Eles não formam um lindo casal?

Os dois se afastaram, e Fiorenzo encarou Brianna com curiosidade. Ela não tinha contado a Rebecca que eles chegaram a ficar noivos por uma semana e nem o motivo de terem rompido o compromisso tão rápido.

— Posso explicar depois?

Ele assentiu e entregou a garrafa de vinho que carregava.

— Você fez o jantar e eu trouxe o vinho. Vindo diretamente da Itália. A melhor safra da família.

— Obrigada. Vou colocar para gelar.

Não serviria nenhuma bebida alcoólica por causa de Max, mas eles poderiam degustar de uma ou duas taças depois que todos tivessem ido embora.

— Bonito apartamento — disse ele.

Brianna acompanhou o olhar dele. Não era um apartamento grande, nem ela gostaria que fosse, mas era aconchegante e acolhedor. Almofadas vermelhas no sofá branco em formato de U e os quadros enfeitando as paredes cinza davam vida e cor à sala. Separada por paredes vazadas, ficava sala de jantar, com uma grande mesa de mármore e cadeiras estofadas combinando. A cozinha e os quartos seguiam a mesma linha de elegância e simplicidade. Brianna acompanhara e gostara do trabalho que o decorador lhe apresentou.

Enquanto os homens discutiam sobre esporte e qualquer outro assunto que os agradavam, Brianna e as demais mulheres distribuíam a comida e bebidas na mesa.

Rebecca sentou-se ao lado de Michael, Laura e Nicholas de frente a eles. Fiorenzo se acomodou ao lado de Brianna, restando a Max e Adrienne sentarem de frente aos dois.

Para alívio de Brianna, Rebecca não tocou no assunto do motivo que havia levado a separação dela com Fiorenzo, mas relembrou como os três se conheceram e passagens engraçadas. Também não escondeu o desejo que os dois reatassem e que Max e Adrienne poderiam pensar em formar um novo casal.

Brianna desejava atirar a travessa de carne na cabeça da amiga, mas sabia que suas indiretas não eram de fato maldosas. Depois que sua vingança virara contra ela mesma e a culpa que ainda carregava em relação ao acidente que deixou Caroline presa à cadeira de rodas, Rebecca queria ver e proporcionar a felicidade de todos à sua volta.

E também Brianna nunca fora honesta com ela sobre os seus sentimentos em relação a Max. Primeiro, porque elas viviam em outro país, e por muito tempo Rebecca se recusou a falar em Michael e qualquer membro de sua família. Segundo, que, mesmo após terem retornado e Rebecca ter reatado com Michael, ela ainda sentia que seus sentimentos por Max seriam impossíveis de serem correspondidos. E terceiro, e não menos importante, não sabia como ela iria reagir se contasse.

A verdade é que escondia segredos de Rebecca e temia que ela fosse se sentir traída e magoada quando eles fossem revelados.

— Está deliciosa, Brianna — disse Fiorenzo, colocando a mão sobre a dela na mesa, enquanto elogiava a carne assada que Brianna fizera como prato principal — Eu acho que combina com o vinho que eu trouxe.

Brianna sentiu-se tensa. Não queria explicar a ausência de bebida a ele e expor Max de alguma forma.

— Mas esse suco... — Rebecca foi ao socorro dela — Está incrível. Do que é feito?

Brianna informou os ingredientes e olhou para Maxwell rapidamente. Ele remexia a comida em seu prato, mas não dava sinais se o assunto aborreceu.

— Seria um sacrilégio ignorar um bom vinho italiano — continuou Fiorenzo disposto a agradar.

Brianna segurou a borda da mesa até sentir as juntas doerem. Queria pensar em algo que desviasse a conversa, mas sua mente era um poço fundo e vazio.

— É que não estou bebendo — Rebecca sorriu e alisou a barriga.

Brianna sorriu, agradecida, para ela. Deveria ter avisado Fiorenzo que não teria bebidas durante o jantar e, sinceramente, não desconfiou que ele traria a garrafa de vinho. O que estupidamente deveria ter cogitado. Fiorenzo sempre

levava uma garrafa de vinho quando jantava com eles na casa de Londres.

— Bem, mas excluindo a adorável gestante — insistiu Fiorenzo — Acho que não há ninguém com problema com a bebida, que não possa apreciar um bom vinho.

O silêncio que seguiu a declaração dele foi sepulcral. Ao ponto do único som audível fosse o tic-tac do relógio pregado na parede atrás de Laura.

— Infelizmente, senhor Milano, acho que há — disse Max — Sou um alcoólatra em tratamento.

Ele se levantou e jogou o guardanapo em cima do prato.

— Com licença — disse Max e se retirou apressado.

Brianna sentiu como se seu coração tivesse sido arrancado do peito e saltado em direção a Max. Ela puxou a mão que Fiorenzo segurava e também ficou em pé.

— Max! — olhou duramente para o italiano, antes de empurrar a cadeira para se afastar — Por que disse aquilo?

Ele a encarava entre surpreso e envergonhado. Sendo justa, não era culpa de Fiorenzo que Max estivesse chateado. Mas ela estava desesperadamente preocupada com Maxwell para lidar com o constrangimento do italiano.

Precisava encontrá-lo, e pouco se importava com o que o restante das pessoas a mesa pudessem pensar.



CAPÍTULO 6

Para alguém que sabia que manter as emoções sob controle era essencial na luta contra a dependência alcoólica, Max entendia que tinha reagido de forma um pouco intempestiva demais. Fiorenzo Milano não o conhecia, não conhecia a sua história e os demônios internos que ele enfrentava. Ele não tivera a intenção de ofender Max ou humilhá-lo. Só que foi exatamente assim que ele se sentiu.

Olhando o jovem italiano, bem-apessoado, sucedido, agradável a todos que se dirigiam a ele à mesa e principalmente em como formava um par perfeito ao lado de Brianna, Max não pôde evitar se sentir diminuído. Logo depois, sentindo uma fúria muito difícil de ignorar.

Não era só o problema de ser um alcoólatra, conviveria com isso o resto de sua vida. Teriam jantares de negócios, festas e recepções onde a circulação de bebidas alcoólicas seria inevitável. E a maior parte da luta contra o vício era ser capaz de resistir a ele. Não, o problema não foi apenas a insistência de Milano para que degustassem a garrafa de vinho. Ele estivera irritado e incomodado com o italiano desde que entrara no apartamento de Brianna.

Saber que existia um ex-noivo e que eles tiveram uma história juntos, era muito diferente de ver com os próprios olhos. Ainda assim, não fora isso que deixou Max aborrecido. O que o deixava aborrecido é que não havia motivo algum para se sentir assim.

Brianna era uma jovem bonita, inteligente, atenciosa e amorosa, não apenas com os amigos e família, mas com o próprio Max também. Ele deveria ser o primeiro a ficar feliz que ela encontrasse alguém que a amasse e valorizasse tudo isso. Isso seguia o curso natural da vida. Dois jovens se conhecendo, se apaixonando e ficando juntos. Ele não deveria ter saído da sala tão furioso, estragando o jantar que ela fizera com tanto carinho.

— Droga! — Max passou a mão nos cabelos e olhou, através da parede vazada, os vultos que pareciam paralisados na mesa.

Pensou em voltar e se desculpar. A vergonha e o vestígio de raiva que ele precisava manter controlada o impediu. Parou apenas para pegar o seu terno, que tinha deixado no braço do sofá, e partiu rumo ao elevador. Teria explicações a dar, não era um moleque fazendo birra, embora devesse confessar a si mesmo que parecera exatamente assim. Só que, no momento, não conseguia interpretar suas próprias reações. Também precisava se desculpar com sua família e principalmente com Brianna, mas para isso precisava ter a cabeça fresca.

— Max?

Ele ficou tenso ao reconhecer a voz. Não se virou para encará-la. Ainda não podia.

— Vólte para dentro, Brianna — ordenou, em um tom frio e duro, embora achasse que não tinha o direito a isso — Por favor, volte.

— Não! Vou ficar com você — ouviu seus passos firmes e decididos — Eu não vou voltar.

Max se virou, e Brianna pôde notar a imensa dor contida nos olhos dele. Arrependimento, mágoa e parte de uma tristeza que a sempre fazia querer ampará-lo.

— Por que não? — indagou Max, acreditando que, se mantivesse a postura ranzinza, ela veria que perder tempo com ele seria exatamente isso, perda de tempo — Tem medo de que eu saia para beber, como teve medo de servir o maldito vinho no jantar?

— Não, claro que não é isso. Eu só... Eu vim porque eu... — Brianna se calou, antes que, assim como ele, viesse a dizer algo que poderia se arrepender.

Não era o momento e nem a forma que Brianna queria confessar a ele que o amava.

— Por que eu só quis um jantar tranquilo e feliz com as pessoas que são importantes para mim, na minha casa nova.

O elevador chegou e Max colocou a mão que segurava o terno na porta, impedindo que ela se fechasse. Ele puxou Brianna para dentro junto com ele, mas se escorou contra a parede oposta a ela.

— Desculpe, Brianna — esfregou os olhos, desejando poder afastar a frustração — Estou sempre afirmando que não vou mais machucar ninguém e estou aqui magoando você. Parece que estou preso a esse ciclo que nunca acaba.

Aquilo o irritava muito: querer ter o controle de sua vida de volta e sempre vê-lo escapando entre seus dedos.

— Vamos dar uma volta? — ele a convidou, quando o elevador chegou ao térreo e as portas se abriram.

Ele esperava, até mesmo desejava, que ela recusasse o convite. E mais uma vez foi surpreendido quando ela passou por ele, indo direção à saída. Max se uniu a Brianna na calçada, retribuindo o sorriso doce que ela lhe dava. Iniciaram lado a lado uma caminhada silenciosa.

A noite estava fresca. Apesar disso, Max jogou seu terno sobre os ombros dela, cobrindo as costas nuas. Recebeu de Brianna um sorriso agradecido e teve um pensamento possessivo quando ela abaixou a cabeça e pareceu aspirar o perfume no tecido. Rapidamente ele se obrigou a mudar a linha de pensamento para uma rota mais segura.

Eles chegaram a uma praça e Max apontou um dos bancos para que eles

se acomodassem.

— Desculpe pelo o que eu disse — Brianna estendeu a mão, pegando a dele, entrelaçando seus dedos — Pelo modo que saí e por ter arruinado sua noite.

Ela sorriu e acenou levemente com a cabeça. Com toda certeza teria inúmeras perguntas que gostaria de lhe fazer, concluiu ele.

Sobre o que tinha acontecido no corredor, antes de Fiorenzo chegar, interrompendo-os no que Max acreditava ser o início de uma grande loucura. Ele só quisera agradecer e se desculpar por ter sido tão rude com ela no escritório. E tinha escolhido a joia pensando no que uma jovem, um pouco mais velha que a filha dele, gostaria de ganhar. Mas não foi uma juvenzinha que encontrou ao chegar ao apartamento dela: foi uma mulher linda e deslumbrante.

Claro que ela já vira Brianna bem arrumada antes, o problema é que não tinha reparado nela dessa forma. Estivera ocupado demais pensando na sua recuperação. No acidente da filha e a forma conturbada que ela aceitava a situação. E até mesmo preocupado com Rebecca e Michael.

Só vira Brianna como uma jovem muito doce e encantadora. E a jovem encantadora estava se transformando em uma mulher fascinante, que qualquer homem inteligente ficaria feliz em ter ao seu lado. O problema era que esse homem não poderia ser Max. Ele nem deveria cogitar isso. Ele era um velho – pelo menos para Brianna – alcoólatra em recuperação, com tristezas profundas, e não tinha nada a oferecer a ela. Não era certo arrastar uma menina tão cheia de vivacidade para a turbulência que tinha se transformado a sua vida.

Brianna merecia alguém como Milano. Perfeito para ela e que poderia oferecer tudo o que Max não poderia. Uma vida feliz, filhos, uma família perfeita. Fiorenzo era o melhor para ela, embora constatar isso fizesse com que ele antipatizasse com o italiano. E ela deveria se perguntar qual era o motivo dos olhares hostis que Max direcionava ao casal, e que ele tentava esconder sempre que era flagrado observando os dois. Principalmente por que ele tinha saído da mesa tão irritado?

Mas Brianna não fizera nenhuma dessas perguntas. E Max teve que admitir que maturidade nada tinha a ver com a idade. Enquanto ele saía do apartamento, furioso como um adolescente enciumado, Brianna apenas o acompanhou e entendeu que, algumas vezes, ficar em silêncio era mais importante do que dizer a coisa certa na hora errada. Ela deixou que Max se desculpasse e buscasse a calma e a paz interior que ele precisava. Não ficou crivando-o de perguntas, tampouco de julgamentos. Apenas sentou ali e segurou sua mão.

E foi como se o toque, a energia saindo dela, fosse acalmando-o gradativamente.

— Max?

Ele desviou o olhar das mãos unidas para focar em seu rosto. Como era bonita, pensou. Ele iria se arrepender, mas não conseguiu evitar erguer a mão, passando o polegar em sua bochecha. Quando Brianna fechou os olhos e soltou um suspiro deliciado, Max afastou-se rapidamente.

Já tinha pontuado todos os motivos que tornava isso errado. Então, por que após tanto refletir sobre eles, se sentia tão tentado?

— Nem sempre a gente quer alguém que nos entenda — ela abriu os olhos, e a forma que olhava e falava o fazia supor que não era apenas por ele que falava — Às vezes só precisamos de alguém que fique do nosso lado, segurando nossa mão. Ninguém consegue ser forte o tempo todo. E nem deveria tentar.

Max tivera muitas experiências ruins na vida, mas a vida de Brianna também não havia sido fácil. Perdera a mãe muito cedo, crescera em um orfanato, e a única família que poderia chamar de sua era a de Rebecca.

— Você é sábia demais para uma garota da sua idade, sabia? — indagou Max, colocando em palavras o que havia averiguado antes.

— Então não sou mais, como você diz... — o sorriso tinha um ar de provocativo — menina?

Ele se ergueu do banco antes de responder.

— Ainda é uma menina — disse ele, e quando notou o desapontamento em seus olhos, apressou-se em completar: — Mas é uma bela mulher também. Milano é um homem de muita sorte.

O semblante desapontado mudou para outro que ele não soube identificar. Frustração, quem sabe.

— Talvez. Mas amor não é uma questão de sorte ou escolha — respondeu ela, também ficando de pé — Se eu pudesse escolher amar o Fiorenzo, certamente ele seria a melhor escolha.

A declaração atingiu Max. Causou uma inquietação que não gostava nem um pouco.

— Acho melhor voltarmos — sugeriu ele, carrancudo — Preciso me desculpar com Adrienne e a levar para casa.

Ninguém fez perguntas quando eles retornaram, embora houvesse muitos pontos de interrogação. Cada um alegou um motivo diferente para retornar às suas casas, já que voltar ao ponto onde o jantar fora interrompido seria impossível.



CAPÍTULO 7

Max e Adrienne foram os últimos a se retirar. Não agradou a Brianna vê-lo saindo na companhia da médica. Pelo menos Brianna ficou com o terno dele, ela se consolou, levando-o ao rosto quando se escorou contra a porta fechada. Tinha o perfume amadeirado e o suave toque de canela, que ela apreciava. Poderia soar estranho, mas ela gostava da combinação. Era agradável. O cheiro de Max.

— Acho que devo me desculpar — ela assustou-se com a voz de Fiorenzo e rapidamente afastou o terno do rosto. Tinha esquecido que ele decidira ficar um pouco mais — Por estragar sua noite.

Encarou-o em um canto da sala, apoiado contra a janela, como se tivesse ficado o tempo todo ali, vigiando a noite. Será que ele havia notado como Brianna parecia tola e apaixonada, sonhando acordada com o terno de Max no rosto?, ela se perguntou.

— Você já fez isso.

Fiorenzo se afastou da janela e se aproximou dela.

— De qualquer forma, fui inconveniente — disse ele, claramente arrependido — E insistente. Se eu soubesse...

— Mas você não sabia. É que está sendo difícil para o Max. É tudo ainda muito recente. Ele ainda está trabalhando sobre a confiança, principalmente nele mesmo.

— Você confia nele? — não parecia exatamente uma pergunta.

— Mais do que qualquer pessoa presente nessa noite.

Talvez até mais do que Max confiava em si próprio.

— Claro que eu confio. Max só foi um homem perdido e que por um tempo deixou que a dor fosse mais forte que ele — Brianna sabia que o defendia fervorosamente, mas era algo que não conseguia controlar — Ele é uma pessoa boa. Não; ele é uma pessoa incrível. Acredito nele, sim, mesmo que algumas vezes ele duvide de si mesmo. Ainda assim, eu acredito.

E em poucas palavras, ela revelou a Fiorenzo o que jamais conseguira confessar à sua melhor amiga e nem a ninguém.

— Você gosta dele?

Se ela gostava do Max?

— Eu...

Brianna sempre o vira como um sonho juvenil. Sabe, quando se é adolescente e sonha acordada com o professor bonitão da escola ou com alguma celebridade importante. Agora, trabalhando ao lado de Max, todos os dias, ela

via aquela pequena faísca transformar-se em uma pequena chama que poderia virar um grande incêndio se ela não se policiasse. E depois de hoje, não sabia se queria mesmo se segurar.

Max amara muito Olivia, e Brianna fora testemunha desse amor. Não queria e nem poderia ocupar o lugar dela em seu coração. Olivia havia partido, e o pouco que conhecia dela, sabia que não desejaria que ele guardasse o luto para o resto da vida. Olivia desejaria que ele voltasse a ser feliz ao lado de alguém que o amasse. E, sim, Brianna o amava.

— Ouça, Brianna — Lorenzo se aproximou um pouco mais — Ficarei algum tempo na cidade.

Ele segurou o rosto dela com as duas mãos, e Brianna se perguntou por que não poderia sentir por Fiorenzo o mesmo que sentia quando Max a tocava. Aquele calor e frio na barriga. O coração querendo saltar pela boca e o corpo que, de repente, parecia ficar todo mole.

Dar uma chance a Fiorenzo seria tão mais fácil e seguro. Só que o amor não se tratava de segurança. Amar alguém era como mergulhar de cabeça no escuro. Pular de um precipício sem paraquedas. Arrancar o coração do peito e entregar ao outro esperando que ele não o esmagasse.

— Só peço que você mantenha as possibilidades em aberto — disse Fiorenzo — E que também dê uma chance a nós dois.

— Você sabe que eu não vou poder... — ele a silenciou colocando um dedo em sua boca.

— Não menti quando disse que isso já não importava.

E acreditava nele. Mas até quando o que Brianna poderia dar a ele seria suficiente?

— Só uma pequena chance — sussurrou ele, tocando a testa dela com os lábios antes de ir embora.

E, naquela noite, Brianna foi se deitar com o terno de Max, as lembranças do que aconteceu e o pedido de Fiorenzo povoando sua cabeça.

O amor podia não se tratar de segurança, mas sobre uma coisa ela tinha absoluta certeza: não podia dar uma chance a Fiorenzo sem ter lutado por Max uma única vez.

Em seu quarto, olhando para a carta que Olivia deixara e que ele nunca lera, Max se convencia de que a decisão que tomou ao caminhar tinha sido a certa.

Ele ouviu a batida na porta e guardou o envelope amarelado de volta na caixa, antes de autorizar a pessoa que batia na porta a entrar.

— Max? — A cabeça de Rebecca surgiu no vão da porta — Posso falar com você?

Ele esperava por isso, então fez um sinal na cama para que ela se aproximasse. Ela abriu mais a porta, colocou as mãos nos quadris e ajeitou as costas, como se isso ajudasse a acomodar melhor o bebê.

— E esse menino, quando vem? Olivia dizia que a segunda gravidez foi muito diferente da primeira.

Rebecca sorriu e usou as mãos para ajudá-la a sentar na cama. Ela estava linda, mas Max sabia que o final da gravidez deixava as mulheres cada vez mais ansiosas e desconfortáveis.

— Não é mesmo. Principalmente porque agora tenho Michael ao meu lado. Ele deseja o bebê tanto quanto eu desejo.

Max conseguia compreender. Os dois haviam perdoado um ao outro. Mas embora Michael deixasse o assunto de lado para a tranquilidade de Rebecca, ele não conseguia se perdoar pelas coisas que disse quando achou que a menina não era filha dele e por todos os anos que passou longe das duas.

— Não é que não tenha desejado Olivia. Fiquei muito feliz quando soube dela. Eu só me sentia sozinha — disse ela — Mesmo com meus pais, Brianna e Ryan, quem eu queria mesmo ao meu lado era Michael.

E foi por esse motivo que Max nunca guardou rancor de Rebecca, quando ela decidira usar ele e Caroline para se vingar de Michael. Por trás de tanta raiva, havia um coração machucado que só queria ser amado de volta.

— Mas não estou aqui para falar de mim — disse ela, passando a mão no ventre — Quero saber como você está.

Ele não duvidava que ela tivesse perguntas. Ele reagira além do normal no jantar, com a sugestão da bebida. E havia algo novo sobre sua família que Max avaliava se era bom ou mau. Eles não deixavam mais que ele se encolhesse em um canto, lambendo as feridas.

— Estou bem. Não queria que você ou Michael se sentissem preocupados. Não foi o que Milano disse que me incomodou — não era toda a verdade, mas a única que poderia dar a ela — Foi o fato de vocês terem que lidar com a situação. E a certeza de que, infelizmente, poderá acontecer muitas vezes.

A verdade era que Max não podia colocar uma gota de bebida de volta na boca. Aquele negócio de “eu posso me controlar” era uma desculpa que todo viciado usava para não enfrentar seus problemas. E a partir do momento que ele decidiu enfrentar o vício e se inserir entre as pessoas, tinha que saber que o mundo não mudaria por causa dele. Ninguém lutaria suas lutas por ele.

— Batalhas são apenas isso, Max, apenas batalhas — disse Rebecca — Por quem ou por que lutamos é o que importa. Todos nós cometemos erros e todos

nós podemos recomeçar.

Ele achava surpreendente que duas garotas, tão jovens, dissessem praticamente a mesma coisa. Não que ele já não tivesse escutado isso de sua psicóloga ou no grupo de apoio no A.A. Mas vindo de Rebecca e Brianna, tinha um peso maior. As duas realmente conheciam sua história.

— Obrigado, querida — ele segurou a mão dela — Pelas palavras e por acreditar.

— Ah, Max, todos nós acreditamos em você.

— Vejo isso como uma grande responsabilidade.

— Acho que deveria ver como um incentivo a mais — disse ela — E não nos desapontar e principalmente desapontar a você mesmo.

— Você está certa.

Mais uma vez ela tinha razão. Pessoas lutavam contra doenças, lutavam por seus sonhos, por justiça, pessoas lutavam por algo todos os dias. Max tinha mais sorte do que muitas pessoas. Ele tinha um trabalho, patrimônios, amigos e uma família incrível. Ele precisava parar de ser um bebê chorão e enfrentar o resultado das escolhas que ele mesmo fizera.

E não precisava temer fraquejar colocar uma gota de álcool na boca, porque ele tinha algo muito mais forte que o maldito vício na bebida: o amor das pessoas que ele amava.

— E sobre o Enzo — disse Rebecca — Ele não é sempre inconveniente como pareceu. Não quero que fique chateado com ele.

— Você o conhece bem.

— Foi namorado de Brianna...

Namorado? Max pensou ter ouvido que tinham sido noivos.

— Sempre achei que formavam um lindo par — continuou ela — Então, um dia, simplesmente terminaram.

Fiorenzo e Brianna tinham ou não ficado noivos? E se ficaram, por que Rebecca nunca soube disso?

— Eu o convidei para jantar aqui qualquer dia desses. Espero que não se importe.

— Essa casa é sua. Tem o direito de convidar quem desejar. E não, eu não me importo.

Aquilo era realmente verdade? A mansão Hunter pertencia a Max, ou melhor, ele ainda pertencia à casa? Vivera momentos felizes ali, com a esposa e os filhos, mas talvez estivesse na hora de mudar. Crescer não era privilégio apenas das crianças, adultos também cresciam, durante toda a vida. Tinha que parar de pensar sobre isso e começar a agir.

— Essa casa é nossa — contestou Rebecca, levantando-se da cama.

Antes de chegar à porta, ela tornou a virar para ele.

— Max? Posso fazer uma última pergunta?

Ele assentiu com a cabeça.

— Você e Brianna... — ela mordeu os lábios como se tivesse receio de continuar — Se dão muito bem, não é?

— Ela é uma jovem encantadora. Poderia ser minha filha.

Mas não era.

— É assim que você a vê?

— Exatamente.

Uma mentira segura e deslavada.

— E a Dra. Brown?

— Adrienne? — ele enrugou a testa, surpreso com a indagação — O que tem ela?

— Você gosta dela? — ela sorriu — Não como uma filha, claro.

— Não sou o que Adrienne precisa agora — confessou Max — O marido dela também foi alcoólatra.

Era visível para Max, como depreciar a si mesmo chateava Rebecca.

— Vícios iguais, homens diferentes — ela contrapôs — É por isso que é resistente?

— Não posso ficar com Adrienne. Como também não posso ficar com qualquer outra pessoa.

— Por causa de Olivia.

Era complicado Max ter que explicar isso a ela.

— Olivia não ia querer isso. Que se tornasse um homem solitário.

Max olhou para a caixa onde a carta fechada estava guardada e estivera por anos.

— Você não estava aqui, Rebecca — murmurou secamente — Não sabe o que a Olivia queria.

Foi um pouco duro com ela, sabia o quanto não ter estado ao lado de Olivia, em seus últimos dias de vida, a magoara. Mas Max precisava tirar qualquer ideia romântica sobre ele de sua cabeça.

— Tudo bem — murmurou ela antes de sair.

Max pegou a caixa em cima da cama e guardou-a no fundo do closet. Fizera uma promessa, e estava determinado a cumpri-la.



CAPÍTULO 8

Brianna estava animada e feliz como há muito tempo não ficava. Estava determinada a conquistar Maxwell, e quando qualquer mulher apaixonada colocava algo na cabeça, nada poderia mudar.

— Bom dia, Srta. Gibbs — cumprimentou Loren assim que ela chegou ao escritório — Nossa, está muito bonita hoje.

Não era um elogio educado. Brianna havia caprichado no visual. Ao invés do terninho e saia combinando que costumava usar, ela escolheu um vestido azul-marinho, de manga três quartos, tubinho com fenda, muito justo e que destacava todas as curvas que desejava realçar. Não era um vestido que normalmente usaria para trabalhar. Não era vulgar ou qualquer coisa do tipo, mas era inegável que chamava atenção. E ela também deixou os cabelos soltos, o que geralmente não fazia. Se ela queria seguir em frente com o plano de conquistar Max, fazendo com que a enxergasse além da garotinha que não podia tocar, tinha que jogar duro.

— Obrigada, Loren. O Sr. Hunter já chegou?

— Há alguns minutos.

Perfeito. Ela não queria ter chegado antes de Max. Queria que a atenção dele estivesse nela quando entrasse. Respirou fundo, alisou a saia do vestido e finalmente entrou.

É claro que imaginar e vivenciar a situação eram coisas completamente diferentes. Em seus devaneios no fim de semana, Max olharia para ela surpreso. Não qualquer olhar, mas aquele olhar de quem seria capaz de devorar cada centímetro dela, e não conseguiria desviar os olhos até Brianna acomodar-se em sua mesa.

Ele passaria as primeiras horas da manhã resmungando pelos cantos, porque sua vontade mesmo era jogar os papéis de cima da mesa, deitar Brianna sobre ela e esquecerem que estavam na Hunter Farm.

Obviamente que nada daquilo aconteceu. Maxwell estava estudando alguns documentos em sua mesa e sequer ergueu o olhar quando a porta foi aberta.

Brianna caminhou até sua mesa, colocou a bolsa sobre ela e sentou na quina, em uma posição que achou sensual. Ou que achou que Max acharia sensual.

— Bom dia, Maxwell! — ela duvidava que seu tom empolgado pudesse ser ignorado.

— Bom dia, Srta. Gibbs.

Max não apenas a ignorou completamente, com o olhar focado nos malditos documentos, como a chamou de Srta. Gibbs. O que tinha acontecido com

o “*vamos nos tratar de forma mais casual*”?

Decepcionada?

Não!

Estava mesmo muito irritada e frustrada com Maxwell.

— Bom dia, Sr. Hunter — disse num resmungo. Desfez a pose ridícula e ocupou seu lugar, praticamente bufando.

Nas horas seguintes, Brianna fez exatamente o que Max fizera com ela: concentrou-se no trabalho e o ignorou o máximo possível, pelo menos quando achava que podia ignorar.

Foi perto do horário de almoço, quando teve que levar uma pasta até ele, e que Max foi obrigado a olhar para ela, que Brianna notou que o papel que ele desempenhava, o de senhor-eu-não-estou-a-fim-de-garotinhas, foi revelado. Assim como ela chegara ao escritório disposta a conquistá-lo, ele tinha erguido muralhas para tentar evitá-la.

Brianna não precisava se empenhar ao extremo para que Max a visse como uma mulher adulta e atraente. Já estava acontecendo.

Quando isso mudara? No apartamento dela, enquanto colocava o colar em seu pescoço, naquele breve e inesquecível momento de intimidade? Ou fora quando caminharam e sentaram naquela praça?

— Obrigado — pigarreou ele.

E voltando ao jogo “*Ignorar Brianna é o Melhor Caminho*”, Max desviou o olhar, não sem antes fazer uma varredura discreta sobre o corpo dela. Demorando tempo suficiente em suas nádegas — bom, o tempo suficiente para que ela percebesse.

— Bom, caso não precise mais de mim, vou sair para almoçar — disse ela, satisfeita pelo pequeno passo que conseguira avançar — Com o Enzo.

Não era uma mentira apenas para deixá-lo com ciúmes. Tinha respondido uma mensagem de Fiorenzo, onde ele a convidava para almoçar. Não queria fazer o joguinho *usa um para provocar o outro*. Quando aceitara, ainda estava chateada com Max. E Fiorenzo havia pedido que desse uma chance aos dois, e foi exatamente isso que Brianna fez. De qualquer forma, era um almoço com um amigo que ela apreciava muito.

— Não esqueça que temos videoconferência às duas — ele resmungou.

Brianna voltou para sua mesa, mexendo o quadril mais do que o normal, pois ela sabia que Max estaria olhando. Era apenas nos romances que a mocinha não sabia quando um homem estava interessado nela. Uma mulher real sabia quando um homem olhava para ela, mesmo que fosse como Max, lutando contra isso.

— Não esquecerei — disse ela, levando um tempo maior do que

necessário para se curvar e pegar a bolsa.

No dia seguinte usaria uma saia mais curta ou uma blusa decotada.

Foi com um sorriso no rosto e o figurino do dia seguinte na cabeça, que Brianna saiu do escritório.

Assim que a porta bateu às costas dela, Max se permitiu relaxar. Os músculos do pescoço e ombros estavam tensos. Tentar ignorar Brianna, fingir ignorá-la, na verdade, tomou grande parte de sua energia e concentração. Ela não era uma mulher que poderia ser ignorada facilmente.

Mulher? Brianna era uma garota, e ele tinha que manter isso bem claro em sua cabeça.

Acontece que, jovem ou não, proibida ou não para ele, Brianna era linda e sensual. E agora que sua mente não estava mais constantemente entorpecida pela bebida e que as angústias dele não tinham o mesmo peso de anos atrás, Max conseguia perceber isso.

Ele não tivera outra mulher depois de sua esposa Olivia. A bebida fora sua companheira fiel e a única que lhe importava. Agora seu corpo e mente reagiam a uma mulher atraente como qualquer homem normal. E para os homens, atração, sexo e amor, eram coisas completamente diferentes. Um homem conseguia desejar ou ir para a cama com uma mulher sem ter qualquer sentimento por ela – apenas sexo. E Max não era muito diferente de todos os homens do mundo. A única diferença, e que o fazia ficar distante, era que não poderia seguir em uma aventura louca com Brianna e descobrir depois que fora um erro.

Embora ela quisesse negar, Brianna era parte da família. Sua neta Olivia a adorava. Rebecca a amava como irmã. Michael sentia um grande carinho e gratidão por ela. E seus amigos, Nicholas e Laura, a tinham como filha. Ele não conseguia nem imaginar o que os Summer diriam ou fariam com ele se descobrissem.

Precisava ficar longe de Brianna. O problema é que ela havia notado que Max mudara sobre ela e já não a via mais como a garotinha amiga de seu filho. A roupa sensual e provocante com que ela viera trabalhar hoje provava isso.

E, ah, ele tinha notado.

Ele notou como o tecido do vestido grudava à sua pele, modelando as curvas, instigando a imaginação do que poderia estar por baixo. E ele se lembrou do breve momento que a tocou no apartamento dela para colocar o colar. Dos seus dedos tocando a pele macia. Naquele mesmo momento, assim como toda a manhã, ele se perguntou se o restante do corpo dela seria assim – suave como

pura seda.

Não. Ele não podia pensar essas coisas sobre Brianna. Era errado. Era nojento. Ele deveria ser como um pai para ela. Deveria pensar em Olivia, concluiu, pegando a carta que colocara no bolso interno de seu paletó, antes de sair de casa. Sua amável e adorada esposa com quem dividira os melhores momentos de sua vida. Não deveria pensar em Brianna e seu sorriso doce. Brianna e seu olhar calmo. Brianna e suas palavras maduras e incentivadoras. Brianna e seu perfume...

Uma batida na porta libertou Max dos malditos pensamentos. Ele tinha que manter firme a resolução de ficar longe de Brianna. Dizer isso a si mesmo estava ficando cansativo, mas não havia outro caminho. E se não fosse forte como acreditava ser, teria que dispensá-la do cargo de sua assistente. Isso a deixaria decepcionada, mas seria para o bem de ambos.

— O Sr. Summer está aqui, senhor — Loren apareceu na porta.

Nicholas estava na Farm, e Max tinha noção do motivo que o fizera procurá-lo. Seu amigo não era burro. Obviamente tinha percebido que a saída repentina e passional demais dele, durante o jantar, não foi apenas devido à insistência de Milano e constrangimento de Max em relação ao vinho.

— Pode mandá-lo entrar.

Ele se levantou, escondeu a carta rapidamente e aguardou Nicholas surgir na porta.

— Max? — Nicholas exibia um sorriso tranquilo e acolhedor.

Mas isso não o deixou nem um pouco mais tranquilo. Nicholas sabia muito bem como aniquilar o inimigo com um sorriso no rosto.

— A que devo sua visita? — indagou Max, oferecendo uma cadeira para que ele sentasse.

O banco de Nicholas fora responsável pelo empréstimo onde Rebecca fizera melhorias na Farm. Era natural que ele viesse averiguar onde o dinheiro dele foi investido, mas Max desconfiava que negócios não fosse o real ou único motivo dele estar ali.

— É bom ver você na ativa de novo — respondeu Nicholas, ao se acomodar — Fico muito feliz por você.

A sinceridade nas palavras de Nicholas o tocou. Assim como Rebecca e Brianna se viam como irmãs, fora assim com Nicholas a sua vida toda. Decepcionar esse homem, seu irmão, mais uma vez, arrasaria Max.

— Estou tentando, meu amigo.

— E irá conseguir. Isso aqui sempre foi sua vida, depois da Olivia... — ele pausou por um instante — e seus filhos.

Ouvir falar de Olivia já não doía mais como no início. O tempo

realmente curava as feridas, e se ele tivesse certeza sobre isso sete anos atrás, nunca teria aberto a primeira garrafa de uísque. Não que ele tivesse se recuperado completamente. Sempre existiria uma parte de seu coração que sentiria uma leve dor ao se lembrar dela. Mas já não era mais como se não fosse capaz de respirar.

— Eu deveria ter focado na Farm e minha família, ao invés de uma garrafa de Walker — disse a ele, ao se acomodar — Veio ver como anda seu investimento?

— Isso, entre outras coisas.

Max pigarreou e se acomodou na cadeira.

— Acho que outras coisas é o principal motivo.

O que Nicholas precisava dizer era assunto de homem. Se fosse sobre negócios, teria enviado algum de seus gerentes. E se fosse trivial, o teria convidado para sua casa, mas estava claro que não desejava envolver Laura no assunto.

— Em primeiro lugar, queria te pedir perdão — disse Nicholas — Por não ter sido um bom amigo naquela época e ter me afastado mais ainda depois. Devia ter enxergado que vocês precisavam de ajuda.

O afastamento dos dois não se dera exclusivamente por culpa de Nicholas. Ele também não ajudara muito o amigo, depois que a esposa ficou doente. Enquanto Max perdia a esposa para uma doença cruel, Nicholas perdia Laura para a tristeza e o rancor que ela carregava no peito pelos anos longe da filha sequestrada.

Quando Olivia estivera doente, Laura estivera amarga e deprimida. O casamento deles quase acabou por isso. Nada do que Nicholas tentava fazer para animar a esposa adiantava.

— E quando Rebecca voltou, não tive apenas a minha filha de volta. Eu tive a minha mulher de volta — ele disse, em um tom rouco que evidenciava sua emoção — A Laura que eu conheci. Que nós conhecemos. Eu só queria manter a minha família unida, enquanto a sua se destruía diante dos meus olhos. Por isso eu devo um pedido de perdão.

— Não tenho o que se perdoar, Nick — disse Max — Eu poderia ter te pedido ajuda se eu quisesse. No seu lugar, acho que não teria feito nada de diferente, e você sabe disso.

Ele lutou por Laura, assim como Max lutou por Olivia, com todas as suas forças, pelo tempo que conseguiu lutar.

— Agora, acho que há algo mais que deseja falar — continuou Max.

— Brianna — disse Nicholas.

Ao mesmo tempo em que ele abria os dois botões que fechavam seu terno e se inclinava para frente, Max se inclinava para trás em sua cadeira.

— O que tem ela?

— Você sabe que ela se sente atraída por você, há algum tempo? Mas a minha principal pergunta é: o que você sente em relação a ela?

Que Nicholas desconfiasse que houvesse alguma tensão entre os dois, era natural. O que o deixou surpreso foi o amigo deixar declarado que os sentimentos de Brianna sempre estiveram tão claros para ele. Mesmo Max tendo percebido há alguns dias.

— Ela é uma jovem encantadora.

— Mas não é só isso.

— O que você quer que eu diga? Que Brianna é uma mulher bonita? Atraente? Interessante? — indagou Max, um pouco agitado — Sim, ela é tudo isso. E também sei da grande diferença de idade entre nós.

— Bobagem. Homens se relacionam com mulheres mais novas desde que o mundo é mundo.

— Mas eu não sou assim.

Não era incomum no meio deles, entre empresários de sucessos, homens que se relacionavam com mulheres mais novas. Algumas vezes existiam relações sinceras, e na sua maioria, troca de interesses. Mulheres buscavam homens que podiam ampará-las financeiramente, e eles tinham o ego amaciado em troca. Mas Max se casara jovem e completamente apaixonado pela esposa. Ele não era um homem de meia-idade tentando se firmar como um garanhão.

— Além disso, você não tem nada de velho — seguiu Max — Qualquer mulher jovem, ou não, o acharia interessante.

Ele avaliou o amigo por um momento. Em seus quarenta e tantos anos, exibia um físico bem cuidado. Max não estava exatamente como ele. Os anos de vida sedentária e viciosa deram uma bela desvantagem em relação a Nicholas. Nos bons tempos, ele utilizara diariamente a academia bem equipada da mansão Hunter, além de corridas matinais ao lado de Olivia, quando ela tivera energia para isso.

Agora ele voltara a correr. Não recuperara a grande forma de anos atrás, mas perdera completamente o aspecto relaxado e doente. E correr, para Max, era mais um momento onde conseguia pensar do que algo relacionado à estética. Ele sabia que era um homem interessante e que os exercícios físicos contribuiriam ainda mais. Mas, ainda assim, não podia fingir ignorar que existia uma diferença de idade notável entre ele e Brianna.

Parecia que Max desejava sempre o que não poderia ter. Quis que a esposa se curasse; ela partiu. A bebida foi, por um longo tempo, sua muleta, e precisava lutar contra ela, se quisesse ter sua dignidade e família de volta. Desejava Brianna, porém não poderia tê-la.

— Olha, Max, você deve saber que Brianna é como uma filha para Laura e eu — iniciou Nicholas — Foi todo apoio de Rebecca desde que se conheceram, no orfanato. Por muito tempo, elas foram tudo uma para a outra. Tirando minha filha, depois nós, ela não tem mais ninguém no mundo que zeze por ela.

E era por saber tudo isso que Max lutava contra qualquer sentimento que pudesse nascer entre eles.

— Infelizmente, já a conheci quase uma adulta, ou a teria adotado como eu fiz com o Ryan. Mas ela é minha filha de coração. Não quero vê-la sofrer.

E Max podia fazê-la sofrer. Ele sentia isso. Então ele estava pronto para fazer a segunda promessa mais difícil da sua vida.

— Não vou me envolver com ela, fique tranquilo.

Nicholas o encarou atentamente e se empertigou na cadeira.

— Não estou proibindo os dois de se relacionarem. Brianna é adulta e tem direito às escolhas dela — disse ele e levantou a mão, impedindo de ser interrompido — Você também merece reconstruir sua vida. Só peço que tenha certeza e seja cuidadoso. Você é como um irmão para mim, mas Brianna é minha filha. Não duvide no lado de quem eu ficarei, caso o coração dela saia machucado.

Max não conseguia ficar decepcionado ou se sentir traído por Nicholas. No lugar dele, agiria da mesma forma. Não importava que entre ele e Brianna não existisse um laço de sangue; o laço afetivo importava tanto e até mais.

— Eu não...

— Não me diga nada agora — Nicholas se ergueu — Apenas pense a respeito.

Pensar é tudo o que ele tinha feito desde o fatídico jantar. A conclusão sempre era a mesma.

Brianna não era para Max.



CAPÍTULO 9

Brianna estava atrasada. A videoconferência já deveria estar em andamento, ou quase no final, e Maxwell, com certeza, estaria preocupado com ela.

O almoço demorara mais do que o normal, porque ela decidira ser honesta com Fiorenzo sobre seus sentimentos e de que não poderia usá-lo como arma para chamar a atenção de Max. Brianna não fazia joguinhos, e se sentira mal em ter concordado com o almoço, levada pela raiva. A sua surpresa maior foi que Fiorenzo não pareceu se importar. Depois de ter colocado fim ao relacionamento deles, estava disposto a lutar e esperar por ela até o último momento.

Mas não foi a longa conversa entre eles que causou o atraso de Brianna. Um acidente parara a avenida principal que levava à Farm, e depois de quase uma hora presos no trânsito, Brianna decidira terminar o caminho a pé. O que exigiu dela, pelo menos, trinta minutos andando, que de salto parecia ser uma hora.

Quando chegou à sala de conferência, esbaforida, suada e descabelada, Max saía da sala com Loren ao seu lado. Ele a olhou de cima a baixo, e um olhar frio caiu sobre ela.

— Max, desculpe pelo atraso...

— Lidamos com tudo muito bem sem você, Srta. Gibbs. Só tente programar suas... — ele vacilou, depois disse em um tom glacial: — aventuras românticas.

Aventuras românticas? Maxwell estava ousando sugerir que o desmazelo e o atraso de Brianna devia-se a aventuras sexuais com Fiorenzo?, ela se questionou, chocada.

— Ou às saídas para compras, de um jeito que não atrapalhe o seu trabalho.

Dito isso, Max passou por ela, deixando-a atônita e envergonhada. Brianna olhou para Loren, que estava vermelha devido ao constrangimento que as palavras duras de Max causaram e fugiu dela o mais rápido possível.

E também enfureceu Brianna. E foi se sentindo assim, furiosa, que ela retornou à sala da presidência.

— Sei que devo me desculpar novamente — ela enfatizou o *novamente* para chamar a atenção de Max, quando entrou — Por não ter conseguido chegar a tempo da reunião. Houve um acidente a caminho daqui...

— Acidente? — Max varreu o corpo dela com o olhar — Está

machucada?

A sinceridade da pergunta e a preocupação genuína fizeram a raiva de Brianna retroceder.

— Não fomos envolvidos, apenas ficamos presos no trânsito. Caminhei quase uma hora para chegar aqui — Max olhou do rosto dela para os saltos que usava — Tentei chegar a tempo, mas sabemos que não consegui. De qualquer forma, deixei tudo pronto essa manhã. Fico feliz que Loren conseguiu me substituir e tenha dado tudo certo. Isso prova que não sou tão necessária.

Depois de se justificar, Brianna empinou o queixo e caminhou lentamente até sua mesa. E ela não sabia o que a fazia querer chorar mais: a bronca, de certa forma, injusta de Max — mesmo sob o ponto de vista dele estando certo — ou os dedos dos pés que pareciam querer matá-la.

— Sinto muito pelo o que eu disse — o lamento de Max fez Brianna erguer o olhar. Ele tinha saído de sua mesa e estava parado na porta.

Max a olhou por um instante. Nunca tinha realmente olhado para Brianna. Depois que Rebecca partiu de suas vidas, não pensara muito sobre a nora — sequer pensara em seus próprios filhos. Por isso, a pouca lembrança que possuía de Brianna não passava de um mero borrão de um jantar e uma noite incrível que tivera com a esposa.

Olhando Brianna agora, talvez pela primeira vez, via a jovem bonita que ela tinha se transformado. Uma jovem que um homem inteligente teria a sorte de manter ao seu lado.

— E você é necessária — disse ele.

Pela segunda vez em menos de vinte minutos, Max saiu, deixando-a atônita. Dessa vez por uma razão completamente diferente. Ele afirmara que ela era necessária. Algum dia confessaria que a desejava também?

Porque, assim como o céu era azul e as nuvens eram brancas, Maxwell Hunter estava atraído por Brianna, e ela não deixaria que ele fugisse disso.

Max precisou de alguns minutos para se acalmar. Agira como um tolo novamente. Enchia a boca para enaltecer a diferença de idade entre ele e Brianna, mas era ele a agir como um adolescente imaturo.

Estava cansado de inventar para si desculpas que não convencia a ninguém. Depois que Nicholas tinha ido embora, após levantar questões que o atormentavam tanto, Max se sentiu encurralado.

Mentia para o amigo. Mentia para Brianna, mas não podia mentir para si mesmo. Passara boa parte da videoconferência, a qual Brianna não participou, se perguntando onde estava e o que estava fazendo.

Quando a vira chegar, desalinhada — e ainda assim, linda — ficara enraivecido. E o jogo “eu a quero, mas não posso te ter”, minou o pouco de racionalidade que ainda tinha.

Ciúme. Desejo. Frustração.

Uma mistura de sentimentos que levaram Max a tratar Brianna como tratou. Imaginá-la na cama com o italiano fora o limite e o deixara maluco. E depois de meses sem colocar uma gota de álcool na boca, Max sentira a necessidade de anestesiar os conflitos que carregava dentro de si — desejo e angústia em ter que se manter longe.

Ele não saiu da sala e foi para o primeiro bar que encontrasse se afogar na bebida. Não; ele uniu toda sua frustração e se lançou no trabalho. Depois de visitar a área de pesquisa onde desenvolvia um remédio que combateria o tipo de câncer que matou Olivia e verificar que as pesquisas avançavam positivamente, ele retornou à sala da presidência. Ao lado de Brianna, silencioso e envergonhado.

E trabalharam nesse clima, um pouco estranho nas horas seguintes, até Max dar-se conta de que o “vamos ficar um pouco mais”, que dissera a Loren quando ela encerrou seu expediente, tinha durado quase duas horas.

Trabalhar com Brianna, mesmo com a carga de tensão sobre eles, era uma coisa prazerosa. Os minutos passaram sem que eles percebessem. Ele gostava de sua forma de pensar, que muitas vezes batia com a dele. Os dois eram bons juntos e era uma pena que viesse a acabar.

— Já escureceu — disse ele, olhando a noite caindo através da janela — Vamos acabar por hoje.

Brianna concordou, e com um gemido dolorido, calçou novamente os sapatos que havia tirado e colocado debaixo da mesa, confirmando que ela andara bastante em cima dos saltos altíssimos. O que fez a consciência de Max o acusar mais uma vez.

— Droga. Esqueci que Loren já foi — disse ela, com pesar, quando se ergueu — Vou pedir um táxi.

O apartamento de Brianna não era longe da Farm. Max sabia que sua secretária geralmente dava carona a ela, e quando não podia, Brianna usava o serviço de táxi.

— Eu levo você.

Eles realmente se perderam no trabalho. A maior parte dos funcionários já deveria ter ido embora, ficando aqueles que cumpriam o horário noturno, em sua maioria, os que faziam a segurança.

Uptown era uma cidade tranquila, não passava das oito da noite, mas Max não se sentia tranquilo deixando-a andar sozinha.

— Não precisa, posso pegar um táxi.

— Eu levo você, Brianna — insistiu Max. Quando os dois tocaram a maçaneta da porta, juntos, ele sussurrou: — Isso é inegociável.

Ele se afastou dela e do choque que o contato entre eles causou. Chegou ao elevador e segurou a porta para que Brianna entrasse, garantindo manter certa distância entre eles.

— Max. — ele se curvou em direção ao sussurro dela — Eu queria dizer...

Quando ela ergueu o olhar, Max se deu conta de como os olhos claros dela eram bonitos. Eles o faziam lembrar o mar do Caribe. Brianna causava em Max algo que há muito tempo não sentia — paz e tranquilidade.

O que Brianna teria a confessar foi interrompido pelo tranco do elevador e as luzes internas, que começaram a piscar loucamente.

— O que foi isso? — indagou Brianna, arregalando os olhos.

Max observou que tinham chegado até o quarto andar antes de o painel piscar algumas vezes, deixando uma iluminação fraca.

— Acho que parou — disse Max, apertando os botões na tentativa de fazer as portas se abrirem. Apesar do esforço, nada aconteceu — Estamos presos.

— Presos? — gritou Brianna, apertando a bolsa contra o peito — Trancados aqui dentro?

— Acho que sim.

— Ai, meu Deus! — Brianna voou de uma ponta a outra do elevador, batendo desesperadamente contra a porta — Socorro! Alguém aí?

Max colocou a mão sobre o ombro dela. Se ela continuasse a agredir a porta com tanta força como fazia, acabaria saindo com as mãos machucadas.

— Brianna?

— Por favor! Ajudem, por favor!

Max a obrigou a ficar de frente para ele. O terror que via transbordar dela o deixava preocupado. Era mais do que preocupação de ficarem alguns minutos aguardando socorro.

— Brianna? — ele se aproximou lentamente — Você tem medo de lugares fechados?

Max a sentiu estremecer.

— E de lugares escuros também — ela balbuciou, fechando os olhos — Eu não posso ficar aqui, Max. Não posso!

— Ei, tudo bem — ele a puxou mais para si, passando os braços em volta dela — Respira, Brianna. Apenas respira. Vão perceber que estamos presos e...

Seu discurso foi interrompido quando as luzes piscaram mais uma vez,

deixando-os na completa escuridão. Brianna saltou no lugar e agarrou a camisa de Max. Seus dedos tremiam contra o peito dele. E ele se sentiu compadecido pela angústia dela.

— Logo irão nos tirar daqui — ele sussurrou e a abraçou mais forte, passando a mão pelas costas dela, na tentativa de acalmá-la — Vamos ficar bem.

Levou alguns minutos, talvez dois ou três, para Brianna começar a se acalmar. a respiração agitada transformou-se em pequenos suspiros que o desestabilizavam, na mesma medida que as lágrimas que umedeciam a camisa dele.

— Vamos ficar bem — ele repetiu e apoiou o queixo sobre a cabeça dela, inalando profundamente.

O que foi um erro, ele percebeu. Seus cabelos tinham um perfume adocicado. Lembrava a glicínia, uma das plantas que cultivavam na clínica que ele esteve internado. Max ergueu a mão e tocou os cabelos de Brianna. Foi um segundo equívoco. Maior que o primeiro, mas que ele não conseguiu evitar.

Quando seus dedos afundaram nos fios macios, Max fechou os olhos e inalou o perfume, mais uma vez. Havia muito tempo que não tinha um corpo feminino tão próximo ao dele. Há anos, na verdade. Vivera em completo celibato enquanto estivera preso à sua dor.

— Max? — Brianna afastou a cabeça, e pelo movimento, ele sabia que tentava enxergá-lo, apesar da escuridão.

Sua mente dizia que deveria se afastar dela, mas o seu corpo, voluntarioso e traiçoeiro, dizia o oposto. Era uma briga tão poderosa como a que tinha contra a garrafa de uísque. O corpo desejava o que Max não tentava lutar contra.

Desejo.

A tensão bateu sobre ele com a mesma velocidade de um raio. Ficou retesado. Reação que não passou despercebida a Brianna. Sua mão trêmula tocou o rosto dele. Respirou fundo pela terceira vez, e era como abrir a tampa da garrafa e fingir que apenas sentir o aroma era suficiente.

Era injusto que comparasse Brianna a algo tão nocivo, mas deixar-se levar pelas sensações que o corpo delicado provocava nele era errado também.

Ele ficou muito tempo sem sentir o toque macio de uma mulher. Sem sentir o calor e o formigamento que o fazia se sentir vivo. Ele deveria se afastar. Tinha que fazer isso.

— Max? — Brianna se aproximou mais, se é que era possível, e parecia pensar completamente diferente dele.

— Você é como qualquer outra droga — disse a ela — Atraente, misteriosa, tentadora e que facilmente pode levar à destruição.

E antes que ela pudesse negar a acusação, as bocas se uniram. Era inadequado e louco. Mas Max não conseguia mais resistir saber como era sentir os lábios dela nos seus.

Macios, doces e irresistíveis.

Iniciara como um toque sutil, como se ele sondasse até onde teria coragem de ir. Só que uma gota, apenas um gole, nunca fora o bastante para ele. Max precisava provar a garrafa toda. Suas mãos prenderam os braços dela. Dois passos foram suficientes para pressioná-la contra a porta do elevador. Corpo contra corpo, e o beijo que iniciara terno e comedido, transformou-se em labaredas luxuriantes, fazendo a pequena faísca dentro dele se transformar em uma grande explosão.

Ele era um homem, que permitia que o desejo de seu corpo fosse mais forte que ele.

Ela era uma menina, que não tinha a mínima ideia de onde estava se metendo.

Ele era um homem, um homem destruído, tentando se reerguer.

Ela era uma menina, poderia ser sua filha, e não tinha o direito de machucá-la, como sabia que iria acontecer.

Ele era fraco!

Ela era uma menina.

Um pecado do qual ele deveria fugir. Mas não fugiu.

Então as luzes voltaram a acender. Max interrompeu o beijo.

— Brianna — ele tirou suas mãos dela e rapidamente se afastou.

Os braços penderam ao lado do corpo, derrotados.

— Isso não deveria ter acontecido — ele passou a mão nos cabelos e deu as costas a ela — Foi um erro.

— Erro? — Max quase não ouviu a pergunta enfraquecida — Max, você correspondeu.

E ele gostou.

O que tornava tudo mais perigoso. Brianna poderia se tornar um vício que ele não podia sucumbir.

— E foi um erro ainda maior — quando Max virou para ela, notou a mágoa que suas palavras causaram — O elevador, a breve falta de energia, a tensão. Estava apenas consolando você, Brianna. É natural que tenhamos confundido tudo.

Ela abriu e fechou a boca. Solto um grunhido, e quando Max acreditou que o enfrentaria como normalmente faria, o elevador voltou a se movimentar. Eles se encararam de forma pujante. Cada um carregando uma irritação e frustração diferentes.

— Eu... — Brianna deu um passo em direção a Max.

E paralisou quando as portas foram abertas.

— Tudo bem por aqui?

Dois homens da segurança estavam parados em frente ao elevador.

— Estamos bem — ele respondeu, e Brianna soltou um resmungo irônico — O que aconteceu?

— Sr. Hunter, peço que nos perdoe — disse o segurança, com o nervosismo impregnado em cada palavra — Estamos testando os novos elevadores. Não sabíamos que o senhor e senhorita ainda estavam no prédio.

Enquanto ouvia as justificativas do segurança, Max notou Brianna passar rapidamente por eles.

— Tudo bem, senhor...

— Serrano — informou o segurança — Elpidio Serrano, chefe da segurança.

— Não se preocupe, senhor Serrano — Max o afastou de forma impaciente — Continue o seu trabalho.

Max caminhou apressadamente em direção à saída. Viu Brianna cruzar as portas de vidro, mas quando alcançou a calçada, ela entrava em um táxi que havia parado. Ainda tentou correr até ela, mas o veículo partiu assim que chegou à rua.

— Droga! — chutou a guia como se ela tivesse a culpa de ele ter agido como um imbecil.

Não podia ter deixado que Brianna partisse sem deixar as coisas esclarecidas entre eles. O que dissera a ela, antes dos seguranças os interromperem, era a verdade. Os dois tinham se deixado levar pela tensão do momento. Ele não tivera a intenção de abusar da fragilidade e da confiança que depositara nele, quando o abraçou em busca de conforto. Beijara-a guiado por um impulso. Em uma situação normal isso jamais teria acontecido, ele afirmava.

Diabos! Ele nunca havia olhado para Brianna além da jovem irmãzinha da mulher de seu filho. Mas ele a havia beijado como um homem beijava a uma mulher. Uma mulher que o atraía profundamente.

Estava errado. Estava muito errado. Agora que sabia o gosto que ela tinha, queria beijá-la de novo.

— Diabos! — vociferou, avançando rumo à garagem — Isso é uma loucura descabida.

Acalme-se, Max, disse a si mesmo.

O que ele precisava fazer agora era respirar fundo e tentar manter a cabeça fria. Mas como ele conseguiria manter a cabeça fria, se outra parte de seu corpo estava queimando?



CAPÍTULO 10

Brianna nunca se empenhara no objetivo de conquistar alguém. Os poucos relacionamentos que teve aconteceram de um jeito muito natural. Portanto, ela compreendia que fugir do alvo a ser conquistado não era exatamente a melhor forma de conquistá-lo. E foi exatamente isso que ela fizera com Max, quando ele tentara minimizar o momento mais incrível de sua vida.

Mas se Brianna queria que Max a enxergasse como uma mulher madura, precisava agir como tal. Ele quisera conversar sobre o ocorrido, e ela simplesmente tinha entrado em pânico e ido embora.

Sempre se sentira corajosa e determinada. Então, por que agora, parada na porta dos Hunter, com o terno de Max em sua mão, se sentia uma garotinha sendo enviada ao castigo?

— Segura. Corajosa. Determinada — ela sussurrou ao apertar a campainha.

Viera repetindo essas palavras durante todo caminho até ali, o que não a ajudou em nada, na verdade. Estava tão nervosa quanto havia saído de casa. Teria desistido, se a governanta não tivesse aberto a porta para ela no último momento. E ela não expressou surpresa ao ver Brianna fazer uma visita inesperada, pois também a via como um membro da família de Rebecca.

— Como vai, Brianna? — cumprimentou a governanta, olhando discretamente para o terno na mão dela — Se procura Rebecca e Michael, estão com Olivia.

— Ah, eu... — Brianna pigarreou, pressionando a roupa contra seu peito — Na verdade, eu vim falar com o Sr. Hunter. Ele está?

— No escritório — disse a Sra. Dickens — Quer que eu pendure?

— Não. Hum... — junto ao seu nervosismo, Brianna anexava o constrangimento — É do Max, e eu só vim devolver.

Era como se ela voltasse a ser adolescente e estivesse sob a análise da mãe de seu pretendente. A Sra. Dickens trabalhava para a família Hunter há anos. Testemunhara todos os momentos felizes e tristes que cada um deles passou. Como ela encararia um possível relacionamento de Max com Brianna? Como todas as outras pessoas encarariam isso?

— Claro — ela sorriu educadamente — O jantar já foi servido, mas posso preparar algo para você.

Só então Brianna notou que ela já não usava o uniforme de trabalho.

— Não. Eu só preciso trocar algumas palavras com o Sr. Hunter e

devolver isso.

— Nesse caso, vou me retirar. Acho que vejo você em breve, não é mesmo?

O sorriso que Bethany deu a ela foi um que continha a sabedoria do mundo, mas que não achava necessário compartilhar. Nas poucas palavras que trocara com ela, compreendera o que todas as pessoas que conviviam com Brianna não conseguiam enxergar. Brianna tinha uma grande queda por seu patrão.

Foi pensando nisso que Brianna se dirigiu ao escritório de Max. Sete anos havia decorrido desde a cena que presenciou ali e que nunca conseguira apagar de sua mente. Ela respirou fundo. Vinha fazendo muito isso ultimamente.

Após uma fraca batida na porta, ouviu o chamado para que entrasse. Brianna tentou ajustar o olhar na sala escura. A única claridade vinha das lâmpadas do lado de fora e da lua iluminando o céu. Não encontrou Max sentado à mesa, com um livro na mão, como esperava. Ele estava em frente à janela, olhando para o jardim.

— Continuo sem apetite, Sra. Dickens — disse ele, sem olhar para a porta — Não precisarei de nada. Pode ir descansar.

Ela fechou a porta silenciosamente e entrou sorrateiramente no escritório. Ela se permitiu observá-lo por um instante, antes de voltar a chamar sua atenção. O tom amarelo das lâmpadas e o brilho da lua caíam sobre o rosto e cabelo dele. Era como se Brianna olhasse para uma obra de arte. Max a fazia se lembrar da escultura de David, criado pelo artista renascentista italiano Michelangelo. A obra estava em exposição na Galeria dell' Accademia, em Florença, na Itália. A primeira vez que a viu, tinha sido na companhia de Fiorenzo. Assim como David, Max também parecia majestoso e preparado a enfrentar seu gigante.

Quem era o Golias que o atormentava?

— Max?

Um sutil movimento dos ombros dele foi perceptível para que Brianna percebesse que ele ficou tenso.

— O que faz aqui, Brianna?

Ela deu alguns passos incertos até ele e parou no limite que a mesa os separava.

— Eu... — sua garganta parecia seca, as pernas pareciam fracas e havia aquele embrulho no estômago nauseando-a — Vim devolver o seu terno.

O correto era dizer que usou o terno como desculpa para estar ali. E Max sabia disso.

— O que faz aqui? — ele repetiu.

Dessa vez, virou em direção a ela. Brianna não conseguia olhar seu

rosto, mas sentia o olhar intenso focado nela.

O que ela fazia ali? Fora procurar Max e ter um diálogo adulto sobre o que aconteceu mais cedo no elevador. Agora, simplesmente, não sabia o que falar.

Diante do silêncio dela, Max se aproximou. Perto, muito perto. Até que só tivesse milímetros os separando. De repente, Brianna teve ciência de tudo em volta dela. O cheiro dele. O calor de sua respiração em seu rosto. O silêncio que fazia com que parecesse ter apenas os dois no mundo todo.

— Vim dizer que... — ela mordeu os lábios e lembrou-se do beijo.

Ainda podia sentir a sensação e o gosto do beijo dele. Brianna faria qualquer coisa para vivenciar tudo o que sentira nos braços de Max mais uma vez.

— O beijo. Não foi um erro. Não foi um engano e... e eu não me deixei levar por nada — pronto, a partir dali Brianna sabia que não podia mais recuar, jogava todas as cartas na mesa — Eu quis beijar você, Max. Sempre quis. Antes. Naquela hora e agora. Quero isso mais do que qualquer coisa que eu já quis no mundo.

Ele grunhiu. Soltou uma respiração pesada. Resmungou que o que ela dizia era um absurdo. Estendeu o punho fechado no ar como se quisesse tocá-la, mas não se atreveu. Brianna era o Golias contra quem Max lutava.

— Pode tentar mentir para mim, mas você também sabe que é isso que você quer — ela decidiu avançar e pressionar um pouco mais — Quis me beijar naquele elevador, Max. E sei que quer me beijar agora...

— Brianna!

O tom continha um alerta que ela estava decidida a ignorar.

— Max? — ela deixou o terno cair e pousou suas mãos na cintura dele — Me beija.

E não restava nada a Max, além de atender ao pedido dela. Brianna tinha razão ao confrontá-lo. Ele desejava beijá-la. Antes, agora e quantas vezes ela lhe suplicasse. Era nítido que ele se via tão fraco a esse desejo quanto ela. Um vício que se tornava cada vez mais impossível de controlar.

Então, ele segurou o pescoço dela, pressionando a boca dela na dele. Brianna sentiu todas suas terminações nervosas despertarem. Não tinha supervalorizado o beijo quando o recordou no caminho até lá. O beijo dele não era como nenhum outro. Nenhum outro homem a fazia sentir o que ele despertava nela. Forte e fraca ao mesmo tempo. Faminta. Sedenta por mais. Um pouco mais de Max. O calor que a fazia querer arrancar cada peça de roupa em seu corpo e no dele. A necessidade urgente de ter pele contra pele. De estarem tão unidos como se fossem apenas uma pessoa.

Max aprofundou o beijo, fazendo a cabeça de Brianna se inclinar para

trás. Os dedos acariciaram seu pescoço. Ela sentiu as pernas fraquejarem em reação ao toque. Estava entorpecida. Embriagada por Max. Como se ele sugasse cada gota de energia dela. Era mágico. Era prazeroso. Era o melhor beijo que Brianna tinha dividido com alguém.

Era Max.

E quando acabou a desolação pela separação foi quase que como uma dor física.

— Brianna — ele puxou o rosto dela e encostou a testa na sua — Não está certo isso.

— Me beija de novo e provo que quem está errado é você.

Max fez algo que ela não esperava: ele riu. Passou os dedos em seu rosto, terminando nos lábios dela, onde Brianna depositou um beijo.

— Beijar você não pode ser errado, querida — disse, suavemente — Fazer isso é. Deus, Brianna, eu tenho praticamente o dobro da sua idade.

— Isso não me importa.

— Deveria importar — ele se afastou, deixando frio o lugar onde ele tocara — Você poderia ser minha filha — quando ela fez questão de protestar, Max voltou a colocar os dedos nos lábios dela — É a irmã da minha nora. Uma grande amiga para Michael. Como uma filha para os meus melhores amigos e tia da minha neta.

Apesar de ainda estarem no escuro, Brianna conseguia captar a angústia que emanava dele.

— Neta! Consegue entender isso? O que acha que todos vão dizer? Onde acha que nós dois podemos chegar? O que eu tenho a oferecer a você?

Com certeza chocariam a família toda. Amigos, funcionários da Farm e pessoas que os olhariam com julgamento no olhar, mas para Brianna, nenhuma dessas pessoas importava. Não o fato de olharem para os dois com preconceito no olhar e acusações descabidas.

— Seu amor. Carinho, respeito, admiração. Companheirismo e cumplicidade — pontuou ela — São as únicas coisas que me importam.

— Não sei se posso te oferecer isso — ele esfregou o rosto e foi em direção ao interruptor — E não posso tratá-la como um caso sem importância.

A claridade a cegou por um momento. Brianna fechou os olhos e procurou clarear seus pensamentos, como a lâmpada fazia com a sala.

— Tudo isso se constrói, Max. Com o tempo.

Agora podia vê-lo. Seu cabelo estava desgrenhado e o olhar parecia tão atormentado como o de Brianna estava.

— Você ainda é tão jovem. Tem todo um futuro pela frente — disse ele, com pesar — Merece um homem compatível a você. Uma família, filhos. Pode ter

tudo isso, se...

— Não, eu não posso. Não queira me dizer o que posso ou desejo ter. Não seja arrogante. Não decida por mim.

As palavras dela carregavam tanta firmeza e certeza, que Max, por um momento, vacilou.

— Diga que não quer ficar comigo porque não sente nada. Que não atraio você. Que não sou o tipo de mulher que lhe interessaria — Brianna estava lívida, com os empecilhos e sugestões absurdas que ele despejou sobre ela — Mas não diga que não me quer impulsionado por preconceitos ridículos e medo do que as pessoas vão dizer. Tampouco faça planos encantadores para mim. Metade deles não pode...

Ela respirou fundo, em busca de ar. Max a encarava, atônito. A Brianna diante dele não era uma juvenzinha precisando de proteção. Ela era determinada, sabia o que queria e não se acovardava ao dizer isso.

— Nenhum outro homem, mesmo que quisesse, poderia...

As palavras de Brianna foram interrompidas pela porta, que foi aberta abruptamente, e a voz de Michael que soou em seguida.

— Pai, o bebê vai nascer.



CAPÍTULO 11

Max andava de uma ponta a outra do corredor do hospital. Fazia um pouco mais de três horas que Rebecca e Michael foram enviados para a sala de parto. E cada minuto de espera deu a ele tempo para pensar. Não no bebê que estava a caminho. Michael estava ao lado de Rebecca, ele sabia que daria tudo certo durante o parto.

Ele pensava em Brianna. No que ela havia confessado e na forma que tinha se imposto. Ela era corajosa, ele precisava admitir e admirar. Como também não conseguia ignorar os motivos que fazia qualquer relação amorosa entre eles impossível. Uma batalha que faria deles dois perdedores. E que afetaria todas as pessoas à sua volta.

Mas sobre alguns pontos que Brianna destacara, ela tinha razão. Já não daria para continuar se enganando, afirmando que nada sentia por ela. E não cabia a ele dizer com quem ela deveria ficar ou como levar sua vida. E sim, estava sendo governado pelo preconceito da diferença de idade entre eles.

Mas não era só isso, e quisera explicar a Brianna, se não tivessem sido interrompidos pelo filho dele. Max também estivera um pouco certo nos argumentos dele. Não tinha nada a oferecer à menina, além de problemas e dramas que ele acumulara ao longo dos anos. Sentia que estava com a razão, ao dizer que ela ficaria muito mais feliz e realizada ao lado de alguém como Fiorenzo Milano. Bastava observar o relacionamento de Rebecca e Michael. No pleno esplendor da juventude, recebendo o fruto desse amor, seguindo o curso natural das coisas. Eles eram compatíveis.

Brianna poderia viver grandes aventuras até resolver se assentar e Max ficaria cada vez mais velho. E já que Max não tinha o direito de fazer escolhas afetivas por ela, profissionalmente seu poder era incontestável. Na Farm ele podia mudar tudo. Ele encontraria outras funções que ela pudesse exercer, longe dele. Longe da atração que eram incapazes de controlar no momento. A distância os faria ver, faria Brianna ver que tudo não passou de empolgação momentânea.

— Será que está acontecendo alguma coisa? — perguntou Laura — Já tem quanto tempo? Quatro horas?

Os pais de Rebecca se juntaram a Max uma hora depois que eles deram entrada no hospital.

— Três horas e cinquenta e quatro minutos — respondeu Nicholas.

Max não estava tão nervoso e ansioso quanto eles. Michael levou doze horas para nascer, e Caroline, nove. Olivia sempre foi muito delicada, e nenhum

dos dois partos tinha sido fácil.

— É um menino lindo — Michael surgiu, quarenta minutos depois, com um sorriso rasgando seu rosto — Está no berçário, se quiserem vê-lo.

Ele explicou que, apesar de exausta, Rebecca estava bem. Era um menino grande, e na última hora, optaram por uma cesariana. E como estava dormindo, visitas seriam liberadas no dia seguinte. Eles seguiram então para ver o novo membro da família.

Max se emocionou ao observar o menino. Enquanto Olivia era muito parecida com sua avó Olivia, o bebê possuía todos os traços de Michael.

Como usara o carro de filho para levá-los até o hospital, deixaria o carro com ele para quando quisesse voltar para casa e pegou uma carona de volta com os Summer.

Passava de uma da madrugada, quando Max chegou em casa. Subiu as escadas e foi em direção ao quarto de Olivia. Girava a maçaneta da porta, quando se perguntou se deveria aproveitar a ocasião para ter a conversa decisiva com Brianna. Ela havia ficado na mansão, fazendo companhia a Olivia, já que a menina ficara agitada com a chegada do irmãozinho.

Não; Max esfregou os olhos e passou a mão nos cabelos. Definitivamente, esse não era o momento certo de abordar o assunto. Estavam exaustos, e a preocupação e a atenção de Brianna estariam em Rebecca e no bebê. Aquele seria um bom momento para um uísque, pensou amargurado. Então parou em choque, soltou a maçaneta, deixando a porta bater levemente. Ele deu meia-volta e caminhou apressadamente até o seu quarto. Suas pernas vacilaram assim que alcançou a cama. Apoiou os cotovelos contra as pernas e escondeu o rosto entre as mãos. Sentia repúdio de si mesmo pelo o que pensara. Claro que não fora uma vontade avassaladora que o faria procurar desesperadamente por alguma bebida na casa. Foi um pensamento, um mero pensamento, que o fazia se sentir um fracassado.

— Max?

Ele se retesou ao reconhecer a voz de Brianna.

— Não é um bom momento agora.

Ouviu a porta fechar, mas não olhou na direção dela para se certificar de que Brianna tinha entendido o recado e fora embora.

Menos de um minuto depois sentiu o colchão ao seu lado afundar e a mão delicada tocar o seu ombro.

— Aconteceu algo com Rebecca ou o bebê?

— Foi cesariana. O bebê e Rebecca estão bem. Michael ficará no hospital — disse ele, e tocou a mão dela para afastá-la, mas ao invés disso, deixou a mão dele cobrindo-a — Todos estão bem. É melhor você ir se deitar.

Claro que ela não acataria o pedido dele. Brianna pousou a bochecha sobre a mão que Max segurava e abraçou seu ombro com o braço livre.

— O que aconteceu?

Como ele poderia dizer a ela? Como poderia despejar sobre essa menina suas fraquezas? Era um fardo pesado demais até para ele.

— Vá se deitar, Brianna — implorou ele.

Estava tentando ser forte, mas até ele possuía limites. Seria muito fácil abandonar-se na doçura que ela tinha a oferecer. E às vezes, Max desejava um pouco disso. Um pouco de doçura em sua vida, que por tanto tempo tinha se tornado amarga.

— O que aconteceu, Max? — O tom era carinhoso, mas Max sentia que ela repetiria a pergunta a noite toda, até fazê-lo se abrir.

E se para afastá-la fosse preciso que ele a chocasse, seria exatamente isso que ele iria fazer. Então, libertou a mão de Brianna e girou o corpo em direção a ela. O olhar duro, não porque estava irritado com sua insistência, mas sim consigo mesmo.

— Quer saber o que aconteceu? — indagou friamente — Meu neto nasceu. Esse é um dos melhores momentos da minha vida, e sabe o que pensei? Ou melhor, desejei?

Brianna sacudiu a cabeça, negando, mas pelo olhar pesaroso que deu a ele, Max notou que ela havia chegado à conclusão certa.

— Pensei em uma maldita dose de uísque.

Ele fechou os olhos. Não conseguiria ver a decepção nos olhos de Brianna. Que ela visse finalmente o quão fraco ele era. Ele questionava muito como se permitiu chegar a esse ponto. Como permitiu que sua vida afundasse tanto?

— Ah, Max — o tom angustiado e carregado de carinho o fez abrir os olhos novamente — Você fez isso?

Não havia um ar acusatório no rosto dela, mas se tivesse, era completamente natural. Não. Brianna apenas queria entendê-lo.

— Claro que não — ele soltou o ar que tinha segurado — Acho que nem deve ter qualquer tipo de bebida aqui.

Rebecca pediu que Michael desse fim ao bar e ordenou aos empregados que se livrassem de todas as bebidas da casa, alguns dias antes de Max sair da reabilitação.

— Quando eu era mais nova, desejava encontrar os caras que mataram minha mãe e matá-los das formas mais dolorosas possíveis — disse ela — Às vezes volto a pensar sobre isso. Pensar em algo ruim e fazê-lo são coisas completamente diferentes.

— Seus pensamentos ruins estão ligados à justiça — não era que ele quisesse menosprezar os sentimentos dela, mas eram situações diferentes — Os meus, a um vício maldito.

— Você tem razão — ela respirou fundo, e buscou a mão dele na cama — Então me fale. Se eu saísse por aquela porta agora, você iria atrás de bebida? Não pergunto se você desejaria ir. Pergunto se iria.

Ele a encarou por um longo momento antes de responder. Não porque refletia sobre o assunto ou procurasse a resposta correta. Max admirava a sabedoria que vinha de Brianna.

— Não. De forma alguma — disse ele — Só o pensamento me deixa enjoado.

Nas sessões em grupo e nas consultas que tivera com a psicóloga na clínica, esse era um assunto muito levantado. Levava um tempo para que o corpo e a mente se desconectassem da impulsão que leva a beber. Sendo um pouco otimista, pensava menos sobre isso do que acreditava que pensaria, e a frequência diminuía cada dia mais. Era uma luta constante, mas ele tinha certeza de que seria capaz de vencer todas as batalhas.

— Pensar em algo ruim e fazer são coisas completamente diferentes. Você é forte, Max — Brianna sorriu e passou a mão pelo rosto dele — Eu o admiro muito.

Ela passou o polegar na bochecha dele, e Max adorou a sensação que o toque dela causou: um calor que fazia toda a geleira dentro dele derreter. Então, quando Brianna o abraçou, ele não negou o abraço.

Ele refletiu muito e tomou as decisões importantes enquanto esteve no hospital, mas nesse momento, tudo o que Max desejava era o conforto do abraço dela. Não havia nenhum apelo sexual, embora Max a desejasse como nunca. Tudo o que ele queria e precisava essa noite era ficar assim com Brianna. Sentindo o calor que vinha dela e a batida de seu coração nivelando com o dele.

Os rostos se tocando, as bocas se unindo suavemente. Não era o beijo desesperado do elevador, tampouco o apaixonado do escritório. Esse beijo estava carregado de emoção e carinho.

Ele suspirou. Ela sorriu. Max passou os dedos pelas linhas do rosto dela. Como se memorizasse cada detalhe que via. Eles se olharam. Max pousou a mão na curva do pescoço dela, aproximando-os mais.

Beijaram-se de novo, e outras vezes. Havia tanta coisa que precisava ser dita. Mas ele se sentia tão cansado de ter que ficar o tempo todo lembrando o quanto isso era errado. Ele queria apenas a paz daquele momento. Talvez o único que teria em um futuro solitário.

— Vovô? — uma voz sonolenta e infantil rompeu o silêncio do quarto.

Os dois saltaram da cama e olharam em direção à porta, onde Olivia esfregava os olhos, segurando um urso na mão.

— Oi, querida — Max foi o primeiro a se recuperar do choque e ir até a menina — Não consegue dormir?

— Eu quero a mamãe — lamuriou-se ela.

Brianna se aproximou deles e passou a mão nos cabelos de Olivia.

— Logo ela estará de volta — disse, em um tom suave — Mas seu irmãozinho já nasceu. Isso não é uma ótima notícia?

Olivia arregalou os olhos e abraçou o urso com mais força, antes de abrir um sorriso.

— E eu posso vê-lo?

— Agora está tarde — disse Max, ouvindo o lamento dela em seguida — Amanhã o seu pai leva você.

— Agora a mocinha tem que voltar para a cama — acrescentou Brianna, pegando a mão dela.

— Tá bom, mas você conta outra história para mim? — pediu a menina, depois olhou para Max — E o vovô Max também?

— Brianna conta a história e nós dois podemos ouvir.

— Tudo bem — anuiu Olivia, e quando chegavam próximo ao quarto dela, fez a pergunta que desconcertou os dois: — E vocês estavam se beijando?

Max pigarreou e viu o rosto de Brianna corar. Eles tinham a fugaz esperança de que a menina não tivesse visto muita coisa. E a pergunta provava que ela flagrara o suficiente.

— Não! — eles responderam juntos.

Olivia direcionou o olhar confuso de um para o outro.

— Eu vi sua boca na boca dela — insistiu a menina, bem certa do que afirmava — Como meu pai beija a minha mãe.

— Bom, é que... — iniciou Max.

Ele sentia a testa começar a suar e a boca ficando seca.

— Estávamos comemorando a chegada do bebê — disse Brianna, em um tom firme — Nada mais do que isso.

— Beijando na boca? Se estavam se beijando, é porque vão se casar — continuou a garota, obviamente não permitiria ser enganada — E você vai ser a minha avó, Brianna?

Aquele era um pequeno reflexo do que Max e Brianna teriam a enfrentar, se eles fossem loucos o suficiente para se jogarem em uma aventura romântica.

— Seria estranho para você? — perguntou Brianna, quando pararam em frente ao quarto de Olivia.

Max prendeu a respiração. Brianna mordeu os lábios, e Olivia parecia estar concentrada em dar sua resposta.

— Acho que não — disse ela, em sua naturalidade infantil — Eu gosto de você, Brianna, e gosto muito do meu avô Max. Podem se casar e ter lindos bebezinhos.

Após isso, Olivia entrou em seu quarto e Max soltou o ar pesadamente.

— Ela disse que... — Brianna levou as duas mãos à boca para esconder o sorriso.

— Droga! — resmungou Max, entrando no quarto.

As coisas ficavam piores a cada dia. Primeiro a curiosidade de Rebecca. Depois o alerta claríssimo de Nicholas, e agora Olivia, que presenciou o que não deveria. As coisas estavam completamente fora de controle. E o placar estava desigual. Apenas Olivia via tudo com naturalidade, e ela era apenas uma criança.

— Que tal Chapeuzinho Vermelho dessa vez? — Brianna perguntou à menina, quando se juntou a ela na pilha de livros na penteadeira.

— E o vovô pode fazer a voz do lobo mal?

Olhando para Brianna, ele se sentia exatamente assim. O lobo mal, querendo devorar a garotinha.

Olivia pulou na cama, enfiando-se debaixo das cobertas. Max e Brianna ocuparam seus lugares ao lado dela. A voz melodiosa de Brianna iniciou a história, tendo a participação de Max nos momentos devidos.

Ele observou Brianna contar a história infantil, até que Olivia pegasse no sono e os olhos de Brianna pesarem e as duas adormecerem em seguida.

Max se levantou. Ajeitou Olivia na cama, tirou o livro pendendo das mãos de Brianna e a cobriu. Beijou a testa da neta e olhou para a garota que vinha o atormentando.

O único som que soava no quarto era a tranquila respiração delas. Mas dentro da cabeça de Max, havia uma sinfonia de pensamentos se colidindo.

Retornou ao seu quarto. Pegou a caixa de lembranças e a carta dentro dela. Tantas vezes manuseara o envelope. Tirando o amarelado que o papel adquiriu com o tempo, continuava intacta como no dia que a recebeu.

Max sentia-se preso não só apenas às regras sociais, condutas morais e preconceitos pré-estabelecidos: ele estava amarrado a uma promessa que já não sabia se conseguiria cumprir, podendo ceder aos encantos de Brianna, ou não.

Seu mundo tinha virado completamente de ponta-cabeça para baixo.



CAPÍTULO 12

Há muito tempo que Brianna não acordava com os empurrões insistentes nos ombros e a voz infantil em seu ouvido, implorando para que acordasse. Abriu os olhos e encontrou o rosto determinado de Olivia, para fazê-la acordar. Ela sentou na cama e puxou a menina, fazendo cosquinhas onde sabia serem os seus pontos fracos.

E Brianna se deu conta de que sentia muita falta da menina. Sentia falta de Rebecca, dos pais dela e de Ryan. Sentia falta da grande família feliz que eles tinham sido. Dos cafés da manhã juntos e de se reencontrarem durante o jantar.

Ter o apartamento dava a ela privacidade e independência, mas às vezes, era um pouco solitário. E Brianna não era uma pessoa solitária. Mesmo no orfanato, onde muitas vezes se sentiu sozinha, tinha a presença de Rebecca, as freiras e todas as outras crianças.

— Podemos ver a mamãe e o bebê agora? — perguntou Olivia quando Brianna decidiu soltá-la.

Ela olhou para o relógio em seu pulso. Não tinha passado das sete horas, e agradeceu à menina por ser tão ansiosa.

— Eu dormi aqui? — indagou Brianna, lamentando a pergunta óbvia antes de esfregar os olhos.

— Comigo! — Olivia saltitou na cama e depois enrugou a testa ao se lembrar de algo — Vovô Max não estava mais aqui quando acordei.

A afirmação não surpreendeu Brianna. Max estava se tornando um especialista em fugir. E a parte racional dela conseguia entender. Foram anos cuidando da esposa doente. Depois anos escondendo a dor do luto com a bebida. Ele estava tentando reconstruir a vida dele. E se ver, de repente, atraído por uma mulher com metade da idade dele não era algo fácil.

Eles enfrentariam preconceitos. Olhares tortos de pessoas maldosas. Algumas pessoas cochichariam às escondidas que Brianna estava interessada no dinheiro de Max, e outras, que ele usava de sua condição financeira para comprá-la. As pessoas geralmente julgavam e pensavam o pior do que não conseguiam entender.

Não que Max não fosse bonito e atraente o suficiente o bastante para atrair a atenção dela. Ele era muito atraente e sedutor. Aos quarenta e poucos anos era vigoroso e naturalmente sexy. As pessoas apenas olhariam com mais naturalidade um relacionamento entre ele e a Dra. Brown, alguém mais próximo à idade dele do que Brianna, que poderia ser sua filha.

Mas Brianna não era filha dele, sobrinha ou qualquer outra coisa que os impedisse de ficar juntos. Ela sempre se sentira atraída por homens mais velhos. Talvez por causa de Max. Até mesmo Fiorenzo, na casa dos trinta, era quase seis anos mais velho que ela. Jovenzinhos não a atraíam — não era uma regra —, mas geralmente deixavam-na entediada.

— Ei, tia Bri — Brianna sentiu a mão de Olivia sacudir o seu ombro e deu-se conta que passou muito tempo perdida em seus pensamentos — Vai namorar o vovô?

Brianna gemeu. Tivera a esperança de que, depois de uma noite bem dormida, a menina esqueceria o assunto. Obviamente que isso não tinha acontecido.

— Eu ainda não sei — disse ela, cautelosamente — Mas, bom... senta aqui.

Depois que a menina se acomodou no lugar onde Brianna indicou, ela repensou o que pretendia falar.

— Sobre ontem..

— O beijo! — Olivia a encarou com os olhinhos animados, era uma romântica, com certeza.

Michael e Rebecca teriam trabalho.

— Isso, sobre o beijo — confirmou ela — Poderia ser, por enquanto, um segredo nosso?

Olivia coçou o nariz enquanto pensava.

Brianna tinha a consciência de que pedir isso à menina era errado, mas não queria que ela expusesse o ocorrido à família, fazendo com que Max recuasse ainda mais. Eles estavam progredindo — ao menos Brianna acreditava nisso e não queria perder tudo o que já haviam conquistado. Brianna lutaria para fazer Max entender que amor não tinha nada a ver com condição social, religiosidade e diferença de idade. O amor não podia ser escolhido como um buquê de rosas na floricultura, ele simplesmente acontecia. Assustava e, muitas vezes, assustava muito, mas era uma das coisas que tornava tudo tão emocionante e maravilhoso. Descobrir um ao outro e os sentimentos que nasciam.

— Como quando meu pai pediu para não dizer à mamãe que ele sabia que era meu pai? E quando a mamãe pediu para não dizer ao meu pai que ele era meu pai?

Viu? Rebecca e Michael esconderam coisas, também. Certo, eles eram pais da menina, concluiu Brianna. E tentavam protegê-la enquanto se acertavam, mas ela tentava proteger Max. Alguém precisava cuidar e ter como uma de suas prioridades a felicidade dele.

— Mais ou menos isso — sussurrou para a menina — Acha que

consegue? Guardar o segredo?

Olivia se inclinou em direção à Brianna, e com um sorriso travesso e uma mão na boca, sussurrou: — Eu consigo.

Brianna relaxou, mandou aquela vozinha chata, que dizia que não estava sendo muito adulta, para o canto mais isolado de seu cérebro e levantou. Algumas pessoas diziam que na guerra e no amor valia tudo. Não era uma mentira tão ruim assim. E nem era uma mentira, apenas ocultavam fatos, ela procurou se convencer.

— Ok. Vá tomar banho e se arrumar para a escola...

— Escola? — os olhos de Olivia começaram a marejar — Mas eu quero ver o bebê.

— Vou ligar para o seu pai e perguntar se podemos ir — disse Brianna — De lá, você irá para a escola. Agora, banho!

— Eu quero ficar com a mamãe... — a menina saiu resmungando, e Brianna sorriu.

Olivia geralmente era dócil, mas sabia ser teimosa, como a mãe dela.

Depois que Brianna separou a roupa da menina e a colocou sobre a cama, ligou para Michael perguntando sobre a visita. Após a ligação, seguiu para o quarto de Rebecca e Michael.

Ir para seu apartamento, depois seguir para o hospital, e de lá ir para o escritório, tomaria muito tempo, e Brianna sabia que Rebecca não se incomodaria de ter pegado emprestado algumas roupas. Apesar de a amiga ser um pouco mais alta e ter um pouco mais de seios que ela, mesmo antes da gravidez, não havia muita diferença de corpo entre as duas. Escolheu um vestido solto, preto e discreto, um conjunto de lingerie ainda com etiqueta e seguiu para um dos quartos de hóspedes, para tomar banho.

Quando as duas desceram para o café da manhã, elas encontram Max à mesa. Brianna informou sobre seus planos de levar Olivia para visitar Rebecca, e ele cordialmente se ofereceu para levar as duas.

Ela não sabia dizer o quanto a noite anterior o afetou. Max estava mais calado que o habitual e parecia mais sério também. Não a ignorava completamente, mas também não tinha o mesmo olhar carinhoso que dera a ela antes de Olivia os interromper. Foi a empolgação da criança e sua tagarelice sem fim que impediram que o interior do carro mergulhasse em um silêncio sufocante e tenso.

Enquanto os Hunters levitavam em volta do mais novo membro, Brianna ligou para Loren e pediu que ela remarcasse todos os compromissos pela manhã. Foi só quando Michael levou a filha para a escola – sob os protestos dela – antes

de ir para casa se recompor, que Brianna conseguiu finalmente segurar o bebê em seus braços.

— Ele é lindo, Rebecca — ela cheirou a roupinha e alisou com o dedo o rosto do bebê.

Rebecca sorriu toda orgulhosa. Apesar de o parto ter sido mais difícil do que o de Olivia e, tivessem ter que realizado nela uma cesariana, Rebecca quase não exibia sinais de cansaço e seus olhos brilhavam de alegria.

— É, sim — disse Rebecca, emocionada — Um dia você terá seus próprios filhos, Brianna. Conhecerá o verdadeiro significado da palavra amor.

A declaração dela foi como uma punhalada no peito de Brianna. Ela caminhou com o bebê no colo, fugindo do olhar empolgado da sua amiga, mas encontrou o olhar atento de Max que estava próximo à janela. O sorriso encantado que flagrou nele foi substituído por um ar preocupado, quando viu a angústia no semblante de Brianna.

Ela desviou a atenção da pergunta não proferida de Max e caminhou até Rebecca, entregando o menino a ela.

— E já decidiu qual nome dará a ele?

— Sim. Decidimos ontem à noite — disse Rebecca — Vai se chamar Thomas Brian.

— Thomas como o orfanato?

— Foi nosso lar por tanto tempo. Apesar de tudo, fomos felizes ali — disse ela, com um olhar terno para o bebê que tinha nos braços — Foi lá que conheci você. A minha vida seria muito mais difícil se não tivesse você. E o Brian é por sua causa.

— Não sei o que dizer — murmurou Brianna emocionada.

Ela levou a mão à garganta fechada. Amava Olivia de todo coração, e Brian — porque era assim que iria chamá-lo — chegou de uma maneira muito especial, mesmo que ele tivesse interrompido um grande momento de Brianna com Max.

— Seus filhos gostam de interromper os melhores momentos da minha vida — disse ela, com sorriso na voz, e olhou para Max de esguelha.

Ouviu a tossida dele e, seu sorriso se ampliou muito mais.

— O que quer dizer? — perguntou Rebecca, seus olhos curiosos iam de Brianna a Max.

— Não é nada. Um dia, talvez, eu possa te contar.

Rebecca iria insistir no assunto, se seus pais não tivessem aparecido na hora. Enquanto Laura se derretia com Brian e Nicholas iniciava uma conversa com Max, Brianna saiu do quarto sorrateiramente. Precisava caminhar e pensar um pouco. Era um momento de alegria para Rebecca, mas refletia um momento de

tristeza para Brianna.

Max ficou surpreso de chegar à Farm e não encontrar Brianna. Achou que ela tivesse saído do hospital e ido direto para a empresa. Isso não foi de todo mal. Ele teve tempo de chamar Loren em sua sala e comunicar sua decisão a ela. Não passou despercebido a ele o olhar surpreso e as interrogações não declaradas de sua secretária, recentemente promovida à sua assistente, mas não respondeu nenhuma delas, antes de dispensá-la. Teria uma conversa muito tensa com Brianna, e ele precisava poupar suas energias.

Ele pensava que estava preparado quando ela abriu a porta, mas notou, naquele instante, que nunca estaria.

— Desculpe. Saí para caminhar e a hora passou sem que eu percebesse — ela se justificou — Mas adiantei algumas coisas do hospital, com a Loren. Só temos compromissos no final do dia.

Max notou como ela parecia cansada, como se carregasse os problemas do mundo em seus ombros. Ela não deveria se preocupar com nada, além de viagens, vestidos e festas. Mas essa não seria Brianna. E, por um segundo, ele pensou em reconsiderar a decisão que tomou. Então se lembrou de Rebecca com o bebê nos braços e na felicidade que sentia. De Brianna com Brian no colo e a nuvem de tristeza que passou em seus olhos, quando o flagrou admirando-a com o menino.

Ficou maravilhado ao perceber como ela ficava encantadora com o bebê em seus braços. E deu-se conta de que ele nunca poderia proporcionar isso a ela. Sentia-se velho demais para isso. Talvez Brianna tenha se dado conta disso, e por esse motivo tenha ficado triste. Então Max não podia voltar atrás e reconsiderar o que havia decidido.

— Brianna? — ele a chamou, antes que ela ocupasse sua mesa.

— Sim? — ela ergueu o olhar luminoso a ele, brilho que ele estava prestes a apagar.

— Nós não vamos mais trabalhar juntos — murmurou ele — Não quero mais você comigo.

Ele havia feito. Max não estava apenas arrancando o mal pela raiz, afastando Brianna como ele pensara. Sentia como se estivesse arrancando o próprio coração no caminho.



CAPÍTULO 13

Se a intenção de Max era partir o coração de Brianna em milhares de pedaços, ele conseguiu. Ela sentia como se uma ferida se abrisse em seu peito, sangrando e crescendo gradativamente.

— Por quê? — A voz foi um pouco mais que um lamento débil — O que eu fiz?

Primeiro, ela deixou que a bolsa caísse em cima da mesa, depois os joelhos fracos cederam ao peso das pernas trêmulas, caindo de forma nada elegante em cima da cadeira.

— Nada, Brianna. Mas devido às circunstâncias — iniciou, tão calmo e frio como aço, suas palavras como lanças fincando em milhares de pontos diferentes no coração dela — Não acho apropriado continuarmos a trabalhar juntos.

— Você está fugindo — ela balbuciou.

A dor de estar sendo dispensada começava a ser substituída pela raiva em ver Max se acovardando.

— Sua área de atuação principal é o marketing — disse ele, ignorando a acusação dela — O cargo de gerente está vago desde que você o deixou.

— Já disse que tenho especialização...

— Mas eu não preciso mais da sua ajuda — ele fez um movimento amplo com os braços, referindo-se ao escritório — Posso continuar sozinho e Loren poderá me ajudar em tudo.

Brianna ficou de pé, mas segurou na borda da mesa para se equilibrar. Ela amava Max. Amava, sim. Todas as pessoas, e até ele mesmo, poderiam ficar incrédulas, mas ela o amava. Só que, naquele momento, estava completamente furiosa com ele.

— Até acredito que já não precise tanto de mim, mas o motivo não é esse — ela respirou fundo, antes de continuar: — Você. Está. Fugindo.

Ele sorriu de uma forma muito debochada, e Brianna odiou ver esse lado dele. Preferia muito mais o Max atencioso, gentil e carinhoso com as pessoas que amava.

— Fugindo? — ele indagou.

— É, fugindo. Do que sente por mim — desabafou ela — Está fugindo porque está aterrorizado.

Ele desfez o sorriso e cruzou os braços no peito. O olhar frio estava de volta em seus olhos. Não; Brianna podia dizer que ele estava encolerizado com as

palavras dela. Aquilo era melhor que a frieza sarcástica. A raiva, às vezes, era uma manifestação apaixonada.

— Tenho mais de quarenta anos — ele rangia os dentes ao falar — Por que teria medo de uma menina?

Brianna se sentia bufar como uma chaleira no fogão. Não costumava fazer escândalos, chorar por qualquer coisa, ou ficar implorando as coisas às pessoas. Mas Max conseguia arrancar os piores defeitos dela. Queria arremessar todas as coisas da mesa em cima dele. Chorar, porque a ferida em seu coração continuava a crescer e sangrar lentamente. E implorar que ele deixasse de ser tolo e parasse de lutar contra o inevitável.

— Pare de me chamar de menina! Não tenho mais 17 anos — ela bateu na mesa, no limite de seu controle — Foi uma menina que beijou ontem e teria ido mais além, se Olivia não tivesse aparecido?

Max ficou rijo. As mãos fecharam fortemente em punhos e sua boca fez uma linha reta, comprimida e dura.

— Jamais mancharia a cama da minha esposa com isso.

Foi como se Max tivesse enfiado a mão no peito aberto de Brianna e arrancado o seu coração de dentro dele. Ela olhou para a mesa e fechou os olhos, na tentativa de controlar as lágrimas que ardiam em seus olhos. Foi a coisa mais cruel que alguém já lhe disse.

Passou rapidamente a mão pelo rosto, na tentativa de secá-lo, mas isso contribuiu para que um soluço escapasse e novas lágrimas pulassem de seus olhos. Brianna sentia, pela primeira vez, como era ter os sentimentos esmagados por outra pessoa. Nem mesmo quando Fiorenzo decidira que a relação deles não poderia seguir adiante, o coração doera da mesma forma.

A diferença é que não carregava por Fiorenzo – embora sentisse um carinho sincero por ele – o mesmo que sentia por Max.

— Brianna... — murmurou Max, saindo da mesa dele para se aproximar da dela — Eu sinto muito.

Talvez ele sentisse. Talvez tivesse despejado as palavras sobre ela com o intuito de afastá-la. Bom, ele conseguiu. Brianna não conseguia encará-lo. Pelo menos por enquanto. Estava magoada demais para continuar batendo na tecla de que Max estava se acovardando. Se havia alguém fraco e inseguro em relação a eles, era ele, e não ela.

— Como quiser, Sr. Hunter — disse ela, tentando manter a frieza na voz — Vou deixá-lo em paz.

De forma automática, ela reuniu alguns objetos na mesa e jogou dentro da bolsa, ainda evitando olhar para Max. Não iria se comportar como uma garotinha chorona. Não importaria sua presença onde não era desejada.

— Pedirei que alguém pegue o restante das minhas coisas depois — ela colocou a alça sobre o braço, o peso da bolsa não era maior do que a que carregava na alma — Devo me manter afastada da sua casa também? Da família?

— Claro que não! — Ele a encarou, horrorizado.

Brianna assentiu e caminhou lentamente até a porta. Sentia os olhos de Max em suas costas, assim como todas as dores do mundo, pesando sobre seus pés. Levou sete anos para reencontrá-lo e apenas alguns dias para perdê-lo.

— Sabe de uma coisa, Max? — tocou a maçaneta, mas não se virou para encará-lo, não conseguiria se afastar se fizesse isso — Está apenas prolongando o inevitável.

Ouviu o lamento dele antes de fechar a porta atrás de si. Escorou-se contra ela, permitindo que a dor se alastrasse pelo seu corpo.

— Srta. Gibbs? — Loren se aproximou dela e a levou até a cadeira onde estava — A senhorita está bem?

A pergunta gentil e as mãos calorosas tocando Brianna fizeram com que seu autocontrole ruísse, e permitiu-se chorar quase que silenciosamente.

Max podia tentar manter a pose de que não o afetava estar afastando-a dele. E talvez pudesse até mesmo acreditar que fazia o melhor para os dois, mas Brianna tinha a certeza que ele estava enganado e que, por trás de tanta frieza que tentou aparentar, também sofria.

Os beijos que trocaram e os momentos que passaram juntos não podiam ter sido apenas um engano. Talvez fosse mais apaixonada da relação — se é que podia chamar de relação a complicação que tinham. Afinal, ela nutria sentimentos por ele há anos, e Max começava a conhecer os dele há bem pouco tempo. Mas Brianna tinha convicção de uma coisa: o muro que ele erguia só contribuiria para atraí-los ainda mais. O proibido era néctar que os corações apaixonados bebiam. E eles já tinham provado demais para retroceder.

Max pegou o retrato que Brianna havia deixado em sua mesa. Uma foto dela com Rebecca e Olivia, no dia do casamento da nora com seu filho. Ele sorriu ao colocar o retrato no lugar. Ela pegou o grampeador, apontador de lápis, uma caixa de cliques, o suporte para canetas, colocando-os na bolsa, menos o porta-retratos.

O sorriso logo se desfez quando Max se deu conta de como as palavras dele magoaram-na. Brianna jamais deixaria a foto para trás. Tivera uma necessidade desesperadora de partir. E que ele não testemunhasse que estava chorando.

Ele tivera a intenção de ser firme com ela, ao afirmar que era melhor

para eles trabalharem separadamente. Já tinham provado mais de uma vez, que não conseguiam manter as mãos longes um do outro por muito tempo.

Deus! Eles foram flagrados pela neta dele, como dois adolescentes apaixonados sendo pegos pelos pais no sofá. A criança ficara confusa. O próprio Max se sentia assim. Estava certo em cortar o mal enquanto podia. O que ele não teve a intenção, foi de acusar Brianna de tentar manchar a cama e as lembranças de sua falecida esposa. Em nenhum momento, enquanto eles se beijavam, Max tinha pensado isso.

Naquele momento estivera com Brianna, a cada minuto. E, sim. Ele teria ido mais longe, se Olivia não os tivessem interrompido. E foi por isso que, mesmo que a magoando como ele fez, agiu e falou de forma tão fria. Precisava mantê-la longe dele o quanto fosse possível. Melhor que a ruptura acontecesse agora do que depois, quando a dor fosse mais profunda, se convenceu Max.

O único problema é que novamente ele se sentia sozinho e vazio. Olhar para Brianna todos os dias, conversar com ela, rir com ela, provocá-la – às vezes –, se tornara parte do seu dia. Ela o fazia se sentir tão vivo e otimista. Mesmo quando se irritava e dizia o que Max não queria ouvir, ele apreciava.

As pessoas o tratavam com cuidado, sempre evitando falar coisas que o alterassem. Brianna era franca. Acreditava na força de Max. E ele queria ser sempre melhor, para não ver o desapontamento nos olhos dela. Agora fizera pior. Magoou-a profundamente. Por isso, Max acreditava que nunca conseguiria se perdoar.

Ele voltaria atrás, se pudesse. E não havia nada mais no momento que ele quisesse mais. Voltar atrás e jamais permitir que Brianna saísse do lado dele novamente.



CAPÍTULO 14

Passaram-se três semanas desde que Max, literalmente, escorraçou Brianna da sala dele. Bom, ela estava sendo um pouco dramática, mas foi exatamente assim que ela sentiu e ainda sentia um pouco.

Eles quase não se viram, excluindo o momento em que chegaram no mesmo horário à empresa e as duas vezes que Brianna foi visitar Rebecca e o bebê. Foram momentos tensos, em que ambos se cumprimentaram educadamente. Claro que Max mantivera-se o mais longe possível e Brianna não fizera nenhuma tentativa de se aproximar. Entristecia a Brianna se manter longe, mas estava determinada a dar a Max o espaço que ele havia exigido. Podia desejar lutar por Max, porém não podia obrigá-lo a fazer parte de sua vida.

Ela tentara manter a mente distraída. Focada no trabalho enquanto estava na Hunter Farm e ocupada em seus momentos solitários no apartamento. Os fins de semana eram os piores. Depois de passar o primeiro tomando potes de sorvete, largada no sofá tentando ver TV, passou os dois fins de semanas seguintes acompanhada, um com Olivia, que graças a Deus a distraía, e outro com Laura e Nicholas.

Não conseguira disfarçar deles – pelo menos de Laura – as olheiras provocadas por noites mal dormidas, a falta de apetite e principalmente a tristeza nos olhos que, hora ou outra, aparecia, mesmo que fizesse o possível para esconder. Consequira dar a Laura uma desculpa, alegando precisar de férias, que não a convenceu completamente, mas foi suficiente para deixar Brianna em paz.

Ela também saía com Fiorenzo algumas vezes. Jantares, idas ao teatro e ao cinema por duas vezes. Em nenhuma ela permitiu ultrapassarem a barreira da amizade, e Brianna percebia que o italiano começava a ficar impaciente. Seus negócios em Uptown estavam finalizando e ele voltaria para a Itália dentro de alguns dias. Só que Brianna não queria dar qualquer passo à frente com ele, até ter certeza absoluta que sua história com Max realmente acabou, antes mesmo de começar.

Brianna sabia que Max não estava muito melhor do que ela. Teve conhecimento, através de Loren, quando pegou carona de volta a seu apartamento certo dia, e por Rebecca, em uma conversa por telefone, que ele andava impaciente e um pouco arisco.

A própria Rebecca chegara a sugerir que a doce e, sensata Brianna, pudesse ter uma conversa com ele, o que quase a levou ao desespero, ideia que ela firmemente se esquivou. Não conseguiria trocar duas palavras com Max sem

jogar na cara dele, mais uma vez, o quanto estava sendo covarde e preconceituoso com ele mesmo.

Por que Max não conseguia ver as coisas exatamente como Brianna enxergava?, ela se perguntava. Por que os adultos não podiam ver as coisas com a mesma simplicidade que a pequena Olivia via?

Estava cansada de saber que havia uma diferença de idade entre eles, mas fisicamente não era tão gritante assim. Ele era um homem maduro. Ela estava no ápice da juventude. Mas qualquer um que os olhasse juntos veria como formavam um casal bonito e harmonioso. E quem os visse de forma contrária e maldosa, Brianna não fazia questão alguma de saber a opinião.

Se o desejo de Max era colocar panos quentes na atração que sentiam e fugir da curiosidade das pessoas, estava conseguindo exatamente o oposto. Ninguém estava achando natural a frieza com que passaram a se tratar, tampouco o afastamento profissional de Max com relação a Brianna.

Agora, a caminho da casa dos Hunter, para um almoço de domingo onde estariam presentes não apenas os Hunters, como os Summers também, Brianna teria que se esforçar ao máximo para não demonstrar o quanto o distanciamento forçado de Max a magoava. E ainda havia Caroline, que estava na cidade para tratamento médico e passar um tempo com Brian.

Ao chegar foi avisada pela governanta que o almoço seria servido perto da piscina, onde todos já estavam, e que Rebecca tinha ido ao quarto para trocar o bebê. Foi para lá que Brianna se dirigiu.

— Já terminou ou posso fazer isso? — perguntou Brianna quando entrou no quarto, encontrando Rebecca e Brian na cama.

Ela deixou a bolsa sobre uma poltrona e se aproximou deles.

— O pior eu já fiz — ela apontou o banheiro, para onde levava a fralda suja — Mas você termina.

Brianna brincou e beijou os pés de Brian, antes de passar a pomada para assadura e envolver uma fralda limpa nele.

— Você sempre teve instinto maternal — disse Rebecca, observando os dois — Sempre acreditei que se casaria e teria filhos antes de mim.

Brianna suspirou e colocou o restante da roupa no bebê.

— E eu não fiz nenhum dos dois — disse ela, pegando Brian no colo — Talvez nunca faça isso.

— Por favor, você é tão jovem ainda.

— Parece que ser jovem é a única qualidade que tenho — disse ela, amarga — Vivem ressaltando isso. E nem qualidade é.

— O que você tem? — indagou Rebecca, tirando mechas de cabelo do rosto de Brianna, colocando-as atrás da orelha para que a olhasse nos olhos — É

por causa do Max?

Brianna se encolheu.

— Max? Por ele ter dispensado meus serviços?

Rebecca olhou-a indecisa, sobre se deveria revelar o que sabia ou não.

— Olivia me contou uma coisa — Brianna escancarou os olhos e gemeu — Contar não é propriamente o termo. Eu a ouvi falando com seus amigos imaginários.

— Amiga — corrigiu Brianna, a menina sempre se referia a apenas uma amiga imaginária.

— Que seja — Rebecca sacudiu a mão, impaciente — O importante é o que ouvi.

Brianna sabia que ela não continuaria se não perguntasse, mesmo que ambas já soubessem a resposta.

— E o que você ouviu?

— Que o avô Max e a tia Brianna estão namorando — despejou Rebecca — E também alguma coisa sobre beijos.

Ela ficou vermelha e ocultou o rosto dando um beijo nos cabelos do bebê. Poucas vezes Brianna ficara sem fala, e Rebecca notou seu desconforto, por isso deu um tempo para que ela se recuperasse.

— Você gosta dele? — Rebecca, finalmente perguntou.

Brianna nem precisou refletir muito para responder.

— Eu o amo — sob o olhar chocado e um pouco descrente de Rebecca, completou: — Sempre tive uma queda por ele, desde os 17 anos. Mas depois que nós voltamos, que eu o conheci mais e que nós começamos a trabalhar juntos, isso aflorou. Há quanto tempo você sabe disso?

— Bem... nossa! — murmurou Rebecca — Um pouco mais de uma semana.

— Então já sabia quando me pediu que conversasse com Max?

— Eu pensei que ele tinha meio que forçado a barra...

— Forçado a barra? — O tom de voz exaltado de Brianna fez o bebê se assustar em seu colo — Acha que Max forçaria a barra comigo ou com alguém?

Se havia alguém que tinha “*forçado a barra*”, desde o início, esse alguém foi Brianna, ao forçá-lo a ver que existia, no mínimo, atração entre eles.

Ela ficou de pé e entregou Brian a Rebecca, estava alterada e não queria passar essas vibrações ao bebê.

— Você realmente não o conhece.

— Desculpe, não quis dizer forçar a barra no mal sentido.

— Então você tem de começar a se expressar melhor.

— Olha. Pensei que com o Enzo na cidade, vocês dois... — disse ela

rapidamente — E você é uma garota linda e seria natural que Max se encantasse com você e confundisse as coisas.

— Primeiro, eu não sou uma garota. Segundo, entre Enzo e eu só existe amizade — A cada pontuação ela erguia um dedo — E terceiro, só não estou com Max porque é ele que não me quer.

As peças do dominó estavam caindo, e Brianna se sentia muito mais leve por ter revelado o que guardara por tanto tempo em seu peito.

— Você é contra? Max e eu ficarmos juntos?

Rebecca pareceu refletir. Isso meio que desapontou Brianna. De todas as pessoas no mundo, Rebecca era a última que Brianna acreditava que poderia contra.

— Não me venha dizer que é errado e que você não aceita — disse em um tom magoado ao fechar os olhos — Não depois que pediu que Alex e eu participássemos da sua vingança idiota. Você não, Rebecca!

Brianna estava cansada, deprimida e não podia suportar que, além de Max, sua melhor amiga, a sua irmã, tratasse com leviandade os sentimentos dela.

Quando voltou a abrir os olhos, vislumbrou tristeza refletida nos olhos da amiga. Tocara em um ponto sensível. Ela odiou-se por ter sido vingativa e mesquinha a esse ponto. Ajudara Rebecca porque quisera, e não porque foi coagida. E também sabia que tudo que ela causou com as pessoas que a fizeram sofrer no passado, voltara-se contra ela de algum jeito.

— Desculpe — soluçou, saindo do quarto correndo.

Brianna exigia que as pessoas a tratassem como uma mulher madura e inteligente, mas não vinha se comportando exatamente assim. Primeiro perdera a calma com Max, permitindo que ele se afastasse completamente. Talvez devesse ter agido com mais calma e parcimônia. Não tinha que forçar sua entrada no coração dele, precisava conquistar aos poucos, como vinha fazendo. Agora brigou com Rebecca e fez acusações que não deveria ter feito. Estava perdida. Seu mundo desmoronava aos seus pés e não sabia o que fazer. A quem recorrer. Brianna nunca se sentira tão sozinha no mundo.

Brianna praticamente pulara todos os lances da escada sem nada ver. Quando chegou ao fim dela, em vez de ir para a esquerda, onde todos estavam na piscina, seguiu para a direita, em direção ao escritório de Max.

Mal abriu a porta, quando a voz dele chamando por ela a paralisou.

— Brianna? — Max se aproximou dela e ela congelou com o toque em seu ombro — O que aconteceu?

Brianna estava no limiar, entre a fúria e a dor esmagando seu peito. E quando Max gentilmente a virou para ele, deixou que a raiva fosse o sentimento mais forte.

— Você aconteceu! — Ela falou com raiva, chorando, socando-o no peito com toda a força que tinha — Você aconteceu na minha vida e agora não consigo te tirar dela.

Foram três semanas sufocando tudo o que sentia.

Raiva. Saudade. Medo. Rejeição. Um coração magoado.

Tudo despejado sobre ele a cada empurrão que lhe dava. Max deixou que ela batesse em seu peito, até que se cansasse e o choro dela passasse a ser um lamurio fraco. Ele passou os braços em volta dos ombros dela em um abraço forte.

— Não faça isso — ele sussurrou, soltando uma das mãos e prendendo seu queixo entre os dedos, erguendo a cabeça para olhá-la nos olhos.

— O quê? — indagou ela, fungando — Avançar em você como uma maluca?

Max deslizou os dedos pelas bochechas dela e secou o rastro de lágrimas. Ele odiava ver os seus olhos marejados e magoados como eles estavam.

— Chorar — disse, com gentileza — Eu não consigo ver você chorar, Brianna.

— Como se você se importasse — ela refutou, mas uma pequena chama em seu coração começou a arder.

Max sorriu e passou os dedos pelo desenho de sua boca.

— Ah, Brianna — sussurrou, a cabeça se aproximando um pouco mais da dela — O fato de não poder, não anula o fato de querer me interessar com tudo relacionado a você. Absolutamente tudo.

Quando os lábios deles se tocaram, Max viu como sentira saudade disso. Das mãos grudadas em seus cabelos enquanto a beijava. O cheiro do perfume dela e como os gemidos roucos que ela emitia o deixavam ligado.

— Por que fez isso? — indagou ela, rouca, quando os lábios se separaram para respirarem.

— Só o que sei é que não encontrei um motivo para não fazer.

Max a beijou novamente. Com Brianna, ele nunca queria pouco. Nunca parecia ser o suficiente.

— Max... — ela sussurrou, lânguida, e pareceu esquecer o que tinha a dizer, quando ele passou os lábios suavemente no pescoço dela.

Ele brincava com fogo e estava se queimando. Mas era um calor tão bom, como quando você estica os dedos frios no calor da lareira. Era um calor que aquecia Max por inteiro. Onde ele se sentia frio e congelado, Brianna aquecia com seu toque e seus beijos.

— Isso é loucura! — Max finalmente se afastou, escorando-se contra a estante de livros atrás dele.

Loucura deveria ser a palavra preferida dele para descrevê-los, já que não a tirava da boca. Mas não era assim o início de um sentimento chamado amor? Desesperador e louco.

Não! O que ele sentia por essa garota atrevida, era puramente carnal e, o fato de ele continuar em abstinência sexual apenas inflamava isso.

— Não pode me beijar e depois dizer que é errado, Max — disse Brianna, em um tom de reprimenda que ele sabia que merecia — Mostrar que me quer depois agir como se não devesse.

Ele esfregou os olhos e, Brianna viu a marca de seu batom nos lábios dele. Passou os dedos na própria boca, que deveria estar igualmente manchada. Não podia ir se encontrar com os outros assim. Teria que voltar ao quarto para pegar a maquiagem na bolsa e correr o risco de encontrar Rebecca por lá, algo que ainda não queria, ou ir até um toalete para lavar o rosto.

— Tem razão, Brianna — disse Max, cautelosamente — Isso não vai se repetir. Eu a vi chorando e...

— Impressionante! — Brianna ergueu as mãos, calando-o — Consegue encontrar dezenas de justificativas, mas não consegue admitir que me beijou porque quis. Você quis me beijar, Max!

Ele fechou a cara em uma expressão ranzinza, e murmurou um palavrão que esperava que Brianna não tivesse compreendido. Para Max usar esse recurso tão chulo, era porque se sentia além do limite.

Brianna estava, mais uma vez, certa. Todas as vezes que a beijara, foi porque quis. Queria beijar de novo agora.

— Você me afastou porque tinha medo que isso acontecesse, Max — Brianna passou a mão nos lábios inchados, mais uma vez — E veja só, aconteceu. E vai acontecer até você parar de lutar contra isso e resolvermos o que sentimos de uma vez por todas. Pense sobre isso.

Ele abriu a boca para argumentar, mas Brianna foi mais rápida que ele, deixando-o sozinho no escritório com um grande discurso preso na garganta. E logo depois, aconteceu algo que surpreendeu Max.

Ele sorriu.

Não qualquer sorriso, mas um sorriso enorme, que ia de orelha a orelha. Ele havia sucumbido à tentação, e ao invés de estar aborrecido com Brianna ou muito irritado com ele mesmo, Max estava sorrindo.

Ela ordenara mesmo que ele refletisse?

Então, o sorriso se transformou em uma gargalhada impossível de controlar. E ele se viu rindo, como não fazia há semanas.



CAPÍTULO 15

Cinco dias.

Foi tudo que Max conseguiu aguentar sem a presença de sua secretária Loren, que havia tirado uma licença médica às pressas para se recuperar de uma cirurgia de apêndice. Dois dias sem a presença dela e três com a secretária substituta e atrapalhada, que parecia tremer cada vez que ele olhava sério para ela.

Dispensara a jovem pela manhã, e a julgar pelo suspiro aliviado que deu ao arrumar suas coisas, praticamente saindo correndo da frente dele, foi uma mudança muito bem-vinda. Normalmente ele era um homem gentil e paciente, mas a Srta. Wilson conseguia tirá-lo do sério. Aliado ao fato de que não fizera outra coisa além de pensar no que Brianna pedira e no maldito beijo que trocaram em sua casa. Max estivera irascível e impaciente durante toda a semana.

Agora se encontrava em frente à sala de Brianna, sentindo o corpo rígido, enquanto divagava se deveria bater na porta entreaberta, ou não. Em nenhum momento, desde que Max decidira que não deveriam trabalhar juntos, ele pisara na sala dela. Esteve determinado a cumprir a promessa de se manter distante. Promessa que teria que quebrar. Não porque ele queria, obviamente.

Seria um pequeno sacrifício em favor da sanidade dos seus funcionários e o bom funcionamento da Farm. Mas seria um martírio enorme encarar os olhos azuis calorosos e o sorriso gentil, como fazia no momento, ao observá-la falar ao telefone. Respostas monossilábicas, mas que lhe arrancavam alguns sorrisos.

Sorrisos que faziam o coração de Max contrair dentro do peito. Quando Brianna sorria, o rosto dela se iluminava. E ela iluminava tudo que estava em volta dela, principalmente ele, quando se permitia.

Nunca esteve tão ciente da expressão “tão perto e tão longe”.

— No próximo fim de semana? — indagou Brianna, mordendo a ponta de uma caneta — Eu disse que iria pensar sobre as duas propostas. Sim, eu sei que são seus últimos dias na cidade Fiorenzo. Mas um fim de semana inteiro?

Max se afastou um pouco da porta, quando ela ergueu o olhar para analisar o calendário ao lado do computador. Não tivera a intenção de bisbilhotar a conversa. Até porque, quando chegou e a secretária de Brianna, que estava de saída para o almoço, informou que ele poderia entrar. Max acreditou que ela conversava com algum cliente, ou pelos sorrisos descontraídos, com alguém da

família. Milano foi a última pessoa que ele poderia imaginar. O maldito italiano, que não perdia uma única oportunidade de cercar Brianna.

Ela disse um fim de semana inteiro com ele?, indagou Max. E que proposta era essa que ele havia feito?

— Max? — Em meio a seus pensamentos atordoados, a porta foi aberta e Brianna surgiu à frente dele — Faz tempo que está aí?

— Não — Ele mentiu, sem entender por que fazia isso, foi algo automático — Acabei de chegar.

Eles se olharam por um momento. Brianna curiosa pela presença inesperada e Max irritado com o que ele não sabia dizer.

— Deseja falar comigo? — foi Brianna a quebrar o silêncio que começava a ficar incômodo.

Max sabia que estava cometendo um erro. O mesmo sentimento que teve quando exigiu que Brianna se afastasse. Mas como da outra vez, seguiu adiante sem muito pensar.

— Preciso que você volte.

— Voltar a quê? — Ela cruzou os braços e se escorou contra o batente da porta.

Mulher impossível!

Ele segurou o impulso de revirar os olhos. Ela podia ter o leve traço de uma menina. Uma linda mulher desabrochando. Semblante de anjo, mas, por dentro, tinha um gênio do cão, ele percebia. Faria com que admitisse que ele precisava dela.

— Ser minha assistente — ele pigarreou, limpando a garganta — Voltar a trabalhar comigo.

— E a Loren?

— Apêndice. Ela ficará algumas semanas de licença.

Brianna assentiu com a cabeça, e Max podia jurar que viu um brilho de sorriso nos olhos azuis.

— É. Eu soube sobre isso — disse ela — Sabe, pego carona com ela quase todos os dias.

Max quase a questionou por que então ela havia perguntado, mas decidiu que Brianna tinha direito à pequena vingança.

— E a Srta. Wilson?

Max resmungou algo. Um palavrão, antes de responder.

— Nós somos incompatíveis — esclareceu ele — A mulher dava um pulo cada vez que eu abria a boca.

Brianna riu. Max relaxou e riu com ela. Agora ele conseguia ver a história com bom humor.

— Por que, Max? — indagou ela, o sorriso sumindo de seu rosto — Deve haver dezenas de funcionárias na Farm capacitadas para assumir a função.

Por que ele sentia saudade dela? Mas isso Max nunca iria admitir.

— Capacitadas, talvez — ele se aproximou um pouco mais, ficando a centímetros de Brianna — Mas não sabem de tudo como você e nem entendem minha mente como você entende.

Às vezes, Max acreditava que Brianna sabia o que ele estava pensando. Sabia descontrai-lo quando se via tenso e encorajá-lo quando se sentia indeciso. Os dias com ela, devido à atração que tentavam fugir, foram infernais, mas também foram únicos. Os melhores, desde que ficara sóbrio e recuperara a dignidade perdida.

— E sobre o fato que nós dois...

Ela se afastou um pouco, assinalando com a mão um ao outro.

— Consigo manter minhas mãos longe de você — disse ele, sendo a segunda mentira que dizia a ela em um curto espaço de tempo.

— Consegue? — o olhar, as sobrancelhas arqueadas, gritava *mentiroso*, como um cartaz em neon.

— Desde que você não chore ou coisa parecida — provocou ele.

Max rapidamente desfez o sorriso que acompanhou a declaração dele quando a viu brava.

— Tudo bem, Sr. Hunter. Farei isso enquanto Loren estiver ausente — disse Brianna, dando a ele agora, um sorriso angelical — Mas ocuparei a mesa dela durante esse período.

— Mas por quê? — retrucou, surpreso.

— Ficou claro que o que precisa é de uma secretária.

— Sabe que é mais do que isso, Brianna — ele rangeu os dentes.

— Ah. Eu sou? — ela estreitou os olhos e o olhou duramente.

Ele mordeu a língua antes de responder. Brianna ainda estava brava e não iria facilitar as coisas para ele. Tudo bem. Uma coisa que ele aprendera no A.A., era que deveria viver um dia de cada vez. Tentar prever o futuro, ou ter algum controle sobre ele, foi o que fez Max cometer o erro de afastar Brianna. Como ela afirmara, não diminuiria a atração que sentia por ela. Fizera apenas com que pensasse nela com mais frequência.

Dessa vez faria diferente. Lidaria com o desejo de forma madura, e não como um adolescente na puberdade. Talvez saísse para conhecer algumas mulheres. Nada sério, apenas para aproveitarem por algumas horas a companhia um do outro. Alimentar as necessidades físicas e afetivas antes de seguirem caminhos separados. Ele não podia entregar seu coração de novo a outra mulher, mas ainda era um homem.

E se a vida sexual estivesse bem, logo veria que a atração sem controle em relação à Brianna fora apenas um capricho de seu corpo.

— Ótimo! — disse ele — Pegue suas coisas e volte para a sala da presidência.

Max não sabia o porquê — ou talvez soubesse — mas tinha voltado a ficar animado.

Brianna teve dois motivos importantes para aceitar o pedido de Max para voltar a trabalhar com ele. O primeiro e, sem dúvida o mais importante: sentia saudade dele. Uma imensa e dolorida saudade que a fazia ir quase todos os dias até a porta, determinada a ir atrás dele e, retornar quando o bom senso falava mais alto.

A segunda era que teve um grande prazer em vê-lo voltar atrás. Sentira prazer ainda maior em exigir uma distância mínima entre eles. É claro que ela sabia que, devido ao histórico recente deles, não conseguiriam ficar perto demais antes de se verem nos braços um do outro — inevitavelmente isso iria acontecer — queria forçar Max a aceitar essa verdade.

E tinha que aproveitar dessa ínfima vantagem em um prazo curtíssimo. Não iria permanecer com Max depois que Loren retornasse. Tinha pendente a oferta de trabalho que Fiorenzo lhe oferecera. Seria uma mudança radical. Teria que deixar seu apartamento, os amigos – a família – e fazer residência em Milão. Antes de Max ter surgido em sua sala com o pedido inesperado, pensava seriamente na opção. Seria doloroso ficar longe de todos que amava, mas doía mais ainda ficar tão perto de Max sem tê-lo.

E Brianna não era o tipo que fugia sem ter zerado todas as suas chances. E ela usaria esse tempo com Max para tentar, de uma vez por todas, fazê-lo entender que o que sentiam não era errado ou inapropriado, como ele insistia em dizer. Mas também não ficaria se jogando em cima dele. Por isso exigira a barreira de uma mesa e uma porta entre eles. Literalmente tinha corrido e se jogado nos braços de Max nas outras vezes. E se declarado em outras. Por que o amasse, como ela o amava, precisava ter um pouco de amor próprio e bom senso. Se Max a quisesse, agora seria ele a ter que lutar por ela.

— Srta. Gibbs? — Max a chamou.

Ele estava parado na porta de sua sala. Parecia que esteve observando Brianna por um tempo, enquanto ela esteve no mundo da lua, perdida em seus pensamentos.

— Pode vir à minha sala, por favor?

Era o segundo dia que estavam trabalhando juntos. Bem, trabalhar juntos não era exatamente o termo correto. Passaram mais tempo falando-se pelo

intercomunicador, do que olho a olho. A salvo de quando Brianna precisava entrar na sala dele para entregar ou retirar algum documento, ou acompanhar Max em alguma reunião importante.

— Essa semana acontece o Congresso Farmacêutico em Oncologia, em São Francisco — disse Max, antes de entrar na sala, claramente esperando que ela o seguisse.

— Sim. Wallace Bonilha... — que era o diretor de pesquisa e produção da Farm — irá nos representar, correto?

Max abriu dois botões do seu terno, antes de ocupar sua cadeira e girar levemente enquanto se acomodava.

— Decidi dispensar Bonilha desse compromisso. A esposa está para ter um bebê a qualquer momento.

— Certo. Acho muito gentil de sua parte levar isso em consideração — disse Brianna — Quem ficará no lugar dele, então?

— Nós dois.

Brianna arregalou os olhos e abriu a boca em uma sincronia perfeita que pareceu divertir Max.

— Nós?

— Sim. Eu tenho um interesse particular nesse Congresso e quero que vá comigo.

A Farm desenvolvia um novo remédio na luta contra o mesmo tipo de câncer que Olivia enfrentara. Tanto Max como Michael, que se tornou Oncologista devido à doença da mãe, tinha interesse que o produto fizesse sucesso.

— Eu fico honrada pelo convite, mas Michael não é o mais indicado a ir com você? — sugeriu Brianna — E... esse fim de semana... bom, já fiz planos.

Ela passaria alguns dias na praia, na companhia de Fiorenzo.

— Quais planos? — ele a pressionou, com um olhar frio.

— Max!

— O que a impede de participar de algo tão importante para a empresa, Brianna?

— Passarei o fim de semana na praia com Fiorenzo — disse ela.

Max arqueou uma das sobrancelhas, com ar de quem achava a justificativa dela ridícula.

— Compromisso que pode ser reagendado, correto?

— Por que não convida o Michael?

— Meu filho não sairá da barra da saia da mulher dele e nem ficará longe do filho.

Nisso ele também tinha razão. Desde que reconquistara Rebecca,

Michael mostrava-se o melhor marido e pai que ela poderia imaginar. De forma alguma ele a deixaria a esposa sozinha e ao bebê recém-nascido.

— Bem, quem sabe outra pessoa? Posso verificar...

— Desejo você, Brianna! — disse ele, espalmando as mãos na mesa antes de se levantar — Preciso de você lá, comigo.

Ela se calou diante da entonação e força em suas palavras.

As coisas não estavam indo muito bem. A frieza e a indiferença educada de Max, durante aqueles dois dias, a desapontava e deixava cada vez mais propensa a aceitar a oferta de emprego de Fiorenzo. Se realmente decidisse partir, passaria semanas estudando as empresas dele, que não tinha nada a ver com o ramo farmacêutico. Qual a necessidade de ir ao Congresso? Claro que todo conhecimento é bem-vindo. E tinha certeza que poderia aprender muito durante o evento, mas nas atuais circunstâncias, sentia mais que era um pequeno desperdício de tempo, sem contar a tortura de passar três dias, praticamente sozinha com Max.

— Brianna... — ele deu à volta a mesa e se aproximou dela, segurando seu ombro, olhando-a diretamente nos olhos — Dispense-o e venha comigo.

O jeito que ele disse e a forma intensa que olhava para Brianna, a fez se perguntar se Max queria dizer algo a mais. Como se ele pedisse que escolhesse entre ele e Fiorenzo. Uma pequena desconfiança se abateu sobre ela.

— Você armou tudo isso? — A pergunta tinha um leve tom acusatório que o surpreendeu.

Max a soltou e colocou uma das mãos no bolso, levando a outra ao peito em uma atuação melodramática demais.

— Está me acusando de inventar um Congresso, com a presença dos melhores oncologistas e farmacêuticos do mundo, apenas para atrapalhar seu fim de semana romântico com seu namorado?

— Ele não é meu namorado — corrigiu ela, envergonhada.

Pensando friamente, a acusação que ela fizera a Max era mesmo ridícula. O Congresso tinha sido marcado há meses e muitas pessoas de renome estariam lá. Era importante para a Farm apresentar o novo produto e verificar novos mercados. Eles tinham intenção de expandir o negócio para a América Latina. Max não poderia inventar um evento dessa magnitude do nada, em dois dias.

Além do mais, ele não tinha como saber que Brianna tinha feito planos com Fiorenzo. Sinceramente, o interesse dele no Congresso parecia mesmo genuíno. E como ele estava se reintegrando ao meio, tornava-se natural que ele quisesse participar pessoalmente e que alguém de sua confiança estivesse com ele.

Brianna já estivera em outros Congressos. Depois de dezenas de palestras, nem todas tão interessantes, havia coquetéis e as pessoas saíam para socializar. Max não precisava andar com uma placa no pescoço, dizendo que parou de beber e que lutava contra o vício, mas imaginava que enfrentar tudo isso devia causar grande desconforto para ele.

— Tudo bem. Terei que mudar meus planos, mas irei acompanhar você — ela finalmente cedeu — Vou verificar o que precisa ser feito...

— Já tomei todas as providências. Você pode tirar o restante da tarde de folga, para que tenha tempo de arrumar sua mala e tudo que achar que precisa — disse, retornando à sua mesa — Esteja pronta amanhã, às dez. Passo em seu apartamento para pegar você para irmos para ao aeroporto juntos.

Com isso, ela estava sendo dispensada. Brianna saiu do escritório como se seu corpo se movimentasse sozinho. Tinha que pensar no que diria a Fiorenzo, mas sua cabeça só conseguia pensar que teria quase quatro dias com Max e se ele teria forças para continuar se mantendo tão indiferente como vinha tentando.

Desejo você, Brianna.

Ah, Max! Se ele soubesse como ela o desejava também e, de uma forma nada profissional, teria percebido há tempo, que praticamente a obrigar a viajar com ele, poderia se tornar uma grande tortura para os dois.

— Também desejo você, Max — ela sussurrou, ao pegar a bolsa dela e ir em direção ao elevador — Você não imagina o quanto.

Brianna sorriu. Sentia que esse Congresso mudaria tudo entre eles.



CAPÍTULO 16

Quinze minutos antes das dez, Brianna estava pronta e esperando por Max. Ele chegou exatamente no horário combinado. Enquanto ele colocava sua mala no bagageiro, ela ocupou seu lugar ao lado do banco motorista. Os primeiros minutos de viagem correram em um silêncio desconfortável. Com Max prestando atenção na via interestadual e Brianna concentrada na estrada movimentada.

— Notei que você não tem carro. — disse ele, puxando conversa quando o caminho ficou mais fluído — Não sabe dirigir?

— Na verdade, eu não gosto.

Ele desviou rapidamente a atenção do trânsito e a olhou, admirado. Como a maioria dos homens, devia achar a resposta um tanto absurda. Meninos aprendiam a brincar de carrinhos antes mesmo de aprender a falar.

— Me envolvi em uma batida de carro, logo depois que tirei a habilitação — ela deu de ombros, mas tremia por dentro sempre que se lembrava disso — Nunca mais quis dirigir. E, de qualquer forma, sempre fui trabalhar com Rebecca ou usava o motorista da família dela. Acabou que nunca mais tentei dirigir.

— Ainda está traumatizada?

— Não. É... eu realmente não gostava de dirigir. Isso me deixava nervosa. Ainda me deixa. Prefiro caminhar.

— Por isso escolheu um apartamento próximo ao trabalho?

— Sim, mas também porque ele é próximo à casa de Nicholas e Laura. Vou visitá-los sempre que posso. Sem a Rebecca, Olivia e Ryan na casa, eles se sentem um pouco solitários.

— Você os considera como pais? — soou mais uma afirmação do que uma pergunta, de fato — Eles também a consideram como uma filha.

— Tenho um grande carinho por eles, sim. Já tinha 17 anos quando os conheci, mas era somente uma menina assustada saindo do orfanato, tendo que encarar o mundo com a amiga em apuros. Não os chamo de pais, mas sinto-os como se fosse. Devo quem sou hoje a eles.

— E a seus esforços e dedicação — acrescentou Max.

— Sim, mas antes de ter nos encontrado, terem encontrado Rebecca, tínhamos um futuro incerto. Com ela grávida, sem o pai do bebê para apoiá-la...

Max soltou um pequeno grunhido quando ela disse isso.

— Comecei a trabalhar e tentar dar conta de nós duas, mas a vinda do

bebê nos preocupava — Brianna continuou — Eu não teria concluído os estudos no momento certo, tampouco cursado uma das melhores universidades em Londres. E profissionalmente também teria sido mais difícil, sem a ajuda e o suporte de Laura e Nicholas. Eles me deram um lar, educação e uma família. Então, sou muito grata a eles.

— Nicholas não fez nada que não teria feito a Rebecca — afirmou Max — Ele teve uma conversa comigo sobre você.

Brianna o encarou, pasmada. Por sorte, estavam entrando no estacionamento do aeroporto, onde Max deixaria o carro até retornarem.

— Nicholas falou com você sobre mim? Mas por quê?

Max desafivelou o cinto e virou em direção a Brianna.

— Obviamente não fui tão discreto quanto achei que tinha sido no jantar em sua casa — disse ele — Ele me alertou sobre te magoar.

Brianna deveria se sentir aborrecida com Nicholas e até mesmo confrontá-lo por ter invadido sua privacidade, abordando Max com algo tão íntimo para ela, mas não ficou. Ele agira como um pai preocupado com a filha e, isso a emocionou profundamente.

— Então, é por isso que você... — ela olhou para as próprias mãos sobre o colo — É tão resistente a ficarmos juntos?

— Por isso, entre outras coisas. Mas isso pesa bastante. Se a minha nora é como uma irmã para você, Nicholas é como um irmão para mim. Não posso magoar a filha dele sem colocar nossa relação em risco. E ele já me alertou que, entre nós dois, você será a escolha dele.

— Mas, Max...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela, silenciando-a.

— Podemos fazer uma trégua? — disse Max, em um tom cansado, refletindo um cansaço que vinha da alma — Sem brigas. Sem cobranças. Sem pressão, por esses quatro dias?

Brianna também se sentia emocionalmente esgotada emocionalmente.

— Tudo bem — ela sorriu.

Eles estavam indo até São Francisco a trabalho, mas poderiam aproveitar o melhor que a cidade tinha a oferecer.

Brianna andava pela sala adjacente, observando o sofá em formato de L e a mesinha de centro francesa, com um vaso contendo lírios brancos. O tapete era branco e felpudo, do tipo que nos fazia querer tirar os sapatos e enroscar os dedos nos pelos macios. Cortinas pesadas em dois tons de bege cobriam as janelas que se abriam para uma vista de tirar o fôlego.

Enquanto Brianna admirava o lugar, Max entregou uma gorjeta generosa ao *bellboy*.

— Ficaremos no mesmo quarto? — perguntou ela, assim que o funcionário se retirou após uma mesura educada — Lembro que você disse que tinha cuidado do assunto.

— É uma suíte com quartos conjugados — explicou Max, atravessando a sala e indo em direção a um corredor que terminava nas duas suítes — Ainda terá uma cama só para você.

— Não sei — ela mordeu o lábio inferior, parecia indecisa — Ainda assim, teríamos que dividir o espaço. Como faço quando receber visitas?

— Infelizmente, foi a única coisa que consegui de última hora. Devido ao Congresso realizado no hotel, todos os quartos já estão ocupados — disse ele, abrindo uma das portas, mas parou ao absorver a pergunta dela — Visitas?

Durante o Congresso eles conheceriam algumas pessoas, fariam contatos e conexões, mas ele não conseguia imaginar Brianna trazendo praticamente um desconhecido ao quarto deles.

— Fiorenzo.

Max cerrou os punhos e sentiu o maxilar enrijecer ao ouvir o nome do italiano.

— Milano está aqui?

Brianna passou tranquilamente por Max e caminhou até a cama, onde se sentou.

— Eu avisei que tinha planos — disse ela, olhando em volta do quarto, exatamente como fez na sala de estar.

— E que seriam cancelados devido ao Congresso — disse ele.

— Mudados — ela pegou um dos travesseiros, passando os dedos sobre o bordado — Dei uma olhada nas programações de Wallace. Entre uma palestra e outra, terei algumas horas de folga. O Congresso irá até sábado de manhã. Ainda terei boa parte do fim de semana livre.

Max conhecia a si próprio, para saber que a expressão em seu rosto não era nada agradável. Se Milano tinha se deslocado até São Francisco para ficar com Brianna e ela tivera o trabalho de reorganizar sua agenda com o intuito de dar atenção a ele, poderia significar que ambos estavam dispostos a dar um passo a mais na relação. Max deveria se sentir aliviado com isso. Significava que Brianna estava seguindo em frente. Ele deveria estar mais do que aliviado; deveria estar feliz. Mas ele não estava.

Pelo contrário. Achava o italiano insistente, inconveniente e burro. Porque, em primeiro lugar, jamais deveria ter deixado Brianna escapar dele quando teve a chance de tê-la ao seu lado. E por mais que a diferença de idade

entre eles fosse mais compatível, ela merecia um homem de mais confiança e determinado a mantê-la por perto.

Alguém como... Não Max. Quer dizer, não que ele não quisesse. Quem não desejaria uma mulher como Brianna? Linda, inteligente, divertida. Serena. Corajosa e que tinha uma boca afiada e deliciosamente desafiadora.

— Bom, então terá que reorganizar sua agenda — disse ele, praticamente rangendo os dentes como um cachorro de rua.

— Reorganizar? — indagou Brianna, soltando o travesseiro e cruzando os braços.

Max não era um sádico, muito menos uma pessoa maldosa, mas ele sentia um pequeno prazer em arruinar quaisquer que fossem os planos que Milano fez com Brianna. E sobre uma coisa ela tinha razão: não havia possibilidade alguma de aceitar a presença do italiano na suíte. Não era uma colônia de férias. Estavam ali a trabalho, e ele tinha todo o direito de exigir profissionalismo, além do foco de Brianna nele. Quer dizer, no Congresso.

— Eu também dei uma olhada na programação de Bonilha — disse Max, sentindo a calma retornar sobre ele — Acrescentei algumas palestras que acho importantes. Além de dois almoços e um jantar com os clientes importantes. E há o jantar de gala que encerra o Congresso, no sábado.

— E devo comparecer?

— Essa é uma resposta óbvia.

Para a surpresa de Max, Brianna não se exaltou como ele esperava. Ela o analisou atentamente. Como uma professora avaliando um aluno tentando colar na prova.

— Isso é estritamente profissional? — perguntou ela.

Max sentiu aquele desconforto de quem não era acostumado a mentir, mas se sentia obrigado.

— O que quer dizer?

Brianna ficou em pé e caminhou até ele. Um palmo de distância os separava. O perfume dela chegou até ele e as mãos dele literalmente formigaram, desejando apertar sua cintura e aproximá-la mais. Os lábios dela estariam tão macios e doces como ele se recordava?

— Seja sincero uma única vez, Max — disse ela, com a determinação e coragem que ele admirava — Primeiro, pediu que eu cancelasse meus planos com Enzo para segui-lo até esse Congresso, quando sabe muito bem que qualquer outra pessoa na empresa poderia vir em meu lugar.

Max não pretendia admitir isso, mas nesse ponto ela estava certa. Nem ele realmente precisava estar ali. Era um Congresso importante, mas havia, pelo menos, meia dúzia de pessoas na Farm que poderia o representar.

— Agora parece querer atrapalhar meus encontros com Enzo — continuou ela — Uma hora não me quer e me afasta. Outra hora afasta quem se aproxima de mim, em uma clara demonstração de ciúmes. Por favor, diga o que realmente quer, porque é confuso.

Mais uma vez Brianna tinha razão. Estava desgastante esse jogo de *quero e não quero*. Não era justo com nenhum dos dois. Ele era um homem feito. Um empresário bem-sucedido e chefe de família. Mas agia como um garotinho indeciso.

— Homens são naturalmente egoístas — disse ele, tocando o rosto de Brianna com carinho — E tudo entre nós é confuso.

O que segurava Max, é que ele sentia que qualquer decisão que tomasse faria os dois, em algum momento, saírem com o coração partido.

Ele inclinou o rosto em direção a ela. Como sempre, seu corpo dizia para fazer uma coisa e a razão outra. A razão venceu dessa vez. Max colou os lábios na testa dela, onde ficou por alguns segundos, antes de se afastar.

— Descanse um pouco — disse ele, antes de se retirar — Depois saímos para almoçar.

“Descanse um pouco?”

Era tudo o que Max tinha para dizer a ela?, questionou-se Brianna.

Homens não eram apenas criaturas egoístas; eles eram muito complicados e irracionais também. De um lado, ela tinha um que não escondia o desejo em ficar com ela, mas que ela não conseguia sentir nada além de profundo carinho. Do outro, um que fazia seu coração palpitar em centenas de escalas diferentes, mas que fugia dela como se isso fosse um caso de vida ou morte.

Ela retornou para a cama confortável, abraçando o travesseiro. Nos últimos meses, ela esteve em uma reviravolta de sentimentos e decisões. Fugir de Max. Lutar por Max. Pensar em Max. Amar Max. Sofrer por Max. Esquecer o Max.

Pela vida toda, Brianna só teve as coisas pela metade. Um pouco da mãe. O suficiente de carinho das freiras do orfanato. Era quase uma irmã para Rebecca e tinha um pouco do amor dos pais dela. Parecia que só tinha um pouquinho das pessoas.

Ela não deveria reclamar. Tivera um destino melhor do que muitos órfãos que passaram pelo St. Thomas. As pessoas amando-a, pouco ou muito, ainda assim a amavam. Mas Brianna queria, por pelo menos uma vez, ser para alguém o centro de tudo. E alguém que ela pudesse amar com a mesma intensidade.



CAPÍTULO 17

Ela já tinha cancelado quatro encontros seguidos com Fiorenzo e não era justo fazer isso novamente. Além disso, a mensagem que ela recebia demonstrava que ele já não estava tão compreensivo como no início daquela semana, principalmente porque os compromissos de trabalho com Max, de alguma forma, acabavam em pequenos passeios turísticos que ele não conseguia entender. Embora Brianna tivesse sugerido a Fiorenzo durante um jantar que tivera na noite anterior a sua viagem à Califórnia que eles reprogramassem o fim de semana, ele optou por ir até lá, tentar se adaptar à agenda de trabalho dela. E se adaptar à agenda de Brianna, significava se ajustar à agenda refeita por Max. E ele não tinha exagerado quando afirmou que havia reprogramado tudo.

Algumas palestras e workshops se mostraram uma surpresa agradável. Outras, uma grande perda de tempo, mas pelo menos Max divertira, ao analisar psicologicamente figuras interessantes, como o senhor com cara de texugo, que sentara ao lado dele, mas mudava de lugar a exatamente cada dez minutos da palestra sobre avanços tecnológicos.

E em cada evento sonolento e maçante que Max havia inserido na programação, ele a compensava ou a convencia a conhecer um ponto importante e diferente na cidade de São Francisco. Começou no primeiro dia, após o almoço barulhento e lotado, no restaurante do hotel. Eles foram até a Ponte Golden Gate e dividiram um pote de Häagen-Dazs de baunilha – o preferido de Brianna –, enquanto caminhavam, admirando a vista e o pôr do sol. E a melhor parte de tudo foi que, do meio para o final da longa ponte, Max segurou a mão dela. Seguiram assim até pegarem um táxi de volta ao hotel. Não foi nada mais do que isso, mas aquele dia foi especial para Brianna, entrando na lista dos melhores dias de sua vida, mesmo que no começo tivesse ficado muito irritada com Max.

No segundo dia, almoçaram com um grupo de empresários do Uruguai, país onde Max pretendia introduzir a Farm na América latina. Três horas depois, antes da última palestra do dia, eles fizeram uma visita, infelizmente rápida, à Grace Cathedral.

Com sua estrutura neogótica, não era apenas um templo religioso importante, mas também um dos patrimônios históricos e culturais mais incríveis da cidade. As obras de artes, pinturas, afrescos diversos, colunas e vitrais completavam a beleza de tirar o fôlego da catedral.

Ambos fizeram suas orações, e houve um breve momento em que Brianna sentiu que Max iria beijá-la, mas no último momento ele recuou,

deixando-a sozinha e decepcionada, enquanto a aguardava do lado de fora.

Cada passeio ou atividade profissional ao lado de Max, quando ele se permitia relaxar e esquecer os anos de diferença que os separavam e que o impediam de se entregar ao que sentia por ela, era divertido ou interessante para Brianna. E sempre que não conseguia chegar a tempo em algum encontro marcado com Fiorenzo, ela se sentia mal.

— Temos algumas horas, após a palestra de oncologia — disse Max, assim que Brianna finalizou a mensagem e eles entraram em sua suíte do hotel — Que tal irmos até a Ilha de Alcatraz?

— Desculpe, marquei um café com Enzo em meia hora — disse Brianna, e ela realmente sentia não poder fazer esse passeio com Max — Depois acho que vamos sair para jantar.

Max fechou a cara como sempre fazia. Brianna passou a achar graça e se deliciar com as demonstrações de ciúmes, mesmo que ele nunca admitisse, mas nesse caso, a consciência estava mesmo pesando contra ela. Sempre fora honesta em relação a seus sentimentos com Fiorenzo, mas ele tinha saído de Uptown e ido até a Califórnia para ficar com ela.

— Mas e o jantar com o Sr. Blom?

Brianna ergueu a sobrancelha como se estivesse repreendendo uma criança birrenta e não um adulto sensato.

— A secretária dele desmarcou essa tarde — recordou ela — Parece que teve alguma intoxicação alimentar.

— Então vai me deixar sozinho para ciceronear com seu namorado grudento?

— Já disse que ele não é meu namorado — disse ela, enfaticamente — E depois, cancelei quase todos os compromissos com ele para atender sua agenda maluca. Está sendo irracional, Max.

Ele abriu e fechou a boca como se fosse contestar, mas acabou mudando de ideia no último momento.

— Diga que também teve uma intoxicação alimentar — Ele cruzou a distância entre eles, fitando-a com um olhar irascível.

— Como?

— Diga ao italiano que não pode ir — disse ele, puxando-a pela cintura.

Estavam tão próximos como nunca estiveram em dias. As mãos nela faziam sua pele formigar. Ela espalmou as mãos dela no peito dele para se apoiar.

Beija-me, Max!, diziam seus olhos. Beije-me ou me deixe em paz!

Mas seus lábios balbuciaram outra coisa.

— Por quê?

— O que quer dizer?

Brianna só queria que Max fosse sincero com ela e com ele mesmo. Tinham vivido inocentes momentos românticos, mas muitas vezes carregados de tensão sexual. Por duas noites seguidas caminhou até sua porta fechada, tentada a ir até ele, e outras vezes, ouvira seus passos indo e voltando até sua porta no corredor. Max só precisava falar as palavras certas e Brianna largaria tudo.

— Por que eu devo cancelar com Fiorenzo e ficar com você?

Ela se aproximou um pouco mais dele, seus rostos a um centímetro de se tocar.

Por favor, fale.

Ela deu-se conta de que as palavras não viriam, quando ele afastou as mãos da cintura dela e sentiu o peito dele ficar tenso sob suas mãos.

— Porque é o seu trabalho ficar comigo — disse ele, com mau humor.

— Trabalho? — O lado violento que Max despertava nela começou a se manifestar — Pois então me demita.

Brianna prendeu a bolsa contra o peito para não acertá-la na cabeça de Max, e seguiu em direção ao seu quarto. Ela agradecia que era o último dia deles ali. Ainda haveria o jantar de gala no dia seguinte, mas ela não ficaria por muito tempo. No dia seguinte, partiria para China Beach com Fiorenzo e teria um ótimo dia na praia com ele. Algo que deveria animá-la, mas não animava nem um pouco.

— Pois bem — Max a seguiu até chegarem ao corredor que dividia os quartos — Divirta-se com seu amigo. Vou ter um jantar agradável com Adrienne.

Brianna chegava à porta, quando o ouviu citar a médica.

— A Dra. Brown? — indagou Brianna — Ela está aqui?

— Ela é oncologista — respondeu Max — Encontrei-a ontem, durante o café no hotel.

Brianna tinha ido encontrar Fiorenzo no Starbucks, antes de decepcioná-lo com dezenas de desculpas por não conseguir passar qualquer horário restante do dia com ele, por isso não esbarrou na médica.

— Ela será uma das palestrantes de hoje.

E os papéis se inverteram completamente. De ser o foco de ciúme, Brianna passou a ser a cimenta. E por mais que ela achasse uma besteira ridícula, não conseguia evitar. Se Fiorenzo era o par ideal para Brianna, a médica podia ser a mulher perfeita para Max.

— Então, tenha uma boa noite! — Ela se virou para abrir a porta.

— Com toda certeza eu terei — retrucou Max — Não precisa me esperar acordada.

— Certamente não vou esperar — resmungou Brianna, batendo a porta.

E só não ficou completamente desolada, porque o ouviu bater a porta de

seu quarto também. Eram dois idiotas andando em círculos quando queriam, na verdade, correr na mesma direção.

Agora Brianna entendia de quem Olivia herdara a birra. Só faltava Max bater o pé e cruzar os braços. Não parecia o homem encantador, inteligente e divertido com quem ela passara os últimos dois dias.

Max odiava brigar com Brianna, porque brigar com ela geralmente o fazia agir como idiota. E desde que admitiu para ele mesmo – e não para ela, claro – a atração que sentia, ele vinha agindo como um imbecil. Isso tinha que mudar. Aliás, toda a sua relação com ela tinha que mudar. Ele já tentou fugir; não deu certo. Tentou mantê-la longe; fracasso total. Ele só não tentou ceder ao desejo que a cada dia mais, o enlouquecia. E a cada dia ao lado dela chegava à conclusão que, se não podia vencer o inimigo, deveria se unir a ele.

Brianna era adulta, muito mais adulta do que o próprio Max vinha sendo ultimamente. Pelo menos ela sabia o que queria e lutava por isso. Embora ele já não tivesse tanta certeza que ela o desejava como antes e até que ponto Milano conseguiu recuperar o carinho dela. E isso causava um desespero diferente a ele, que em meio a isso tomava atitudes desesperadas.

Inicialmente, ele pretendia ir ao Congresso sozinho, mas depois que a ouvira ao telefone, fazendo planos românticos com o italiano de merda, perdera a cabeça. E perdera um pouco mais, quando soube que ele estava na mesma cidade que eles.

De repente, Max se sentiu como uma criança, não querendo dividir o brinquedo. Eram os seus dias com Brianna. Toda a atenção dela tinha que ser voltada para ele. E, sim, refizera a agenda de forma que, da manhã ao início da noite, eles estivessem muito ocupados. Ele a compensava levando-a para conhecer alguns pontos turísticos nos intervalos. Eram os únicos momentos que ele relaxava e agiam como um homem e uma mulher comuns. Relaxados demais, na verdade. Ele se controlou para não beijá-la na ponte, enquanto segurava a mão dela para caminhar, e por muito pouco não fizera o mesmo na igreja, quando a viu, tão linda, sorrindo para ele.

Max respirou profundamente, quando finalmente aceitou algo que vinha ponderando desde que deixara Uptown com Brianna: parar de lutar e deixar que o destino seguisse o seu curso. Talvez com eles fossem pólvora e fogo, porque reprimiam o desejo que sentiam e que talvez a essa altura, já tivesse esfriado se eles — no caso ele — não resistisse tanto.

Agora estava em um restaurante, sendo uma péssima companhia para uma amiga, porque não conseguia parar de pensar onde Brianna e Milano

estariam. Para onde eles foram e o que fariam após o jantar.

— Max? — chamou Adrienne — Por que eu sinto que seu corpo está aqui, mas sua cabeça está em outro lugar?

Max ergueu o olhar do tortellini de cogumelos que remexia em seu prato e a encarou, dando um sorriso apagado.

— Desculpe — ele largou o talher, tinha perdido completamente o apetite — Falávamos sobre sua palestra. Você esteve magnífica.

— Foi o que me disse há quase uma hora — ela sorriu.

Pelo visto, Max tinha perdido mesmo o jeito com as mulheres, ele pensou. Não sabia lidar com Brianna e estava sendo extremamente deselegante com Adrienne, deixando que seus pensamentos o ausentassem por tanto tempo.

— Acho que não sou uma companhia agradável hoje — confessou ele.

Se Adrienne ficou desapontada, conseguiu ocultar muito bem.

— Negócios ou coração? — ela levou a taça de vinho branco aos lábios, e ele desviou o olhar para sua água mineral, fugindo da tentação.

Ele insistiu e a convenceu de que ela podia apreciar uma taça de vinho durante o jantar. As garrafas não desapareceriam como mágica, embora ele o desejasse. E nem as pessoas mudariam seus hábitos devido às fraquezas de Max. Era ele que tinha que aprender a se ajustar ao mundo.

— Pela sua relutância, arrisco dizer que seja o coração.

— É tão óbvio assim?

— É que os homens são um pouco previsíveis quando estão apaixonados — disse ela.

Apaixonado?

Ele se sentia atraído por Brianna, achava-a linda e com incontáveis outras qualidades que Max admirava, mas apaixonado?

— É aquela jovem que ofereceu o jantar...

— Brianna — completou Max — Mas eu não estou apaixonado por ela.

Adrienne sorriu e, enquanto ele remoía a verdade que ela despejou em cima dele, fez o sinal para o garçom, pedindo a conta.

— Max, eu presenciei um dos piores momentos da sua vida — ela cobriu a mão dele sobre a mesa — Perder quem amamos é algo terrível. Quase impossível de superar. Mas conheci a Olivia e sei que ela desejaria que reconstruísse sua vida.

Max teria interrompido o belo discurso dela, dizendo que ela não poderia imaginar o que ele sentira, mas Adrienne foi a médica de Olivia e também havia perdido o marido em um acidente trágico. Se havia alguém que poderia chegar próximo à dor que ele sentira, era ela.

— Mas que romântico!

Max congelou no lugar, ao reconhecer a voz a suas costas. Ele se virou lentamente, até encontrar Brianna e Fiorenzo Milano, que a amparava pelo braço. E ele não gostou nada de ver o italiano com as mãos em volta dela.

— Não é romântico, Enzo? — Brianna continuou a dizer, olhando furiosa de Max para sua acompanhante na mesa.

Levou alguns minutos para Max perceber que Brianna estava alterada. Ele estava dividido entre a raiva e a preocupação com ela quando se levantou.

— O que aconteceu? — Max olhava para Brianna, mas a pergunta era direcionada a Fiorenzo.

— Pouca comida — disse Fiorenzo — E muito vinho.

Brianna sussurrou alguma coisa no ouvido dele, e os dois riram. A preocupação de Max cedeu todo o espaço à fúria, e ele estava muito próximo de marcar os olhos do italiano de roxo. Era uma irresponsabilidade que ele tivesse deixado que Brianna passasse do ponto.

— Deixe que eu cuido dela, agora — disse Max a Fiorenzo, ao se aproximar de Brianna.

— Não se preocupe — Fiorenzo o olhou firmemente, mas soltou Brianna como Max esperava — Só passamos aqui porque Brianna insistiu muito, mas já estou levando-a para o seu quarto.

Ah, mas não ia mesmo!, pensou Max.

— Ela precisa de um banho e ir para a cama, então eu cuido disso — retrucou Max.

— Acontece que...

— Senhores! — Adrienne deu a volta na mesa, caminhando até eles.

De forma gentil, mas firme, ela afastou tanto Fiorenzo como Max do lado de Brianna e passou o braço na cintura dela.

— Vamos subir os quatro — disse ela, com tranquilidade — Me ajudem a levar Brianna para o quarto. Eu cuido dela, e vocês tentem não se matar enquanto isso.

Não era bem essa solução que Max queria. Ele mesmo desejava cuidar de Brianna e garantir que ela ficasse bem. Mas não podia negar que o italiano também estava preocupado com ela.

Eles subiram em silêncio, exceto por Brianna que, desinibida pela bebida, cravejava Adrienne de questionamentos.

— Vocês deveriam namorar... casar e todas essas coisas — disse Brianna, em uma voz embriagada, alguns segundos antes de entrarem na suíte.

Adrienne riu e olhou rapidamente para Max, antes de responder.

— Eu consideraria, se ele não estivesse apaixonado por outra.

— Ah... — Brianna soluçou — Tem mais uma.

Max grunhiu, incomodado por seus sentimentos estarem sendo expostos assim, e Fiorenzo proferiu alguns xingamentos em italiano, pelo menos, pela intensidade das palavras, Max concluiu que seriam palavrões. Ele não era tão perfeito.

— Onde é o quarto dela?

— Por aqui — Max se apressou a guiá-las, deixando Fiorenzo sozinho andando pela sala de estar — O banheiro é aqui.

Quando as duas entraram, Adrienne barrou a entrada de Max.

— Eu cuido do resto — ela sorriu, gentil, ao constatar a preocupação de Max — Tenho experiência nisso, lembra?

O falecido marido dela tinha sido dependente químico e de álcool. Adrienne deveria ter passado por muitas cenas parecidas. Max se recordou da última vez que Michael o arrancou da cama onde estava rodeado de bebidas e, enfiado debaixo do chuveiro frio. Estando do outro lado, extremamente preocupado com Brianna, ele se dava ainda mais conta de como a bebida, ou qualquer outro vício, fazia as pessoas em volta do dependente, sofrerem.

— Estarei na sala, se precisar de mim — disse ele, antes de sair.

Encontrou Fiorenzo sentado em uma poltrona. Max não pensou duas vezes antes de agarrá-lo pelo colarinho, fazendo-o ficar de pé. Apesar de o italiano ser alguns centímetros mais alto que ele, a raiva que Max sentia o tornava bem mais perigoso.

— Como permitiu que ela bebesse assim? — Max exigiu saber — Essa não é a Brianna.

Fiorenzo segurou os pulsos de Max, mas não o afastou. Ele também estava preocupado com Brianna. Depois que fora incisiva ao afirmar que não podia continuar usando-o como escudo e, nem dar esperanças que não poderia cumprir, acabou por convencê-lo, ou achou que tivesse feito isso, que era melhor serem apenas bons amigos. Não que tivessem sido mais do que isso desde que se reencontraram.

— Ela estava chateada — disse Fiorenzo — Achei que o que separava a gente fosse o que ela me contou no passado e o fato de não ter conseguido lidar com aquilo, mas não era.

O que tinha acontecido de tão grave que separou os dois?

Droga! Esse era um momento que ele sentia que precisava de uma bebida. Com muito esforço, soltou Milano e seguiu até o frigobar, de onde tirou uma garrafa de água.

— Você a ama? — Fiorenzo perguntou a Max.

Ele deu um longo gole na garrafa de água, antes de olhar duramente para ele e responder.

Muito! Tanto que, vê-la assim, estava matando-o por dentro.

— Não acho que seja da sua conta — respondeu, em vez disso.

Fiorenzo respirou profundamente, passando as mãos nos cabelos.

— Eu gosto muito dela e também me importo — rebateu Fiorenzo com impaciência — Além disso, fomos noivos.

— Noivado de duas semanas — ironizou Max.

Milano fechou os punhos e Max apertou a garrafa, pronto para brigar se ele quisesse.

— Achei que meus avós não conseguiriam entender...

— Terminou com ela por causa da sua família? — interrompeu Max.

— Você não foge por causa da sua?

Os sentimentos que a família de Max viesse a ter, de uma possível relação com Brianna, contavam, mas o motivo que sempre o segurou era outro.

— Venho de uma grande família italiana — Fiorenzo esfregou o rosto — Não é muito fácil aceitar isso. Eles acreditavam que eu poderia me apaixonar por outra pessoa.

O discurso de Fiorenzo deixou Max um pouco confuso. Não havia nada em Brianna que a deixasse de ser a mulher perfeita para um homem de sorte.

— O que exatamente eles não aceitavam? — indagou Max — O fato de ela ser órfã? Ou por não ser italiana?

Ele não conhecia muito a cultura italiana, mas sabia que havia algumas famílias rígidas, que não gostavam de se misturar.

— Espera... — Fiorenzo ergueu uma das mãos — o que exatamente você sabe?

Max fechou ainda mais a cara, se era possível.

— Além de que você é um idiota? Nada. Só que terminaram o noivado há pouco mais de um ano.

— Droga... — ele coçou o queixo — Então é por isso que ela parece sempre tão sufocada. Acho que sou a única pessoa que sabe a verdade.

— Que verdade?

— Se a Bree não quis te contar, não sou eu que devo dizer — resmungou ele.

Max estava prestes a protestar e exigir que ele lhe contasse a verdade quando Adrienne surgiu na sala, vindo do corredor.

— Ela deseja ver você, Max.

Ele encarou Fiorenzo mais uma vez. Como era mais importante saber como Brianna estava, do que conhecer os segredos que ela guardava, agradeceu a ajuda de Adrienne e seguiu para o quarto.

A porta estava aberta, e ele se escorou contra o batente. Ela se deitara

de lado, com as cobertas cobrindo seu corpo. Da porta, Max só tinha a visão dos cabelos úmidos contra o travesseiro. A respiração suavizada indicava que Brianna dormia, mas ele não tinha certeza, então resolveu se aproximar da cama.

Os olhos estavam fechados, mas quando Max colocou a mão dela entre as suas, os lindos olhos azuis-oceano o encararam.

— Max?

Ele soltou uma das mãos e a passou por seu rosto, afastando uma mecha de cabelo úmido do rosto dela.

— Você está bem?

Ele tinha um grande sermão para dar a Brianna, mas deixaria para o dia seguinte. Primeiro, porque sabia que não era típico dela beber assim. E depois, porque Milano justificara, afirmando que não foi uma noite muito boa para ela.

— Desculpe — a sinceridade, tanto no pedido como nos olhos dela, fez o coração dele se encolher — Sinto muito, Max.

— Todos nós temos um dia ruim — ele acariciou a bochecha dela com o polegar — Agora descanse.

Brianna fechou os olhos com o carinho e soltou um sorriso deliciado.

— Você fica aqui comigo?

Ele se surpreendeu com a pergunta. Não sabia se era o melhor, mas também não conseguiu recusar o pedido. Ele tirou os sapatos e deitou sobre a coberta ao lado dela. Brianna se remexeu na cama, virou de lado e o abraçou, apoiando a cabeça no ombro dele. Max retribuiu o abraço, apoiando o queixo sobre a cabeça dela. Em poucos minutos, ela estava dormindo.

— Já estou indo embora — sussurrou Adrienne, ao surgir na porta — Pode deixar, eu cuido da fera na sala.

Max não estava nem um pouco preocupado com Fiorenzo e o ciúme que ele pudesse estar demonstrando. Agora, mais do que nunca, ele sabia que o italiano não era a pessoa certa para ficar com Brianna.

— Obrigado — sussurrou ele de volta.

Se Adrienne desconfiava dos sentimentos de Max, o que visualizava acabara de confirmar suas suspeitas. Não havia crítica ou julgamento em seu olhar quando saiu.

Max aconchegou Brianna mais junto dele e fechou os olhos. Só por alguns minutos, até que ela estivesse relaxada em um sono profundo. Depois ele iria para o seu próprio quarto.



CAPÍTULO 18

Brianna despertou com a mente confusa e uma tremenda dor de cabeça. Gemeu quando tentou abrir os olhos e a claridade que atravessava a janela pelas cortinas entreabertas a ofuscou. Levou um tempo para se acostumar à luz e às marteladas em sua cabeça. Quando conseguiu se sentar na cama, notou o copo de água no criado-mudo e um frasco de Tylenol ao lado dele.

Pouco a pouco, parte das lembranças do que tinha acontecido no dia anterior foram chegando à sua cabeça. A discussão com Max. A conversa franca e decisiva com Fiorenzo. Ela tinha bebido mais do que se alimentado e, quando chegaram ao hotel, insistiu que Fiorenzo a levasse até o restaurante, onde achava que encontraria Max com Adrienne. Brianna gemeu mais uma vez, antes de abrir o frasco e colocar um comprimido na boca.

A partir do restaurante, suas lembranças eram embaçadas. Sabia que conversara com a médica, mas não lembrava exatamente o que e que ela também lhe deu um banho frio, depois a colocado na cama. Recordou também que pediu a Max que se deitasse com ela, dali em diante, tudo era branco, ou melhor, um escuro total.

Brianna queria ser uma das pessoas que alegavam esquecer-se do que diziam e faziam quando bebiam. E embora ela não conseguisse se lembrar de tudo com exatidão, o que recordava era suficiente para fazê-la se sentir envergonhada.

Ela não tinha ficado alterada de propósito. Não recorria à bebida para afogar as tristezas da alma, embora tivesse muitas durante sua vida, mas, mesmo assim, sentia-se mal. Principalmente por expor Max a essa situação. Justamente ele que lutava contra o álcool constantemente.

Agora ele deveria ter a certeza de que ela era uma jovem irresponsável que não servia para ele. Com certeza acabou com todas as chances que um dia acreditou que pudesse ter.

— Então, já acordou — ela virou em direção à voz de Max com mais brusquidão do que deveria — Está se sentindo bem?

Observou-o atentamente. Ele vestia calça de sarja bege e camisa-esporte, branca. Brianna apoiou os pés no chão e pegou o copo de água, dando um longo gole, não apenas para ajudar a engolir o comprimido, mas também para se recuperar da visão de Max, que era de tirar o fôlego.

— Tirando essa dor de cabeça — resmungou ela — Tudo bem.

Max se apoiou contra o batente da porta e cruzou os braços.

— É um dos motivos que mostra que beber demais não é uma coisa boa

— disse ele, olhando-a seriamente — Eu não quero que você volte a beber assim.

Brianna sabia que viria um sermão e até mesmo que ela merecia, mas sentia o peito doer ao constatar que ele a achava uma tola. Tantos anos sendo uma boa moça. Sensata, responsável e ajuizada. Nunca dera um problema semelhante a esse aos pais de Rebecca. Tinha que ser Max a visualizar seu primeiro – e último, ela prometia – momento de fraqueza?

— Ah, não quer? — indagou ela.

— Não é um pedido autoritário ou opressivo, Brianna — ele respirou fundo antes de continuar: — É um pedido de alguém que gosta e se importa muito com você — ele esfregou os cabelos em um gesto desesperado — Que gosta muito, droga!

Não exatamente um “eu te amo”, mas vindo de Max, significava muita coisa.

— Por que fez isso? — questionou ele.

— Não quero falar sobre isso.

Para responder à pergunta dele com sinceridade, teria que confessar que dissera a Fiorenzo o quanto era apaixonada por Max.

— Desculpe — Brianna abaixou a cabeça, olhando para os pés descalços — Sinto muito.

— Já me disse isso ontem à noite — ele resmungou — Quero que me prometa que não passará mais da conta.

Ele não precisava exigir essa promessa, mas ela a daria mesmo assim.

— Eu prometo.

Eles se olharam por um longo tempo. Ela, envergonhada, e Max um pouco zangado com ela. Brianna foi a primeira a abrir um sorriso em um pedido de paz. Após alguns segundos, Max retribuiu.

— Troque de roupa — disse Max, indicando a camisola que ela usava. Ele não escondeu a apreciação diante da camisola preta, sexy e curta, e Brianna sentiu um fio de esperança se renovar — Vista algo leve e sapatos sem salto. Depois que você tomar café, vamos dar uma volta. Acho que você precisa de ar fresco.

Um pouco mais animada, Brianna saltou da cama, arrependendo-se na mesma hora. O remédio ainda não fizera efeito e sua cabeça pulsava como uma britadeira no asfalto.

— Aonde vamos? — perguntou ela.

— Ao Píer 39. Me encontre na sala em meia hora. Acha que é suficiente?

Ela meneou a cabeça em resposta. E assim que Max deixou o quarto, correu para o banheiro. Ela sabia que ele tinha pedido que apenas trocasse de

roupa e embora tivesse tomado banho antes de dormir, queria se lavar mais uma vez. Como que para apagar a noite anterior. Ela foi o mais rápida que conseguiu: em vinte e nove minutos seguia para fora do quarto, mas quando olhou para a janela e viu o dia claro lá fora, retornou para procurar seus óculos de sol.

Chegou um minuto atrasada, mas Max não pareceu se importar. Estava mais interessado em admirar Brianna, em seu vestido florido e sapatilhas brancas. Seus cabelos estavam soltos, caindo pelas costas, e o único sinal de maquiagem era um brilho transparente que fazia seus lábios parecerem maiores.

— Podemos ir — disse Brianna.

— Acho melhor você tomar café — sugeriu ele, indicando a mesa com o café da manhã.

Brianna pousou a mão no estômago, fazendo careta. Outro sintoma por ter exagerado na bebida.

— Não estou com fome.

Max caminhou até a mesa, pegou um guardanapo e uma maçã na cesta de frutas, entregando-a a ela.

— Você pode comer no caminho.

Brianna embrulhou a fruta e guardou na bolsa de praia que comprara em uma das butiques do hotel. Era de linho e tinha bordados manuais que a fizeram se apaixonar.

— Vamos? — Max esticou a mão para ela e Brianna não pensou duas vezes antes de entrelaçar seus dedos nos dele.

Deixaram o quarto caminhando de mãos dadas. O que deixava Brianna um pouco confusa, não que ela não estivesse gostando, não era isso. É que pensou que Max deveria estar muito decepcionado com ela e querendo quilômetros de distância. Mas ele agia exatamente o oposto.

Qualquer pessoa que os olhasse, imaginaria que eles eram um casal apaixonado em lua de mel. E se essa era uma pequena parcela de como seria se esse sonho um dia se concretizasse, Brianna iria aproveitar cada segundo.

Max soltou a mão dela apenas para entrarem no táxi e voltou a segurá-la. Ele sorria e parecia relaxado, como no dia em que caminharam na ponte. Rapidamente estavam conversando sobre os lugares que viam, enquanto o carro circulava pela cidade.

À beira da Baía de São Francisco, o Píer 39 unia ótimos restaurantes, excelentes lugares para compras, passeios de barcos, o Aquarium of the Bay, shows ao ar livre, além da belíssima vista para a baía.

Eles decidiram visitar primeiro o aquário, onde se podia passear dentro de um túnel com tubarões, arraias, águas-vivas coloridas e, vários outros habitantes do fundo do mar.

— Aqui ele não parece tão assustador — disse Brianna, ao tocar pelo vidro o focinho de um tubarão que se aproximou e parecia dar sua atenção especialmente a ela.

— Todos os tubarões caindo aos seus pés — Max gracejou — Dentro e fora do mar.

Brianna quis dizer que o único tubarão que a interessava estava exatamente segurando a mão dela, mas apenas sorriu e eles continuaram a andar.

Para almoçar, eles escolheram um dos restaurantes do Píer. Além de pedirem frutos do mar, eles também saborearam uma das muitas especialidades de crepes franceses e king crabs. Do local onde estavam, podiam avistar os simpáticos leões-marinhos dando seu show, ao lado do píer.

— Max? — Brianna se remexeu na cadeira, quando o show terminou e ele voltou sua atenção para ela.

Estavam comendo crepe com sorvete e creme de sobremesa, embora Brianna tivesse mais virado a massa de um lado para o outro do que provado o doce. Ela esteve, por todo o final da manhã e boa parte da tarde, remoendo a pergunta que gostaria de fazer a ele.

— O que, exatamente, você está querendo?

Ele a encarou com um meio sorriso, antes responder:

— Passear e ter um dia agradável com você?

Ele a conhecia muito bem para saber o que Brianna perguntava.

— Estou me rendendo — disse ele, largando a colher de sobremesa, como se fosse uma bandeira branca da paz — Você venceu.

— Venci?

Max se inclinou sobre a mesa, segurou a mão dela e acariciou os dedos antes de se declarar.

— Quero ficar com você, se ainda me quiser.

Brianna agradeceu internamente por estar sentada. Sonhou tantas vezes com essa declaração, que perdeu completamente a fala.

— Esse silêncio é um sim ou um não?

Ela balançou avidamente a cabeça em resposta. Max riu. Levou a mão dela aos lábios, mas ao invés de beijar os dedos dela de forma galante, como ela esperava que fizesse, ele passou a ponta da língua onde havia uma gota de sorvete em seu dedo. Todo corpo de Brianna vibrou em resposta.

— Vamos caminhar pelo cais? — sugeriu Max.

Ele podia tê-la convidado para ir para a lua, que Brianna o seguiria até lá. Com metade da sobremesa esquecida, Max pagou a conta e eles foram em direção ao cais. De lá podiam ver a Ilha de Alcatraz, a Golden Gate e dezenas de barcos navegando pela baía. Não que eles estivessem apreciando com muita

atenção. Grande parte das quase duas horas que ficaram ali, estiveram trocando beijos e carícias discretas.

Na volta para o hotel, eles pararam em algumas lojinhas de souvenirs especiais e Brianna comprou presentes para toda a família.

— Foi um dia maravilhoso — Brianna sustentava um grande sorriso quando passou os braços pelo pescoço de Max, ao entrarem na suíte conjugada — Obrigada.

Ele tomou os lábios dela, agora sem o pudor de quando estavam na rua. Brianna estremeceu quando ele a girou, apoiando as costas dela contra a porta. Era um beijo livre, sem medo ou amarras. Sem dúvida alguma, o melhor beijo de sua vida.

— Max... — Brianna gemeu, desviando as mãos dos cabelos dele até a camisa.

Ele grunhiu, aspirou e passou os lábios pelo pescoço dela, antes de se afastar.

— É melhor você descansar um pouco antes do jantar de gala... — ele olhou no relógio antes de continuar: — em duas horas.

— Vamos pular o jantar — ela ronronou em uma voz sexy, diminuindo outra vez o espaço que ele colocou entre eles — Vamos ficar aqui. Apenas eu e você.

Para ele, era uma proposta mais do que tentadora. Mas tivera uma tarde perfeita com Brianna e queria que a noite iniciasse e encerrasse assim.

— Aposto que você trouxe um vestido lindo — audaciosamente, ele passou a mão sobre as nádegas dela, o que fez o corpo de Brianna estremeecer — Gostaria de vê-la nele. Além disso, não se aprecia o vinho antes do buquê.

— Mas...

— Brianna — ele apertou sua bunda, puxando-a mais para ele — Não estou desistindo. Coloque seu vestido lindo. Vamos descer para jantar e depois aproveitar o restante da noite.

— Tipo, um encontro romântico?

— Pensei que a tarde toda tinha sido isso — ele riu — Mas é, tipo um encontro romântico.

Brianna respirou fundo e deixou que ele se afastasse.

— Tudo bem — disse ela.

Se Max queria vê-la em um vestido bonito e elegante, ela faria o impossível para ficar deslumbrante. Mesmo sentindo-se embriagada pelos beijos que trocaram, também estava cansada, teve que admitir. Colocou o despertador para tocar em meia hora e desabou sobre a cama, caindo em um sono tranquilo em seguida.

Apesar de ter deitado em sua cama, ao contrário de Brianna, Max não dormiu um único minuto. Passou a hora seguinte pensando na tarde que tiveram e na noite que teriam. Desejava Brianna como nunca, mas não queria arrancar a roupa dela e transar como um animal no cio. Ela merecia muito mais dele. Merecia uma noite especial. Boa comida e uma ou duas danças com ela, antes de se unirem.

Sim, ele a queria como há muito tempo não desejava uma mulher. Desejava tanto que chegava a beirar uma dor física. Por esse mesmo motivo, ele sabia que precisava ir com calma.

Ele saiu da cama, e vinte minutos após um longo banho frio, que não ajudou em muita coisa, começou a se arrumar. Quarenta minutos depois, estava na sala aguardando Brianna, um tanto ansioso. E ele não se arrependeu de ter praticamente implorado para que eles comparecessem ao jantar.

Brianna usava um vestido branco, dois cortes triangulares abaixo dos seios deixava uma pequena parcela de pele à mostra. O vestido tinha um decote oval e justo, do colo à cintura, depois ia se abrindo suavemente em uma calda de sereia. Os cabelos foram presos em um coque retorcido, elegante, e dava-lhe um ar um pouco maduro, mas também destacavam as linhas de seu rosto, assim como os olhos azuis.

— Uau! — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Brianna abriu um sorriso tímido e caminhou sensualmente até ele, alinhando o nó em sua gravata quando se aproximou.

— Isso quer dizer que estou bonita?

Max segurou os braços dela, inclinando-se para um beijo. Foi com muita força de vontade que resistiu ao desejo de morder os lábios vermelhos.

— Bonita seria muito pouco para descrevê-la — disse ele, pegando a mão dela — Nem acho que encontraria uma palavra à altura.

— Isso foi gentil — Brianna tinha um brilho apaixonado no olhar — Podemos ir?

Max ergueu uma sobrancelha.

— Ansiosa, agora?

— Quanto mais rápido formos — disse ela, com um olhar malicioso — Mais rápido podemos voltar.

Max riu e deixou que Brianna o arrastasse até a porta.

— Essa juventude apressada — gracejou e a puxou para os braços dele, quando entraram no elevador vazio.

— Ah, esses anciões sem pressa para nada — ela gracejou.

Era bom que eles pudessem fazer brincadeiras sobre a diferença de idade, sem a grande tensão que antes eles carregavam.

— Ancião, é?

Max colou os lábios nos dela, e só interrompeu o beijo, um tanto quente, quando o elevador parou em um determinado andar e duas senhoras pigarrearam, fazendo-os se separar.

Depois de assinarem a lista de presença, foram levados para a mesa reservada a eles.

— Veja — sussurrou Brianna, quando se acomodaram — Estamos bem de frente à porta.

— E o que isso significa? — perguntou Max, curioso com a intensidade no olhar dela.

— Que estamos na rota da saída.

— Brianna... — ele a alertou — Não comece com o que não será capaz de terminar.

Ela passou a mão pela perna dele, de forma lenta e sensual.

— Contanto que... — Brianna se inclinou sobre o ouvido dele, para sussurrar o que não queria que outras pessoas ouvissem — Você termine. Para mim, tudo bem.

Max puxou a calça e se ajeitou no lugar, exigindo ao corpo que se acalmasse. Felizmente, o encerramento formal tinha sido realizado no dia anterior, e logo os garçons começaram a circular, anotando os pedidos. Jantar e apenas uma música, Max meditou, isso deveria ser romance suficiente.

— Eu. Não. Acredito. Nisso. — disse Brianna, e Max olhou na direção em que ela encarava.

Primeiro ele reconheceu Adrienne, passando pelo arco da porta, em um vestido preto elegante, mas discreto, em seguida, avistou Milano em um terno cinza chumbo. Como estavam em uma mesa quase de frente à porta, não demorou muito que o casal os reconhecesse.

Adrienne com um sorriso e Fiorenzo com uma carranca para Max, ambos se aproximaram da mesa onde ele e Brianna estavam.

— Olá, Max — cumprimentou Adrienne, olhando Brianna em seguida — Olá, Brianna. Vejo que está bem melhor.

O sorriso de Adrienne era genuíno, coube a Brianna responder com a mesma sinceridade.

— Bem melhor. Max contou o que fez por mim e quero dizer obrigada — após uma resposta rápida de Adrienne, de que não deveria se preocupar, Brianna encarou Fiorenzo — E pedir desculpas a você, Enzo.

Fiorenzo desfez a carranca ao olhar para Brianna.

— Eu não deveria ter me descuidado de você — disse ele, culpado — Mas aceito as desculpas se vier acompanhada com uma dança depois.

Embora Max não fosse nem um pouco com a cara do italiano, tinha que admitir que ele sabia muito bem como usar o seu charme.

— Feito — concordou Brianna, depois apontou as cadeiras vazias na mesa deles — Por que não se sentam com a gente?

Max estava pronto a dar uma desculpa que os fizesse a recusar, quando notou a alegria no rosto de Adrienne. Não podia ser mal-educado e muito menos ingrato com ela, principalmente depois de ter cuidado de Brianna.

— Seria maravilhoso, não é, Fiorenzo? — o italiano apenas balbuciou algo, que Max acreditou ser uma concordância — Vamos apenas avisar que mudaremos de lugar.

Apesar de muitas pessoas terem participado do Congresso, nem todas elas marcaram presença para o jantar, a maioria havia partido na sexta-feira, após o encerramento oficial. Os que confirmaram presença para o evento, tinha uma mesa individual. A despeito disso, o salão se encontrava praticamente lotado.

— Os dois juntos? — sussurrou Brianna, quando eles se afastaram — Surpreendente.

Era típico das mulheres verem romance em qualquer lugar, pensou Max.

— Eles se conheceram no jantar em seu apartamento — lembrou ele — E ontem à noite voltaram a se encontrar. Não acho que role alguma coisa.

— É verdade — concordou Brianna

E Max não sabia se ela concordava mesmo ou estava apenas querendo encerrar o assunto já que o casal estava se aproximando.

O casal retornou à mesa e Max se esforçou muito para ser uma companhia agradável. Ele não conseguia ignorar que Fiorenzo sabia coisas de Brianna que ele não conhecia. E enquanto as duas mulheres comiam e conversavam como amigas de muitas datas, os homens trocavam meia dúzia de palavras frias.

No início da sobremesa, a pista de dança foi liberada. Brianna se levantou para a dança que havia prometido a Fiorenzo. Max não gostou nada de ver como ele a segurava enquanto dançavam. Ele não se lembrava de ser um tipo ciumento. Ou talvez, por ter passado tanto tempo casado e tendo a plena consciência de ser amado por sua esposa, na mesma medida que a amava, não tenha desenvolvido muito esse lado. Ou talvez fosse um homem diferente, agora. Brianna era outra mulher, e os sentimentos por ela eram muito diferentes também.

Mais intensos?

— Parece que vocês se acertaram — disse Adrienne, chamando a atenção de Max.

— Quase isso — ele resmungou, controlando a vontade de olhar para a pista de dança, onde Brianna parecia se divertir — Você e Milano?

Apesar da luz fraca sobre o ambiente, Max notou que ela ficou vermelha.

— Oh, não, ima-gine — disse ela, em uma voz nervosa — Novo demais para mim.

Max arqueou a sobrancelha.

— Ele tem 31. Como é deselegante perguntar a uma mulher... — disse Max — Qual a diferença entre vocês?

— Onze anos — disse ela, olhando o casal na pista — Complicado demais, e eu não sou você.

— O que quer dizer com isso?

— A sociedade não vê como um grande problema um homem mais velho com uma mulher mais jovem — disse ela — Mas se for o contrário, não é visto com bons olhos.

Em parte, Max concordava com ela. Mas nem todas as pessoas eram preconceituosas. Mesmo que não se visse em uma situação semelhante com Brianna, se tivesse conhecido Adrienne e Fiorenzo como um casal, não acharia algo bizarro. Até porque, ela era uma mulher linda e interessante. E se houvesse amor verdadeiro, quem seria ele para julgar?

— Além disso, ele é italiano — continuou ela.

— O que isso tem a ver?

— Não ouviu falar como eles são? — indagou ela com certa tristeza na voz — Não, não daria certo.

Max recordou o que Fiorenzo tinha falado sobre a família dele, pareciam ser pessoas bem intrometidas, pensou ele. Então recordou também que o italiano sabia algo que Max desconhecia, e deu-se conta que eles dançavam por tempo demais.

— Com licença — disse Max ao se levantar.

Quando chegou próximo à dupla, a música lenta tinha finalizado e iniciava-se uma nova. Max estava sendo coberto por um casal que começava a se afastar, quando ouviu Fiorenzo dizer:

— Deveria contar a ele.

— Ainda não estou pronta — respondeu Brianna.

Fiorenzo passou a mão no rosto dela, e quando a abraçou, seu olhar encontrou o de Max. Ele sorriu, e o intuito de irritá-lo teve sucesso.

— Acho melhor irmos embora — disse Max, pegando o braço de Brianna para afastá-la de Fiorenzo.

Ela olhou-o confusa, e depois um pouco zangada.

— Mas e nossa dança?

— Não quero mais — disse Max, conduzindo-a em direção à porta.

Por estar irritada ou por não querer fazer um escândalo na frente de todos, ela o seguiu em silêncio até o elevador.

— O que foi aquilo?

— O que ele sabe que eu não sei?

Brianna ficou pálida e recuou um pouco. Havia realmente alguma coisa que ela precisava dizer, mas tinha medo de falar.

— Não sei do que você está falando — disse ela.

— “Deveria contar a ele” — Max repetiu as palavras que Fiorenzo dissera — O “ele” deve ser eu.

Quando o elevador chegou ao andar deles, Brianna praticamente pulou para fora. Como somente ele levou a chave magnética, restou a ela esperar. Max adiou o confronto até apenas abrir a porta.

— O que você esconde Brianna? — insistiu ele quando entraram — Parece que sabe tudo sobre mim, mas há coisas que não sei sobre você.

— É uma coisa minha — disse ela, seguindo em direção ao quarto, mas se virou para ele — O que aconteceu com a noite especial?

Max tirou o terno como se o sufocasse e o jogou contra o sofá, antes de caminhar até ela.

— O que aconteceu que não quer me contar? — insistiu ele — Deixe-me ajudar você.

Será que ela tinha alguma doença grave?, se perguntou ele, passando as mãos no cabelo de forma desesperada.

— Está doente? — aguardou a resposta como se uma barra de ferro em brasa estivesse pressionada contra a garganta dele — É isso que está tentando esconder?

Deus! Ele conseguiria passar por tudo isso novamente?

— Não — ela respondeu — Não estou doente. É só uma coisa minha. Prometo que conto em outro momento.

— Por que não agora?

— Porque era para ser uma noite especial, lembra? — ela tinha os olhos marejados, e isso fez Max tentar se acalmar — Parece que você está buscando justificativas para fugir mais uma vez.

Não era isso que ele pretendia, pelo menos não intencionalmente, ele acreditava.

— Você tem que se decidir, Max! — disse Brianna, em um tom desolado — Você me quer ou não? Porque eu já não consigo mais suportar isso.

Brianna parecia perdida, enquanto Max estava em uma guerra interna

com ele mesmo. Talvez ela tivesse razão, e estivesse usando o que ela não se sentia confortável para dizer a ele, para tentar fugir mais uma vez.

— Diz que não me esconde nada, mas não é isso o que eu sinto. O que o prende tanto, Max? — Os olhos desesperados também o questionavam — Você me quer ou não?

Ele levou menos de um segundo para se decidir. E talvez viesse se arrepender mais tarde.

— Eu quero! — foi como um grunhido animalesco saindo da garganta dele, enquanto avançava até Brianna — Quero muito.

Eles sabiam que, daquele ponto em diante, era impossível retornar.

E Max nem tentaria, pensou ele, pegando Brianna em seus braços, conduzindo-a até o quarto dele.



CAPÍTULO 19

Dividiam a mesma suíte há quatro dias, mas era a primeira vez que Brianna entrava no quarto dele. Não era diferente do dela: travesseiros e lençóis idênticos sobre a cama, o mesmo estilo de decoração, as mesmas cortinas cobrindo a janela com uma bela vista da cidade. O que havia de diferente ali, era Max. O cheiro dele, aquele cheiro amadeirado, com um suave toque de canela, que parecia impregnado em cada canto do quarto e deixava Brianna inebriada. Uma camisa esquecida sobre a cadeira, dois pares de sapatos do lado esquerdo da cama, um livro na mesinha de cabeceira.

Max a colocou no chão. Eles se olharam, longa e densamente. Ambos conseguindo se enxergar nos olhos do outro. A mesma intensidade de desejo correndo por suas veias.

Ele passou o polegar nos lábios de Brianna. Ela fechou os olhos, absorvendo o calor que o toque dele espalhava pelo seu corpo.

— Max... — ela gemeu, foi quase um sussurro e, sua boca foi coberta pela dele.

Max explorou os lábios dela, sugando o inferior, depois passando a ponta da língua pelo superior, como se a provasse em pequenas doses, antes de aprofundar o beijo. Um beijo que ele parecia dar tudo de si e tomar tudo dela em troca. O ar, seu norte, o controle sobre si mesmo.

Afastaram os lábios para respirar. Max desceu os dele pelo ponto que unia a boca e o queixo dela, esquadrinhou o pescoço de Brianna com toques suaves de seus lábios, fazendo-a tombar levemente a cabeça para trás, soltando gemidos apaixonados.

Girou Brianna, prendendo suas costas no peito dele. As mãos grandes e firmes tocaram os seios sob o tecido do vestido.

— Max... — Brianna lamentou com um gemido, quando ele afastou as mãos — Max!

E ficou um pouquinho próximo da insanidade quando ele abriu seu vestido, passando a mão sobre suas costas em uma carícia lenta. Ela prendeu o ar quando as mãos dele encontraram seus seios novamente. Dessa vez, sem nenhuma barreira. Uma mão moldando um dos seios, a outra acariciando o mamilo.

Estavam se conhecendo, mas Max parecia saber tocar exatamente onde ela queria ser tocada. Entre carícias e beijos espalhados por seu pescoço, Brianna via sua força desmoronar. Precisou agarrar-se aos braços de Max, para ajudar a manter as pernas trêmulas no lugar.

Ele a conduziu a passos curtos até a cama. O vestido logo em seguida caiu sobre seus pés. Max a virou de frente a ele, estudando-a com olhos ardentes.

— Linda — sussurrou Max, libidinagem e luxúria faiscando dos olhos dele enquanto a admirava — Muito mais do que ousei imaginar.

E ele tinha, mesmo contra a sua vontade, imaginado Brianna nua nos braços dele.

Max pegou um dos seios com a mão e curvou-se sobre ela, tocando o outro seio com sua boca, levando Brianna a se contorcer e implorar quase que incompreensivelmente por mais. Ela sentia-se em chamas, queimando em uma febre vertiginosa.

— Max... — havia um início de súplica em sua voz — Quero tocar você.

Com as mãos trêmulas e ansiosas, ela avançou em cada botão da camisa dele, fazendo a peça cair em algum lugar sobre o carpete. Tocou o peito de Max. Não era musculoso como desses jovens viciados em academia, mas era amplo e firme. Com alguns pelos um pouco abaixo do peito, que Brianna não pôde deixar de tocar. Max era um homem com toda essência de homem.

Os dedos dela desceram um pouco mais. O abdome de Max se contraiu ao toque dela e, Brianna se sentiu a mulher que ela era. Mulher para ele. Abriu o cinto, deixou que a calça caísse aos pés dele. Tocou-o sobre a cueca. Max grunhiu, lançando a cabeça para trás.

Ele afastou as mãos dela e a deitou de costas na cama. Cobriu-a com seu corpo e voltou a beijá-la. Afastou-se apenas para tirar de Brianna a última peça de roupa, a calcinha branca rendada, que ele se deu ao luxo de admirar um pouco mais, antes de deixá-la nua.

Max ergueu os joelhos dela e separou suas coxas. Brianna prendeu o ar quando os lábios dele e a língua habilidosa tocaram seu ponto mais sensível. Ela ondulou de prazer e seus dedos agarraram com força os lençóis.

Ele não recuava quando Brianna suplicava, acreditando estar além do limite dela. Era seu mais novo vício; quanto mais a provava, mais ele queria experimentar. Inebriado por seu gosto, extasiado pelo seu cheiro, alienado pelos gemidos escapando dos lábios dela. Brianna. Seu vício. Sua insanidade. Sua.

— Ah, Max... — ela ondulou o corpo, as costas arqueando enquanto espasmos a dominavam — Max!

Ele a observou atingir o ápice e retornar, embevecido pela imagem que ela o proporcionava. Livrou-se da cueca e buscou o preservativo na gaveta da cabeceira. Em outro momento, teria pedido que ela mesma colocasse, mas quase enlouqueceu de prazer quando a mão de Brianna o tocou a primeira vez.

Max estimulou o ponto sensível em Brianna, onde sua boca estivera

dando prazer a ela, e sorriu convencido ao vê-la estremecer ao seu toque.

Max queria ser delicado, mas atrelado a tantos anos de abstinência sexual, havia o desejo por ela, que há semanas, e talvez meses, que ele vinha reprimindo. Com o máximo de autocontrole que conseguia ter, deslizou para dentro dela. Cerrou os olhos, deliciando-se ao ser recebido.

Macia.

Quente.

Encaixando-o perfeitamente dentro dela.

— Brianna — agarrou seu quadril, e ela passou as pernas em volta de sua cintura, movendo-se como ele se movia — Isso... isso...

Lentamente, eles foram encontrando o seu ritmo. Inicialmente com muita calma. Absorvendo cada onda de prazer que provocavam ao outro.

— Ah, meu Deus. Max! — ele a silenciou, beijando-a forte.

Eram como dois rios se encontrando, colidindo-se. Max mexeu o quadril, o de Brianna foi de encontro ao dele. Ele mudou o ritmo para estocadas mais aceleradas. Gemiam por mais, buscavam tudo.

E o orgasmo chegou para os dois, de forma nada menos que profunda e abrasadora. Não foi apenas sexo que eles compartilharam, embora ele estivesse ali, da forma mais primitiva possível.

Eles fizeram amor, doce, intenso e de forma grandiosa.

Max rolou na cama, puxando-a para o peito dele. Sua mente estava confusa. Não apenas pelo melhor orgasmo que já teve, mas pela nova onda de confusão em sua cabeça. Tinha uma pequena parcela dentro dele que esperava que, após fazer sexo com Brianna, o desejo que tinha em relação a ela iria diminuir. Afinal, não seria mais nenhuma novidade. Ele não precisaria mais imaginar como era estar dentro dela. Ledo engano; agora que tinha provado, queria-a muito mais do que antes.

— Você está bem? — perguntou ele, desejando poder responder à pergunta a si mesmo.

Não questionava do ato em si, tinha sido esplêndido.

— Estou surpresa — admitiu Brianna — Quer dizer... Esperava que fosse bom, mas...

Brianna sentiu o ombro embaixo do seu rosto, sacudir em uma risada.

— Mas não que superasse suas expectativas — ele resvalou o nariz nos cabelos dela — Posso ser um velho, mas existem partes em mim que funcionam muito bem.

Ela rolou para cima dele, cruzou os braços em seu peito e apoiou a

cabeça neles.

— Foi fantástico — admitiu ela, com um sorriso — Mas não fica todo convencido, Max.

Ele afastou uma mecha de cabelo caindo no rosto dela.

— Garota, se eu fosse 10% convencido, você não me deixaria maluco em todas as horas do meu dia.

— Todas as horas? — o sorriso dela se alargou um pouco mais.

— Em cada um dos minutos — disse Max.

E ele estava quase certo agora, que isso nunca iria mudar. Independente do que acontecesse com eles no futuro. Max estremeceu, não queria pensar ou falar no futuro agora. Tivera muito pouco de Brianna, para se torturar com as dezenas de formas que poderia perdê-la. Eles estavam a quilômetros de casa e dos problemas.

— O que acha de ficarmos aqui e pegar o voo de volta só na segunda de manhã?

Ele tinha um voo para domingo à tarde, mas podia facilmente trocar. A verdade é que, se ele pudesse, ficaria ali com Brianna por mais uma semana, mas antes que terminasse, teria a família toda atrás dele. Dificilmente, a essa altura, alguém seria pego de surpresa. Talvez a filha Caroline, que ele não tinha a mínima ideia de como iria reagir. Mas nem Max sabia ainda o que seria dele e de Brianna de agora em diante.

Não podia fazer uma promessa quebrando outra, podia?

— Max? — ele inclinou a cabeça e encontrou o olhar torturado dela.

Conhecia-a o suficiente para saber que ela se perguntava se ele estava arrependido.

Ele se desprende de Brianna delicadamente e saiu da cama indo em direção ao banheiro.

— Vamos tomar um banho? — Max voltou e estendeu a mão para ela — Sexo no chuveiro é um dos meus preferidos.

Ela abriu um sorriso curioso.

— E quais são os outros?

— Será muito mais interessante mostrar... — ele a ergueu do chão e, Brianna passou as pernas em volta da cintura dele — do que ter que dizer.

Max procurou os seus lábios, buscando o caminho do banheiro às cegas. Ele tinha um pouco mais de um dia de tranquilidade, para mostrar um pouco do que gostaria de fazer com ela fora ou dentro cama. Mas sentia que levaria uma vida inteira para mostrar, a ela.



CAPÍTULO 20

Brianna acreditava no lema “viver um dia de cada vez”. E isso era o melhor caminho para eles. E, pensando na sua delicada relação com Max, não conseguia ver outro caminho. Claro que ela gostaria de ouvir as palavrinhas mágicas, e seria a mulher mais feliz do mundo se as ouvisse, mas os homens, em uma situação normal, fugiam quando se sentiam pressionados, e se tratando de Max, as lutas que ele vinha enfrentando, pressioná-lo só faria com que ele recuasse novamente.

Então, deixou que as coisas seguissem seu curso, e aproveitaria os momentos que vinham se tornando os melhores de sua vida.

Ela se olhou no espelho mais uma vez, antes de colocar a sapatilha. O vestido bege, estilo hippie-romântico e decote canoa, que escolheu para esse dia, a deixava com um ar bem juvenil, mas Brianna se sentia bonita com ele. Para finalizar, deixou os cabelos soltos e passou pouca maquiagem.

— Quais os planos para hoje? — perguntou ela, quando encontrou Max na sala.

Max a observou atentamente. Se antes os olhares discretos que ele lançava a Brianna mexiam com ela, agora que não precisava mais esconder o que sentia e, a profundidade com que ele a encarava, a deixava sem fôlego.

— Poderíamos ir à praia — disse Max, puxando as mãos de Brianna, prendendo os braços dela em volta dele — E almoçar em algum restaurante em volta da orla.

Max deslizou o nariz pelo pescoço dela, fazendo-a vibrar em seus braços.

— E depois voltarmos ao hotel e transarmos até você implorar que eu a deixe em paz.

— E por que seria eu pedindo clemência? — indagou ela, com uma fingida indignação.

Max sorriu. Um sorriso cínico, que Brianna amava e desejava apagar do rosto dele ao mesmo tempo.

— Não fui eu que reclamei, às cinco da manhã — disse ele, dando um beijo rápido nos lábios dela, se afastando para pegar sua jaqueta no sofá.

— Mas eram cinco da manhã — Brianna marchou atrás dele até a porta — Cinco da manhã, Max.

— Sei... — ele seguiu a provocá-la.

Brianna não estava realmente brava como fingia transparecer. Seria

empolgante se todos os futuros desentendimentos deles — se é que poderia chamar assim — fossem pela quantidade de sexo que poderiam ter. Ela queria que o mundo se resumisse a isso, apenas aos dois, longe de todos os problemas e cobranças, vivendo o conto de fadas escrito por eles.

Mesmo que não existisse uma diferença de idade entre eles, Brianna sentia que ele sempre teria um espírito galanteador. Ele gostava de caminhar de mãos dadas com ela e de criar e aproveitar os momentos românticos.

— Experimenta essa — disse Max, ao surgir com uma tiara, colocando-a sobre a cabeça dela.

A peça era em formato de coroa, com louros, flores minúsculas e pequenos botões de rosas artificiais.

— Onde poderia usar? — ela riu, mas gostou do que via, quando olhou no espelho em cima do balcão da loja — Não vou usar isso.

Depois de sentarem na praia e caminharem por um tempo, eles pararam em uma loja de artesanato no caminho para o restaurante.

— Por que, não? — questionou Max — Você parece...

Brianna levantou o dedo em riste antes que ele pudesse finalizar.

— Não ouse dizer fada, fadinha ou qualquer coisa similar.

Levou muito tempo para ela conseguir que ele parasse de enxergá-la como uma menina e começasse a vê-la como mulher. Não iria abrir mão disso.

Max mordeu os lábios, impedindo que um sorriso escapasse, e pigarreou.

— Eu ia dizer como uma deusa do Olimpo — tocou os lábios dela com os dele, brevemente — É assim que a vejo.

Certo. Brianna não se sentia exatamente uma deusa, mas gostava de como ela se sentia com Max, da mulher madura que se transformaria ao lado dele, se assim ele deixasse.

— Combina com seu vestido. Está linda — insistiu ele, inclinando-se para cochichar no ouvido dela — E pode usar para mim hoje à noite. A tiara e nada mais.

Foi o formigamento que as palavras sussurradas provocaram que a convenceram a aceitar o presente, sem mais questionar. E depois que degustaram no almoço um delicioso scampi, em um restaurante romântico e intimista, Brianna foi a primeira a sugerir que retornassem ao hotel, para dar vida à fantasia que Max criara na loja. Não sem antes deixá-lo um pouquinho louco, ao insistir em tomar um longo e relaxante banho de banheira – sozinha – surgindo quarenta minutos depois no quarto dele, usando nada além da tiara e os cabelos caindo

soltos por suas costas.

De volta a Uptown, Max deixou Brianna no apartamento dela e sugeriu que tirasse o restante do dia de folga. Ela já tinha respondido alguns e-mails e feito algumas ligações para a Farm durante o caminho de volta, reprogramando a agenda deles.

Brianna tinha uma empresa que cuidava da limpeza do apartamento, mas quis ela mesma abastecer a dispensa e geladeira, principalmente porque Max viria para o jantar.

Ela pensou em fazer *steak au poivre*, mas a receita que tinha usava o conhaque, e pela breve pesquisa que fez na internet, estava comprovado que o álcool não evaporava todo durante o cozimento. Mudou o cardápio para filet mignon com amêndoas e molho de framboesa.

— Está usando o colar que eu te dei — observou Max antes do primeiro beijo, ao ser recebido na porta.

Era uma ocasião especial para Brianna: o primeiro jantar romântico deles em seu apartamento. Ela desejava que fosse o primeiro de muitos.

— Brianna? — chamou Max, horas depois.

Eles estavam no quarto, deitados e abraçados na cama. Ela sentia a letargia, pós-sexo que levava à sonolência.

— Humm...

Max passou o dedo por suas costas nuas. Ganhando tempo e coragem para o que precisava perguntar.

— Sobre o que o Fiorenzo dizia?

Brianna enrijeceu e Max interrompeu o carinho que fazia nela. Na primeira vez que ele a questionou, acusou-a de esconder coisas dele, e era verdade. O que iria dizer não tinha contado nem mesmo a Rebecca, que era o mais próximo que possuía de uma família.

— Nós fomos noivos, por pouco tempo, mas isso você já sabe — Max voltou a acariciá-la, passando os dedos vagarosamente por suas costas, e ela quase voltou a relaxar — Conheci a família do Fiorenzo. Uma família grande, barulhenta, mas muito amorosa também. Ele é filho único, então seus avós desejavam ver crianças correndo pela casa e fazendo barulho e desejavam isso logo.

Não era nada menos que Brianna também um dia desejou para si. Uma casa, com um belo jardim e lindas crianças correndo por todos os lados.

— E não era o que você desejava? — indagou Max.

— Pelo contrário, eu queria muito — disse ela.

— Então não se sentia pronta, ainda.

Brianna passou os dedos em alguns pelos no peito de Max.

— Acho que nasci pronta para isso. Ser mãe... — ela sorriu, um sorriso sem alegria — Sempre fui mais romântica e sonhadora que Rebecca. Antes de ela deixar o orfanato, achávamos que eu seria a primeira a casar e ter um monte de filhos.

O silêncio caiu pesado sobre eles. Brianna queria que Max pudesse ler nas entrelinhas e a poupasse de ter que revelar essa dolorosa ferida.

— Milano não pode ter filhos? — concluiu ele.

Primeiro se formou um nó na garganta dela. Tão grande e sufocante que acreditou que não poderia respirar, sequer responder. Depois o soluço, seguido das lágrimas jorrando dos seus olhos, fez Max se erguer, buscando o rosto dela.

— Sou eu, Max — disse Brianna, com tristeza — Eu que não posso ter filhos.

O pranto desabou no mesmo momento que as palavras saíram. Suas feridas estavam novamente abertas, agora diante dele. Brianna não podia ser mãe. Nunca poderia sentir o fruto do amor dela, com o homem que amava crescer dia a dia em seu ventre. Ela nunca iria sentir o chute do bebê. Nunca iria admirar sua barriga redonda. Nunca sentiria o bebê em seu seio, alimentando-o, criando um elo para a vida inteira. Brianna nunca veria uma parte de si correndo para os braços dela, chamando-a de mãe.

— Tem certeza disso? — O tom era angustiado, como ela esperava que seria — Hoje em dia...

Ela sacudiu a cabeça fervorosamente, querendo que o gesto pudesse negar o que ela dissera.

— Enzo pediu uma semana, enquanto pensava e conversava com a família dele — explicou ela — Procurei todos os médicos em Londres que eu podia. Além da endometriose, possuo uma deformidade nas trompas.

Ela curvou os ombros, derrotada, e tentou secar as lágrimas com as costas das mãos. Quanto mais Brianna fazia isso, mais lágrimas dolorosas insistiam em cair dos olhos dela.

— Ele abandonou você por não poder dar filhos a ele? — havia uma frieza perigosa no questionamento de Max.

— Ouviu o que disse sobre a família dele? — Brianna fungou — Não podia condená-lo ao mesmo destino que eu.

No dia que contara a Fiorenzo, sentiu um pouco de esperança que a revelação não tivesse pesado a ele, mas no fundo entendia, embora doesse.

— O que ele fez não... — Max rangeu os dentes, sua respiração estava entrecortada e densa.

— Não o julgue, Max. Ele já me pediu perdão e se arrependeu — pediu Brianna — E você não vai entender. Tem seus filhos. O que teria feito se, no dia em que pediu Olivia em casamento, ela dissesse que não poderia dar filhos a você? Se esse fosse um sonho de uma família inteira, principalmente de avós doentes?

— Eu não me casei com a Olivia para ter filhos com ela, droga! — disse ele, exaltado — E eu teria me casado com ela, mesmo se não pudéssemos tê-los. Nós nos casamos porque nos amávamos.

Brianna se encolheu pela intempestividade em suas palavras. Sabia que o amor que Max sentira pela esposa fora forte o bastante para vencer essa barreira. Mas só porque ele a amou de forma tão intensa, não significava que todos os homens do mundo seriam assim.

Brianna aceitou as explicações que Fiorenzo dera por ter interrompido o noivado. E achou gentil a sugestão de que poderiam adotar uma criança no futuro. Antes mesmo de ela descobrir a sua infertilidade, tinha pensando em adotar uma ou duas crianças, mas ela sabia também que, embora para ela pudesse ser um caminho para preencher essa parte do coração, em algum momento da vida Fiorenzo se ressentiria de não ter tido os próprios filhos. Não condenaria os dois a isso.

— Sorte a dela, não é? — Brianna levantou da cama e caminhou até o banheiro, sentindo como se tivesse se envolvido em um grave acidente de trânsito — Preciso de um banho. Pode bater a porta, quando sair.

Brianna fechou a porta e escorregou contra ela. Queria ficar sozinha, lidando com suas feridas. Tentava enfrentar isso da melhor forma possível. Todas as vezes que Brianna caía, respirava fundo e levantava novamente. Era forte, determinada e corajosa. Tinha concentrado seus pensamentos em outras coisas. Primeiro nos planos malucos de vingança de Rebecca e sua reaproximação com Michael. Em seguida, no trabalho árduo de reerguer a Farm. Depois, sua relação com Max tinha sido conturbada o suficiente para manter seus pensamentos ocupados. Mas agora, abrindo seu coração ao único homem que amou com tanta profundidade, sentia o coração doer.

Não era mais apenas por não poder ter filhos com Fiorenzo, a quem tinha carinho, mas não amava como ele merecia. Não poderia ter um filho com Max. E isso a entristecia como nunca. Jamais teria em seus braços um pedacinho dele. Os olhos dele, os cabelos, o jeito de falar ou agir. A única parte dela que poderia oferecer a Max, era seu próprio coração. Mas isso seria o suficiente?

Max não conseguia dizer até onde o que estava vivendo com Brianna,

poderia chegar, mas se ele seguisse agindo como um imbecil, chegaria até a porta da saída, para onde ela esperava que ele fosse, depois de sua revelação.

Acontece que ele simplesmente não conseguia ignorar a covardia de Milano, deixando-a sozinha no momento em que ela mais precisou. Max nunca teria feito algo semelhante com Olivia, quando eram apenas dois jovens sonhando com os felizes para sempre, muito menos com Brianna, sendo o homem maduro de hoje.

Ele fervia de raiva e fúria. Nunca gostou muito do italiano. Tudo bem, inicialmente porque sentia ciúmes e via nele uma ameaça em relação à Brianna. Agora, Fiorenzo Milano dava a Max motivos suficientes para dois ou três socos nos olhos. Mas tudo o que ele podia fazer no momento era socar o próprio travesseiro. Porque, embora Brianna tivesse o escorraçado e, com toda razão, ele não a deixaria sozinha. Se ela precisava de um tempo para se recuperar, daria esse tempo a ela enquanto estivesse no banheiro, mas não arredaria o pé do apartamento dela.

Em vez disso, enquanto ouvia o som do chuveiro vindo do banheiro, Max pulou da cama e foi em direção à cozinha. Em uma das conversas sobre a vida de Brianna em Londres, ele descobriu que ela aprendera a amar chá, ainda mais durante os anos que viveu na cidade. Depois de quase se perder na variedade de sabores que havia em sua dispensa, escolheu um de camomila com hortelã. Também acrescentou biscoitos variados a bandeja, que colocava em cima da mesa de cabeceira, quando Brianna retornou ao quarto. Ela não escondeu a surpresa ao constatar que ele ainda estava no apartamento dela, mas também não manifestou protesto.

Ela marchou até o closet, de onde tirou um conjunto de pijama, composto de calça e blusa com estampas do Sebastião, o caranguejo da Pequena Sereia. E Max só não riu porque, por um momento, perdeu o fôlego quando Brianna soltou o nó da toalha, fazendo-a cair aos seus pés, ficando nua diante dele.

Ele se sentia um boçal, porque deveria estar concentrado nos sentimentos de Brianna, e não em seu corpo sexy e no que poderia estar fazendo com ele.

— Presente da Olivia, eu imagino — disse Max, vendo-a colocar a calça vermelha do pijama.

— Natal do ano passado — ela confirmou, vestindo a blusa antes de subir na cama ao lado dele.

Ele pegou a bandeja e entregou a Brianna. Depois que ela se ajeitou e tomou o primeiro gole, ajeitou seus próprios travesseiros contra a cabeceira, apoiou as costas e cruzou os braços.

— Sabe que não precisa usar esse escudo contra mim. Sei que ando um tanto... intenso, nos últimos dias, mas... — a roupa, apesar de bonitinha, não era nada sexy, e ele entendia as intenções dela por trás disso — Já fui casado, lembra? Sei quando a única coisa que a outra pessoa precisa é um abraço durante a noite.

— Desculpe.

A voz indicava que ela estava prestes a chorar novamente, e embora isso o desesperasse, sabia que não restava nada a fazer além de ouvi-la. Ele não podia dar o que Brianna sonhava.

Deus! Ele afastara Brianna por tanto tempo, porque estivera convicto de que um homem mais jovem que ele, poderia dar o lar e a família feliz que ela merecia.

— É que, depois do Fiorenzo — continuou ela, em uma voz trêmula — Você é a primeira pessoa a quem conto.

— Por que não disse à Rebecca? Vocês são mais que amigas.

Brianna fungou e bebeu um longo gole de chá, antes de responder.

— Rebecca estava ocupada demais com sua vingança. Depois se remoendo de culpa. E depois com a chegada do Brian. Nunca parecia um bom momento para contar. Ou eram tristes demais ou eram felizes.

Max não conseguia imaginar como fora para ela esconder sua tristeza, vendo sua nora e o filho comemorando e compartilhando a chegada do bebê.

— E Laura e Nicholas? — ele se exasperou — Até mesmo eu? É um fardo pesado demais para que carregasse sozinha, Brianna.

Ela mordeu os lábios trêmulos e colocou a bandeja na mesa ao lado dela, na cama.

— Por isso mesmo. Era um fardo meu — ela encolheu as pernas, abraçando os joelhos — Que ainda estou tentando aceitar.

Max deslizou na cama, até poder abraçá-la da melhor forma possível. Beijou os cabelos dela, desejando poder tirar essa dor em seu coração. Não pudera salvar Olivia da morte e não podia salvar Brianna da morte que ela sentia por dentro. Ele se sentia impotente.

— Não está mais sozinha — garantiu ele.

Brianna liberou os joelhos e jogou-se contra os braços de Max. O coração dele partia-se em mil pedaços ao vê-la chorar assim. Mas, novamente, abraçá-la forte era tudo o que podia fazer no momento.

Mas até quando só isso seria suficiente?



CAPÍTULO 21

Há quem diga que ações valem mais do que mil declarações de amor. Em se tratando de Max, por exemplo, ela tinha a convicção que a expressão era verdadeira. Nos dias que decorreram à confissão de Brianna, ele tinha sido um companheiro gentil e atencioso. Ela evitava tocar no assunto “infertilidade” quando o assunto “relacionamento” estava em aberto.

— Então você vai passar esse fim de semana com Caroline? — indagou, ao se acomodar na cadeira.

Eles fizeram duas reuniões importantes e decidiram poupar tempo e almoçar no escritório.

— Sempre passo o fim de semana com ela — ele respondeu — Quando ela permite isso. Eu gostaria que ela ficasse em Uptown, pensasse melhor e fizesse o tratamento adequado.

Desde que Caroline caiu do cavalo e ficou com uma lesão na coluna que a impedia de andar, ela tinha se isolado da família e amigos, na casa de campo que eles possuíam, em Greenville. O único que conseguia ficar ao lado dela, mesmo suportando seus excessos de agressividade e amargura, era Ryan. Até mesmo Max, muitas vezes, era repudiado por ela.

— Ela nunca terá chance de voltar a andar, se não tentar fazer o tratamento — exasperou-se Brianna — Ela tem que, ao menos, tentar.

Caroline era uma bailarina, o amor que ela sentia pela dança deveria incentivá-la a querer voltar a andar, pensou Brianna. Ela era jovem, bonita e inteligente para se deixar derrotar pela tristeza. Tinha todo um futuro pela frente e tinha Ryan, que a amava e fazia tudo por ela, mesmo ela não querendo. O que Caroline via como pena da parte dele, Brianna via como uma sincera prova de amor.

— Eu acho que... — Max foi interrompido por uma batida na porta, seguida da cara assustada da Srta. Wilson.

— A Sra. Hunter na linha dois — ela disse a Brianna, se recusando a encarar Max.

Tudo indicava que, apesar de todos os sorrisos e a forma gentil que Max a tratava, desde que eles retornaram do Congresso em São Francisco, ainda não eram suficientes para compensar os dias de mau humor.

— Pode deixar que eu atendo — respondeu Brianna, liberando a ligação no viva-voz — Rebecca?

Brianna ouviu um leve choro de bebê, antes de a respiração e a voz

abafada da amiga surgir.

— Eu preciso da sua ajuda — implorou Rebecca — Por favor!

Brianna apertou com força o guardanapo que segurava, quando a preocupação em relação às crianças veio sobre ela.

— É o Brian? — perguntou, lançando um olhar angustiado a Max, que balançou os ombros — A Olivia está bem?

Ele tinha informado quando chegou ao escritório, que o filho e a neta estavam de cama, recuperando-se de uma gripe por terem abusado da piscina mais do que deveriam, no último fim de semana.

— Estamos bem. Bom, na medida do possível — disse Rebecca — Olivia e Michael estão um pouco melhores, mas Brian e eu estamos bem.

Thomas era o primeiro nome do bebê, mas ninguém o chamava assim.

— Na verdade, liguei por outro motivo — seguiu Rebecca — Lembra-se do dia do apadrinhamento, no St. Thomas?

O dia do apadrinhamento era um programa que Rebecca, Brianna e Laura idealizaram em prol do orfanato. Uma família apadrinhava uma criança em datas especiais, a levava para passar o dia com ela. Não era o mesmo que ser adotado e acolhido em um lar feliz. Mas tanto Rebecca como Brianna sabiam que dias como Natais e Ações de Graças, por exemplo, podiam ser solitários para as crianças, e por mais que as freiras fossem amáveis e gentis, não conseguiam dar conta de todas elas. Como órfãs, elas sabiam que crianças tinham necessidades muito maiores que roupas e brinquedos. A necessidade de afeto era muito mais importante.

— Claro que, sim.

Rebecca emitiu um suspiro do outro lado da linha, antes de continuar a explicar:

— Eu e Michael decidimos participar esse ano — disse Rebecca — Nós escolhemos um menino. O nome dele é Luke. Tem seis anos. Sexta-feira é o aniversário dele.

— Amanhã? — sondou Brianna.

— Isso mesmo. É horrível o que vou dizer, mas eu me esqueci. Droga, eu realmente esqueci, Brianna — pelo seu tom de voz, ela realmente parecia chateada com ela mesma — Eu não imaginei que fosse ter cesariana, e apesar de estar praticamente recuperada dela, minha vida parece uma bagunça. E Olivia e Michael ainda ficaram doentes...

— O que você deseja que eu faça? Que fale com a Madre e explique tudo?

Aquilo não parecia bom para Brianna. Embora Rebecca não tivesse falhado com o menino de propósito, a criança ainda sairia ferida. Ela lembrava

que, quando esteve no orfanato, sonhou com dias assim. Passar as datas importantes com pessoas especiais.

— Não, eu já falei com a mãe — disse ela, com pressa — Não posso desapontar esse menino, Brianna. Não posso mais desapontar ninguém.

Levaria um tempo, ou até que as pessoas machucadas por ela se recuperassem, para Rebecca conseguir perdoar a si mesma por ter se deixado cegar pelo desejo de vingança.

— Gostaria de saber se você poderia fazer isso no meu lugar — disse Rebecca, em um tom de súplica.

— Mas tem que ser um casal — destacou Brianna.

Por motivos de segurança para criança, o apadrinhamento só era permitido a casais, e todos eles passavam por uma triagem. Embora Brianna desejasse muito ser uma das madrinhas de alguma criança, estava desclassificada para o programa e eles não podiam mudar as regras apenas para ela. Mas ela se contentava em visitar o orfanato sempre que podia e levava presentes.

— Eu sei disso, mas será apenas dessa vez. E a mãe conhece você, sabe que nunca faria mal ao menino — esclareceu Rebecca — Além disso, é impossível que consiga arranjar uma família substituta tão em cima da hora. E como sei que Max vai a Greenville, eu disse à mãe que Luke e você poderiam ir com ele, passar o final de semana lá.

— Como? — Brianna aumentou o tom e ficou em pé, olhando para Max com os olhos arregalados — Por que disse isso, Rebecca?

Tudo bem que já confessara a Rebecca que era apaixonada por ele. E eles tinham viajado juntos, mas até o momento, não havia declarado nada do relacionamento deles para ninguém. Eles saíam, faziam programas românticos e muitas vezes Max pernoitava no apartamento de Brianna, mas não deram nenhuma nomenclatura para a relação.

— Bem, vocês são... — Rebecca fez uma pausa significativa, esperando que Brianna preenchesse a lacuna, o que não aconteceu — amigos. Certo?

— Eu, hã, nós...

— Tudo bem, Rebecca — Max tinha se aproximado enquanto Brianna se atrapalhava procurando uma resposta — Nós podemos fazer isso por você e principalmente pelo menino.

Enquanto Rebecca dava gritinhos estridentes, e pelo barulho pulinhos também, Brianna encarava Max com um olhar incrédulo.

— Ok. Vocês só precisam dar uma passadinha no orfanato antes, para conhecê-lo — Rebecca voltou ofegante para a ligação — Oh, Max, muito obrigada. Você é sempre muito gentil. Vou ligar para a mãe e confirmar que está

tudo certo. Brianna, amo você!

Ela desligou a ligação antes que Brianna pudesse emitir qualquer protesto. Não era certo que Rebecca tomasse decisões antes de falar com ela e nem que Max as confirmasse sem discutirem isso. Mas também não era certo que o pequeno Luke ficasse desapontado no aniversário dele.

— Bem. Então parece que eu também vou a Greenville — disse Brianna, voltando a se sentar.

— E o Luke também — disse Max, com um sorriso empolgado.

Ele era muito gentil, como Rebecca destacou, e, acima disso, Brianna sabia que ele tinha um coração enorme, ou não teria se apaixonado perdidamente por ele, mas havia algo no olhar de Max que a deixava intrigada.

Eles chegaram ao orfanato um pouco antes das crianças serem levadas ao refeitório, para a última refeição do dia. Estaria no dormitório masculino apenas Luke e uma das freiras esperando por eles, explicou a madre, assim que entraram na sala dela.

— Qual é a história dele? — Max perguntou, quando a madre superiora indicou as cadeiras para que ele e Brianna se sentassem — Não que eu esteja especulando, só quero saber se há algo que não devemos dizer.

Eles estavam completamente no escuro. Depois da ligação de Rebecca e de seus agradecimentos empolgados, ela não passou a eles mais nenhuma informação.

— Pais viciados — A madre tirou uma foto de um prontuário, entregando-a a Brianna — A mãe faleceu há quatro meses, mas antes disso, o menino já estava em um abrigo. E o pai, bom, tem de cumprir, no mínimo, vinte anos de reclusão em uma penitenciária.

Brianna olhou para a foto do menino e seu coração diminuiu dentro do peito. A foto parecia recente, mas ele parecia ter menos idade do que os seis anos que Rebecca dissera. Talvez fosse apenas pelo olhar triste que ele mostrava.

— Fiquei muito feliz quando Rebecca e Michael o escolheram — disse a madre, com sua voz sempre serena — Adoções com crianças dessa idade são mais difíceis, mas, desde o início do programa, isso tem melhorado um pouco. E também fico muito grata por vocês fazerem isso por ele.

Os casais, em sua maioria, procuravam bebês. Tanto Rebecca como Brianna nunca despertaram o interesse de ninguém. O que hoje elas até agradeciam, pois não queriam ser separadas. Mas, no caso de Luke, as estatísticas eram ainda mais desanimadoras por ele ser negro. Havia exceção à regra, mas geralmente eram casais negros que adotavam crianças negras e muitas vezes até

esses preferiam bebês.

Quando Brianna decidisse e pudesse adotar uma criança, a última coisa que ela levaria em consideração seria a cor da pele, características físicas ou idade. Ela só teria amor e receberia seu filho de braços abertos, como uma mãe biológica fazia ao sair na maternidade.

— Podemos vê-lo? — perguntou Max.

— Claro — A madre se levantou — Venham comigo.

Enquanto caminhavam pelos corredores, Brianna foi revivendo alguns momentos importantes de sua vida, quando vivera ali. O dia que chegou carregando o ursinho, apertando-o no peito. As noites que ficara com medo e se sentindo sozinha. O dia que Rebecca completou dezoito anos e ela temeu perder a última pessoa que realmente se preocupava com ela.

Mas também teve dias felizes. O primeiro bolo de aniversário que Rebecca fizera escondido para ela. As noites que passaram lendo debaixo das cobertas. Os sonhos compartilhados e amor de irmãs que crescera junto com elas.

Chegaram ao quarto, e o menino estava na última cama, sentado ao lado da freira, que mostrava um livro de figuras para ele. Quando percebeu a chegada da madre e dos desconhecidos, o breve sorriso que tinha murchou.

— Luke, você tem visitas — disse a madre ao se aproximarem — Essa é a Brianna e o Maxwell. Irão levar você para um passeio muito divertido amanhã, porque é seu aniversário. Por que não diz “olá” a eles?

O menino não respondeu. Ele deslizou para mais perto da freira e ficou grudado nela.

— Oi, Luke — murmurou Brianna, ajoelhando-se no chão, para ficar o mais próximo da altura dele — Eu trouxe um presente para você.

Como o menino não fez qualquer gesto de pegar o presente que ela entregava, Brianna se encarregou de desembrulhá-lo.

— É um cavalo — disse ela, balançando o brinquedo emborrachado — E se você apertar aqui, toca música e ele relincha. Você gosta de cavalos?

Depois que a música parou de tocar, Luke finalmente ergueu o olhar para Brianna. Ele não respondeu, mas pegou o brinquedo das mãos dela.

— Para onde vamos, terá cavalos de verdade — disse Max, ajoelhando ao lado de Brianna, de frente para o menino — E um lago e outros animais também.

Luke não ousou olhar para Max, mas prendeu o cavalinho junto ao peito. Eles trocaram outras palavras carinhosas com a criança, sem ter ou esperar respostas. Não fizeram grandes progressos, mas também ele já não mostrava o olhar arisco e desconfiado de quando chegaram.

— Madre, você tem certeza de que é algo benéfico ele ir até Greenville

com a gente? — perguntou Max, assim que eles deixaram o quarto para que o menino também fizesse sua refeição com as outras crianças.

A madre uniu as mãos e olhou para Brianna antes de responder.

— Lembra quando você chegou aqui? — perguntou ela — Estava tão assustada e chorava todas as noites. Não deixava ninguém se aproximar, além da Rebecca. Por muito tempo foi assim.

Brianna se recordou que, assim como Luke, pouco falava ou tentava interagir com as outras pessoas, levou mais de um mês para dizer uma palavra a Rebecca e meses para ter um diálogo com qualquer outra pessoa. Ela podia entender o que Luke sentia.

— Sei o que quer dizer — disse ela, e Max passou o braço em volta de sua cintura — Afastamos as pessoas quando nos sentimos acuados.

A intenção era confortar Brianna pelo que tinha sofrido no passado, mas o gesto não passou despercebido ao olhar atento da senhora.

— Acho que vocês dois farão bem a ele — a madre sorriu — E acho que Luke também fará bem a vocês.

Max trocou mais algumas informações com a madre, como o horário que iriam buscá-lo no dia seguinte e quando iria levá-lo de volta, no domingo à noite.

Max fechou a porta atrás dele e observou Brianna se jogar no sofá, massageando um dos pés depois de tirar o sapato.

— Tinha razão sobre escolher o cavalo — disse ele, jogando a chave do carro sobre a mesinha de centro — Ele pareceu gostar muito mais do que se tivéssemos dado o carrinho, como eu sugeri.

Brianna fechou os olhos e abriu um sorriso prazeroso, quando ele tirou seu outro sapato, colocou os pés dela sobre suas pernas e iniciou uma massagem.

— Precisávamos fazer com que ele se sentisse empolgado com a viagem — disse ela, soltando um gemido — Achei que Luke estaria nervoso, e realmente estava. Ele conhecia Rebecca e o Michael, mas não nos conhecia. Era natural que estivesse com medo.

— Muito, muito sábia — disse Max, e deveria ter tido algo mais em sua entonação, para que a fizesse abrir os olhos — De onde vem tanta maturidade?

Ele não estava sendo irônico, Max a admirava muito. Principalmente a tranquilidade e a serenidade que ela transmitia todos os dias.

— Experiência própria. Eu me vejo muito nele. Mas eu tive a Rebecca e também era um pouco mais velha que Luke, naquela época. Ele só tem seis anos.

Brianna se acomodou melhor no sofá, enquanto Max continuava a

massagem nela. Pelo visto, amava a forma que ele tocava os pés dela, praticamente ronronava como um gatinho.

— Eu fico pensando — disse, em um tom quase triste — Algumas pessoas fariam tudo para terem um filho e outras pessoas os têm de forma tão irresponsável. Não é uma coisa muito justa.

— Não, a vida não é — concordou Max — Mas traz muitos aprendizados a quem se propõe a aprender e tirar algo bom dela.

Era realmente injusto que Brianna, uma pessoa tão doce e carinhosa, não pudesse gerar os próprios filhos. Isso ainda o deixava inconformado, mas o papel dele era fazer o possível para que não se sentisse triste com isso.

— Ah, isso é muito bom, sabia?

— Que tal um relaxante banho de banheira? — sugeriu Max, subindo as mãos dos pés para as pernas dela — Depois posso fazer massagem em você, inteirinha.

— Com direito a óleo de massagem e tudo? — perguntou ela, esperançosa.

— Com direito a óleo de massagem e o que mais você desejar — disse ele.

— Ah, Max — Brianna pulou do sofá, se jogando nos braços dele — Eu amo você!

Assim que ela notou o que disse, que Max notou o que ela confessou, Brianna se afastou, envergonhada.

— Eu...eu... — Max gaguejou e tentou pegar as mãos dela, mas ela já tinha se levantado.

Brianna passou as mãos nos cabelos e deu um olhar quase triste a Max.

— Não precisa dizer nada — ele chegou a abrir a boca para dizer algo, mas Brianna o impediu com a mão levantada — O que disse é verdade. Não precisa me dizer o mesmo, não agora — ela suspirou ruidosamente — Vou cuidar da banheira.

Max ficou imóvel no sofá. Sabia que precisava dizer alguma coisa, mas sua mente estava tão em branco como uma folha de papel.

Brianna confessara que o amava, mas ele não tinha certeza do que sentia por ela, além do desejo que em nenhum momento havia diminuído, pelo contrário.

Ele gostava de trabalhar com ela. De saírem para jantar. Fazer programas como ir ao teatro e ao cinema, e ela até o convencera a ir a um show juntos. Brianna o fazia se sentir vivo outra vez. Estava apaixonado, mas podia dizer que a amava também?

Paixão e amor não era a mesma coisa. Ou era?

Estaria disposto a quebrar todas as regras e ir adiante com o relacionamento?

— Max? — seu olhar foi em direção à voz dela, e ele encontrou o sorriso doce que tanto gostava — Você vem?

Ele iria?



CAPÍTULO 22

Enquanto Max mostrava o folheto com uma variedade de sorvetes para Luke e tentava receber alguma resposta empolgada, Brianna era inundada por uma onda de nostalgia. Depois de saírem do orfanato com o receoso e amedrontado Luke, ela sugeriu que desviassem um pouco do caminho e iniciassem a comemoração do aniversário dele com uma grande taça de sorvete.

— Sabe, Rebecca me trouxe aqui quando recebeu o primeiro salário dela, trabalhando de babá para você — ela sorriu ao lembrar como atacou a sobremesa, receosa que nunca mais provasse algo tão maravilhoso quanto aquilo.

Max deixou o cardápio com os sabores nas mãos de Luke e dedicou um pouco de sua atenção a Brianna.

— Eu me lembro disso — ele coçou o queixo — Por alguma razão, Rebecca acreditou que eu a estava mandando embora.

— Isso porque ela e Michael estavam começando a se envolver e pensou que você estivesse descontente com isso.

— Minha mente estava ocupada com outras coisas. Talvez eu tivesse ficado aborrecido com Michael, porque avisei para não magoá-la — disse Max — Ficou claro que ele não ouviu meus conselhos.

Muitas coisas teriam sido evitadas, se Michael tivesse escutado os conselhos do pai. Mas não adiantava ficar remoendo os “se” que a vida nos impunha, refletiu Brianna.

— E aí? Qual o seu preferido? — Brianna se inclinou na mesa em direção a Luke — Banana Split é o meu preferido.

Quando a atendente chegou para tirar os pedidos, Max optou por uma taça de sorvete de menta com pedaços de chocolate, e Luke e Brianna decidiram dividir uma Banana Split.

A viagem até Greenville não foi realizada em absoluto silêncio, porque Brianna e Max passaram o caminho todo narrando o lugar para Luke e sobre todas as coisas divertidas que poderiam fazer. O menino não falara absolutamente nada. Mas eles viram um sorriso tímido aparecer uma vez ou outra e havia momentos que ela podia jurar ver os olhinhos dele brilhando de expectativa.

Eles cruzaram a pequena e pitoresca cidade Greenville e Max seguiu por uma estrada de terra e pedregulhos. Apesar de estarem se aproximando do fim da primavera, o clima estava agradável. A maior parte das árvores mantinha

flores coloridas, tornando a vista estonteante.

— Ah, ela é tão linda — disse Brianna, quando a casa surgiu à sua vista — Entendo por que você a ama tanto.

Ele realmente amava, pensou ao observar a casa. Toda em pedra rústica, com teto em formato triangular. As janelas eram longas e retangulares, os detalhes em arco davam um charme a mais na estrutura. Sim, Max amava a casa onde passou momentos maravilhosos com a falecida esposa e seus dois filhos.

— E ali é onde ficam os cavalos — Brianna se retorceu no banco para mostrar o estábulo ao Luke — Podemos vê-los depois, se você quiser.

O menino assentiu com a cabeça, e, para eles, aquilo já era uma grande evolução.

A primeira e única pessoa a recebê-los foi Ryan. Brianna correu na direção dele assim que Max estacionou o carro.

— Senti sua falta, Bree — ele a girou no ar, e ela soltou um gritinho animado.

Rebecca, Brianna e Ryan, os três viveram por um tempo em um orfanato. Mas nenhum deles tinha qualquer grau de parentesco, no entanto, era notável que se viam e se amavam como irmãos. Laços criados pelo coração e anos de afeto, uma prova clara de que nem sempre o sangue é o que importa.

— Oi, Max — Ryan se aproximou dele, estendendo a mão e Max finalizou o cumprimento com um abraço.

— Onde está Caroline? — ele perguntou, enquanto entravam.

— Descansando no quarto dela — respondeu Ryan, agachando-se para o menino que se mantinha agarrado a Brianna — E esse garotão deve ser o Luke, certo?

Ryan passou a mão na cabeça de Luke, que contagiado pelo enorme e caloroso sorriso dele, sorriu também.

— Ah, ele gostou de você — murmurou Brianna.

Era difícil não gostar de Ryan, ele era um rapaz tranquilo e amável, concluiu Max. Só era preciso que sua teimosa filha percebesse isso, antes que ele finalmente comesse a ouvir os pedidos dela e comesse a tentar esquecê-la. E pelo que percebeu nas últimas visitas que fez a ela, quando Ryan não esteve presente, isso não estava muito longe de acontecer. E ninguém poderia culpá-lo, poucos homens suportariam de Caroline o que ele suportava. E o mais triste para Max, era que sua filha também o amava muito, mas estava amarga e orgulhosa demais para admitir.

Brianna estava desfazendo sua bolsa de viagem, quando Ryan bateu e

surgiu na porta de seu quarto. Eles iriam descansar um pouco, comer alguma coisa e depois levar Luke para conhecer o estábulo e os arredores.

— Então, você e o Hunter... — ele iniciou, deitando de lado na cama, enquanto a observava esvaziar a mala.

— O que tem, nós dois?

— Ora, ele não tira os olhos apaixonados de você — disse ele, com um sorriso — Parece que finalmente conquistou o coroa.

— Ryan!

Primeiro Brianna arregalou os olhos com surpresa, depois bateu no peito dele com a blusa que segurava.

— O quê? — ele puxou a peça das mãos dela — Você sempre gostou dos coroas. E não negue, desde que retornamos ao país, seus olhinhos brilhavam quando o via e o seguia como um cachorrinho com fome.

Brianna gemeu da descrição que ele fazia dela.

— Eu era tão óbvia?

— Só quem é bom em tentar esconder os sentimentos, consegue perceber quando outras pessoas fazem o mesmo — Ryan esclareceu.

Sim, ele passou anos escondendo o que sentia por Caroline sempre que a encontrava. Da família, ele foi o que mais a viu e manteve contato com ela.

— E como andam as coisas? — Brianna tirou a bolsa da cama, colocando-a no chão para sentar ao lado de Ryan.

Ele mexeu no babado do travesseiro antes de responder.

— Todos os dias eu decido ir embora — disse ele — Todas as noites acabo ficando com ela.

Brianna sentia certa parcela de culpa pelo acidente de Carol, afinal ela estava no telefone, conversando com Rebecca, e foi o que ouviu da conversa delas que fez a garota sair imprudentemente a cavalo. Mas Ryan não fizera nada, além de amar e cuidar de Caroline, no passado e no presente. E não merecia que ela fosse tão rude com ele.

— Não me incomoda que ela me trate mal — confidenciou Ryan — Carol está sofrendo. É só um mecanismo de defesa. Mas me mata que ela faça mal a si mesma. Há uma possibilidade de tratamento, e ela simplesmente não enfrenta.

Que Carol sofria, Brianna não tinha a menor dúvida. Mas ela não achava certo que projetasse o sofrimento dela nos outros. Todo mundo possuía cicatrizes no coração. Ela, por exemplo, tivera que enterrar o sonho de ter filhos, nem por isso invejava ou tratava Rebecca mal por ter conseguido isso duas vezes.

— Eu acho que vocês estão superprotegendo ela — declarou Brianna — Sei que é uma prova muito dura, mas Carol tem um lar, pessoas que a amam, e mesmo uma mínima possibilidade de tratamento. Se ela não entende isso com

amor, acho que está na hora de aprender com a dor.

— Mais? — indagou Ryan, zangado.

Mas ao se dar conta de que parte do que Brianna falou era verdade, resolveu se acalmar.

— Sabe que Max disse algo similar a isso? — murmurou ele — Talvez vocês tenham razão. Sempre quis protegê-la, mas não dá para protegê-la dela mesma e dos monstros que cria na própria cabeça.

Ryan se esticou na cama, olhando para o teto. Brianna se deitou ao lado dele.

— Quando o Nicholas me adotou, eu queria provar o tempo todo que ele não teria do que se arrepender. Eu era como um fantasma naquela casa, nunca fazendo nada de errado — disse ele — E também queria que a Laura gostasse de mim.

Quando Ryan foi adotado pelos Summer tivera o carinho de Nicholas, mas quase nenhuma atenção de Laura. Ela estava triste demais e buscando incansavelmente a filha desaparecida. Só depois de encontrar Rebecca que o coração dela se acalmou. E tentava compensar Ryan pelos anos de amor e carinho que não conseguiu dar a ele.

— Quando a Carol vinha nos visitar, me seguia por toda parte — ele emitiu um sorriso nostálgico — Sempre tagarelando no meu ouvido. Ela me aceitou e gostou de mim sem que eu precisasse me esforçar.

Brianna era mais íntima dele do que Rebecca e já ouvira o relato dezenas de vezes, mas sempre se emocionava quando Ryan relatava.

— Eu sempre soube que ela ficaria na minha vida — confessou ele, com a voz emocionada — Eu só queria que ela me deixasse ficar na dela também.

Brianna era naturalmente uma pessoa emocional, e ver Ryan, que fora sempre tão reservado e contido, abrir seu coração assim, deixava-a arrasada.

— Ah, Ryan — ela fungou, piscando os olhos para afugentar as lágrimas — Um dia ela se dará conta do homem maravilhoso que você é.

— Quem sabe — ele deu um sorriso que não chegou aos seus olhos — Talvez o segredo seja eu deixar de ser tão maravilhoso ou estar sempre à disposição dela.

Talvez Carol fosse o tipo de pessoa que precisava perder para valorizar. Seja qual for a decisão de Ryan, ela esperava que eles sofressem o mínimo possível.

— Mas chega dos meus problemas — Ryan pulou da cama, esfregando as mãos — Estamos aqui por aquele menino. Programei algumas coisas e quero saber o que você acha.

— O que você tenha planejado, eu tenho certeza que será maravilhoso

— Brianna também se levantou, juntando as mãos em oração — Apenas me diga que conseguiu encomendar o bolo.

— Sim, encomendei o melhor bolo que o garotão poderia ter. — respondeu Ryan.

— Você é a melhor pessoa e melhor irmão do mundo! — Ela passou sobre a cama para poder abraçá-lo, enquanto riam.

Eles foram pescar no lago, e apesar dos protestos de Brianna, de que aquilo não era diversão, Luke parecia se divertir muito, pelo menos não escondia mais o sorriso. Principalmente quando Max fingiu protagonizar uma briga com um peixe e sua vara, levando-o para dentro do lago. Não demorou muito para Ryan jogar Brianna na água, e os quatro passaram a nadar e brincar na beira do lago, com o menino.

Depois eles jogaram bola na grama, e quando se sentaram embaixo de uma árvore, para descansarem um pouco, Ryan aproveitou para fazer um desenho de Max, Brianna e Luke juntos, dando-o de presente de aniversário ao garoto. Depois tiveram um delicioso piquenique, que para a surpresa tanto de Max quanto de Brianna, souberam ter sido preparado com a ajuda de Caroline, pela manhã. Ela não quis acompanhá-los durante o passeio, mas contribuiu de alguma forma para que o dia do menino fosse perfeito.

Apesar de terem visitado o estábulo na ida e na volta, decidiram deixar o passeio a cavalo para o dia seguinte, principalmente porque Luke tinha se apaixonado pelo pônei de Carol.

O jantar iniciou em um clima tenso, quando Caroline apareceu à mesa empurrando sua cadeira de rodas, mas minimizou quando entregou um presente a Luke e sorriu para ele. Carol deu a ele um bloco de desenhos e lápis de colorir. E quando Ryan trouxe um enorme bolo confeitado para cantar parabéns, todos estavam sorrindo e se divertindo muito.

— Está na hora de dormir, né, garotão? — disse Max, ao ver Luke bocejar pela terceira vez.

— Vamos colocá-lo na cama — Brianna se dirigiu a Ryan e Caroline — E também acho que já vou me deitar.

Embora a jovem não tivesse sido rude nas poucas palavras que trocaram vez ou outra, Brianna via o olhar rancoroso sobre ela. Durante alguns deles, chegou a se questionar se o que Ryan dissera mais cedo sobre Max a encarar apaixonadamente era verdade, e se esses olhares carinhosos estavam provocando rancor em Caroline.

Eles estavam sendo discretos. Era o dia do Luke, e não queriam fazer nada que estragasse o momento de felicidade do menino, ele já tinha tão poucos.

Não dormiriam nem no mesmo quarto. Como só havia mais dois vazios, Brianna ficaria em um e Max e Luke no outro, que possuía duas camas.

Não; Caroline ainda estava magoada com Brianna, porque também a culpava por seu acidente. E até que a relação entre ela e Max avançasse para uma zona segura, por enquanto era melhor não aborrecer a filha dele.

Enquanto Max ajudava o menino a se preparar para dormir, Brianna arrumou a cama dele, depois procurou uma história infantil para contar antes que Luke dormisse.

— Que tal a raposa e o coelho?

Luke assentiu com a cabeça antes de pular na cama. Max o cobriu, depois sentou aos pés da cama para acompanhar a narrativa divertida de Brianna.

— A raposa até podia ser maior e mais forte que o coelho — finalizou Brianna — Mas ele era bondoso e gentil. Nada pode ser mais forte que um coração cheio de amor. A raposa nunca mais esqueceria isso.

Ela fechou o livro. Luke tinha os olhos fechados e respirava tranquilamente. Quando ergueu o olhar para Max, ele a olhava de forma intensa, que de certa maneira a desconcertou.

— Acha que ele se divertiu hoje? — perguntou ela, cobrindo Luke antes de se levantar.

— Bem, ele disse “legal”, “sim”, “não” — Max a acompanhou com o olhar, enquanto colocava o livro em cima da penteadeira — E “tia” para você, algumas vezes no dia.

O peito de Brianna inchou, quando recordou o momento que Luke a chamara de tia a primeira vez.

“Aqui, tia!”

Ele tinha gritado, sorrindo, enquanto corria e pedia pela bola quando jogavam na grama. Apesar da surpresa inicial, foi um dos momentos mais especiais da vida dela. Mesmo que não pudesse burlar as regras e ser a madrinha dele, prometeu a si mesma que visitaria Luke com mais frequência.

— É, acho que ele se divertiu muito — Brianna caminhou até a porta, tendo Max seguindo-a até o quarto dela — Obrigada pelo que fez por Luke hoje.

Brianna não podia ter filhos, mas ela tinha instinto maternal. E com toda certeza, o menino caíra sob as asas dela.

— E você, Srta. Gibbs — ele passou os dedos pelo rosto dela — É uma mulher incrivelmente doce.

Brianna se inclinou para beijá-lo, mas Max a afastou com gentileza. Ele acariciou os cabelos dela, antes de se afastar indo de encontro à parede em frente a ela, onde se escondeu.

— Aqui não — ele mostrava um olhar consternado — Olivia sem...

— Tudo bem, Max — interrompeu ela tentando sorrir — Acho melhor você ir.

Ela entendia o respeito que Max tinha pela casa, pelas lembranças de Olivia. Mas não conseguiu evitar uma pontada de dor em seu coração. Não queria disputar os sentimentos de Max com a falecida esposa. Eles tiveram uma história feliz, mas Brianna se perguntava se conseguiria ter o seu espaço no coração dele.

— Eu só preciso... — iniciou ele, mas no segundo seguinte, pareceu desistir — Conversamos sobre isso amanhã

Max tornou a se aproximar, depositando um beijo carinhoso na testa dela. Não era o que Brianna realmente desejava, mas ela não ousou reclamar.



CAPÍTULO 23

Havia mesmo alguma coisa de especial nessa casa. Era como se colecionasse os momentos mais preciosos de quem habitava nela, pensou Brianna, ao colocar seus últimos pertences na bolsa.

Em algumas horas estariam retornando a Uptown. O fim de semana foi tão incrível e encantador e, ela se sentia realizada por eles terem conseguido proporcionar ao pequeno Luke momentos tão felizes, que gostaria de repetir a experiência. Ela poderia ver com a mãe e Max a possibilidade de vê-lo outras vezes. Tinha certeza que o menino iria gostar. Quem sabe poderiam trazer outras crianças também. Essa era uma ideia que a deixava empolgada. E foi com otimismo que ela desceu a escada, ansiosa para compartilhar com Max e conferir sua opinião sobre os possíveis sonhos, afinal, a propriedade pertencia a ele.

Para sua decepção, apenas Ryan e Luke, concentrados cada um em seus blocos de desenho, e Caroline ao lado de uma janela, estavam na sala.

— Onde está o Max? — perguntou, se aproximando de Caroline.

Ela soltou a cortina, voltando a cobrir a janela, e usou as mãos livres para virar a cadeira de rodas em direção a Brianna.

— Vamos até a cozinha — disse, em um tom amigável que causou uma pequena desconfiança em Brianna.

Apesar disso, ela a acompanhou. Ryan chegou a erguer o olhar em direção a elas, mas Brianna deu um pequeno sorriso garantindo que tudo estava bem.

— Deseja saber onde meu pai está — disse Caroline, encaixando a cadeira na mesa da cozinha — Bem, ele foi conversar com a minha mãe. Ele faz isso todas as vezes que vem me visitar.

Levou algum tempo para Brianna assimilar o que ela dizia com uma realidade aceitável.

— No cemitério, você quer dizer? — sondou ela.

Era estranho, porque Brianna não ouviu o barulho do carro de Max deixando a propriedade. Ela caminhou instintivamente até a janela da cozinha e confirmou que o carro permanecia no mesmo lugar, ao lado do de Ryan. Era possível que ele tivesse ido a pé ou a cavalo, mas Brianna duvidava que tivesse feito isso.

— Lá, não — disse Caroline — No lugar especial para eles. Perto da campina. Deve ter ouvido falar dele.

Ela soubera do lugar por Rebecca, pois também era um lugar especial

para ela e Michael.

— Papai vai mandar exumar o corpo dela e construir um templo — continuou Caroline — Vai colocar as cinzas da mamãe ali. É um gesto bonito, não é?

Não que Olivia não merecesse a homenagem, mas Max nunca dissera algo semelhante a isso. Nem mesmo quando planejaram a viagem a Greenville com Luke.

— Eu sempre achei o amor deles tão lindo. Sempre sonhei com algo igual. Um amor que ninguém — sorriu Caroline — e nem mesmo a morte, pode apagar do coração.

Brianna sentiu como se tivesse levado uma punhalada no peito. Nunca fora sua intenção ser uma substituta de Olivia. Ela não queria tomar o lugar que pertencia a ela no coração de Max ou no de seus filhos. Ela queria ser amada também, mas por quem ela era.

— Nunca foi minha intenção, Caroline... — Brianna começou a dizer, dando alguns passos vacilantes até ela.

— Sei que sua intenção pode não ter sido ocupar o lugar da minha mãe — Caroline a interrompeu, com rancor — Afinal, meu pai ainda é um homem atraente, sedutor. Mas você deve saber que, para ele, não passa de sexo, uma distração com uma mulher jovem e bonita — continuou Caroline, com uma voz ferina — No fim, só haverá uma mulher no coração dele: a minha mãe.

— Sei que ele sempre amará a Olivia. E nem desejo que ele apague as memórias que eles têm, juntos. Que todos vocês guardam — disse Brianna com a voz trêmula — Mas eu também amo o Max e posso fazê-lo feliz, se ele permitir isso.

Caroline soltou uma risada debochada.

— Alguma vez ele disse que ama você?

A pergunta foi como um tapa no rosto de Brianna. Era difícil negar que, no fundo, ela temia o quão forte pudesse ser o fantasma de Olivia. Ela e Max já tinham vivido momentos maravilhosos, mas ele nunca disse sentir por Brianna algo além de desejo.

— O que você tem contra mim, Caroline? — indagou Brianna, magoada — O que eu fiz para você?

— O que você me fez? Ah, tirando o fato de que sempre quis ocupar o lugar da minha mãe? Que você e Rebecca passaram anos mentindo para mim? Que afastaram Laura e Nicholas no momento em que eu mais precisei? — questionou ela, os olhos chispando fúria e rancor — Quando perdi minha mãe, meu pai e irmão pareciam não ligar a mínima para os meus sentimentos? Que por culpa das duas estou presa nessa cadeira de rodas e que talvez nunca volte a

andar e dançar? Que roubou o carinho da minha sobrinha no coração dela? Que quer afastar o meu pai de mim, como tentou afastar Laura, Nicholas e Ryan? Quer mesmo saber o que eu tenho contra você, Brianna?

Eram acusações muito equivocadas. Embora algumas coisas tivessem mesmo acontecido daquela forma, Brianna nunca tivera desejo algum de afastar as pessoas de Caroline, e sempre destacou a Rebecca o quanto ela estava errada.

— Nós éramos muito jovens naquela época e a Rebecca estava cega de dor...

— Não justifica! — Caroline berrou, calando-a — Nada justifica ou consertará o que vocês fizeram e o fato de estar presa a essa maldita cadeira.

Brianna sabia que ela tinha razão. Tanto Rebecca como Brianna foram imaturas por tentarem ficar o mais longe possível dos Hunter. A amiga porque nutria um ódio gigantesco de Michael e Brianna para fugir do que Max despertava nela, já naquela época. No caminho magoaram Caroline, e no presente, foi a revelação desse segredo que a fizera sair a cavalo, alterada, provocando o acidente que a deixara inválida.

— Sinto muito — murmurou, sincera.

Talvez Caroline não acreditasse, mas o coração de Brianna estava carregado de culpa, tristeza por ela e dor.

— Não sinta. Sua pena não mudará as coisas — proferiu amargamente — Você pode me odiar agora, mas faço por você o que não fizeram por mim. Estou contando a verdade. Meu pai quase se destruiu, tentando lidar com a morte da minha mãe. Ele a ama de uma forma que você nunca vai conseguir imaginar. Transcende a tudo. Você é uma bela distração, mas logo irá perceber que nunca poderá chegar ao coração dele. Além disso, ele poderia ser seu pai. Você só tem alguns anos a mais que eu. É uma situação ridícula, que cedo ou tarde chegará ao fim.

Brianna secou rapidamente as lágrimas que começaram a cair pelo seu rosto. Sim, havia uma relativa diferença de idade entre eles, mas, para Brianna, isso não importava. E, sim, ela sabia que havia uma parte do coração de Max que pertencia à sua falecida esposa, mas ele estava vivo. Amava sua família e também poderia amar Brianna, se ele quisesse. Não era errado.

— Eu o amo — confessou, antes que um soluço escapasse de sua garganta — Amo de verdade.

— Eu acredito — dessa vez, não havia tanta raiva nos olhos dela, mas uma espécie de pena que, para Brianna, foi bem pior — Acontece que ele não pode amá-la. E se não acredita em mim, vá até lá e veja com seus próprios olhos.

Por um momento, Brianna permaneceu estática no lugar. Devia mesmo ir até Max, para colocar em xeque o veneno que Caroline tinha despejado sobre

ela?

— Está acontecendo algo? — Ryan surgiu da sala — Bree?

Se contasse ao Ryan as coisas horríveis que Caroline falou, abalaria ainda mais a relação frágil deles. E embora Brianna achasse que Caroline tinha sido dura e maldosa com ela, não queria mais um motivo para que a garota a odiasse.

— Vou caminhar um pouco — disse Brianna, tentando passar por ele.

— Está chorando? — indagou Ryan, ao segurar o braço dela e dar um olhar questionador a Caroline — O que disse a ela, Caroline?

A jovem se encolheu em sua cadeira. Tinha se dado conta que havia passado do limite.

— Nada, Ryan — insistiu Brianna, conseguindo se soltar — Estávamos só conversando. Preciso mesmo de ar fresco. Fica de olho no Luke para mim.

Antes que o aperto em seu peito ultrapassasse a linha do insuportável e Brianna desabasse em cima de Ryan, ela saiu da cozinha em direção à saída.

Vá até lá e veja com seus próprios olhos.

Brianna caminhava às cegas, enquanto as lágrimas insistiam em saltar de seus olhos. Uma parte racional de si dizia que estava sendo ridícula. Caroline quisera apenas feri-la, o que realmente conseguiu, mas que ela não deveria dar voz a palavras tão ferinas e amargas. Afinal, desde que Max e ela entregaram-se ao que sentiam, Brianna afirmava que as ações dele diziam mais que as palavras que ele ainda não se sentia livre para dizer.

Ah! Mas havia aquela parte ciumenta, insegura e temerosa acreditando em cada palavra desferida contra ela. Infelizmente, acreditar que Max não podia amá-la, ou vir a amar em um futuro próximo, era muito mais fácil de digerir.

Quando chegou próximo à campina — ela já estivera ali perto com Caroline, antes do acidente. Brianna diminuiu os passos. Tentou controlar a respiração e secou as lágrimas marcando seu rosto. Para qualquer pessoa que o visse de longe, diria que ele conversava com o tronco de árvore, mas Brianna sabia a quem ele direcionava as palavras.

— Sempre vou amar você, Olivia — murmurou ele, encostando a cabeça contra o tronco, no lugar onde havia as iniciais dos nomes deles — Meu coração sempre será seu.

Da mesma forma cautelosa que Brianna se aproximou, ela se afastou, silenciosamente. Não voltou para casa. Foi em direção ao lago, por onde resolveu caminhar um pouco.

Ver Max declarando seu amor imortal a Olivia magoou Brianna mais do que ela esperava. Não porque se ressentia dos sentimentos que ele ainda nutria pela falecida, mas pela certeza dolorosa que começava a se enraizar no coração

dela.

Caroline tinha razão; Max nunca seria capaz de amar Brianna. Ele gostava dela, não podia negar. Sentia desejo. Mas Brianna precisava de mais, e seria insuportável o dia que ele dissesse a ela que tudo não passara de um engano, levado pela empolgação de uma aventura. Era egoísta de se dizer, mas Brianna queria mais. Desejava mais e merecia mais. Queria cachorros e gatos. Uma casa bonita. Uma ou duas crianças correndo para os braços dela, chamando-a não de tia, mas de mamãe.

— Bree? — Ela se assustou, mas em seguida respondeu ao chamado de Ryan, circulando a árvore onde estivera sentada — Graças a Deus achei você.

Brianna correu até ele e o abraçou.

— Ele não me ama, Ryan — Brianna deixou que toda sua dor fosse convertida em suas palavras — Max não me ama e nunca será capaz de amar.

Ryan a abraçou, passando as mãos em suas costas e seus cabelos. Surpreso pelo o que Brianna dissera ou tocado pelo choro desesperado dela. Talvez um pouco dos dois, mas, nos minutos seguintes, apenas a abraçou tentando confortá-la da melhor forma possível.

— Parece que os Hunter têm o poder de quebrar nossos corações algumas vezes, antes de entregar os deles — disse ele, quando a viu mais calma — Converse com ele, Bree. Sei que Max gosta muito de você.

— Eu quero mais do que alguém que goste de mim, Ryan.

Esse era o problema. Gostar não era o mesmo que amar. Pelo menos, não do jeito que Brianna desejava ser amada por ele.

Max sentiu que Brianna estava diferente desde que tinha retornado de sua caminhada com Ryan. O caminho de volta não foi do mesmo jeito que a ida até Greenville. Dessa vez, ele tinha duas pessoas mudas no carro, e por mais que ele se esforçasse, não conseguia manter uma conversa fluída por muito tempo, até que desistiu e ligou o som do carro.

— Aqui estão as coisas dele, mãe — Brianna entregou a mochila e a bolsa extra à mãe superiora — E todos os presentes que Luke ganhou.

— Aposto que foi um fim de semana bem divertido, não foi, Luke? — a gentil senhora passou a mão livre nos ombros do menino, que sorriu para ela.

— O prazer foi todo nosso, mãe — disse Max e agachou-se até ficar na altura de Luke — Logo vou combinar com a mãe o dia na piscina que prometi. Olivia vai adorar conhecer você.

A promessa de Max e o carinho com que ele abraçou o menino tocaram as duas mulheres. Quando Max se ergueu para encarar Brianna, notou-a secando

os olhos rapidamente.

— Obrigada por ter ficado com a gente, Luke — ela curvou-se para abraçar o menino, sussurrando no ouvido dele: — Prometo voltar aqui em breve.

Em dois dias, Max tinha se apaixonado pelo menino como nunca imaginou que poderia ter conseguido. E foi a fragilidade dele e a necessidade de um pouquinho de amor, que fez Max enxergar as coisas, principalmente sua relação com Brianna de uma forma diferente.

Ele fora até o seu lugar sagrado com Olivia, sua falecida esposa, e dissera ali o que jamais se imaginou dizer. Quebrou a promessa feita há muito tempo, mas, no fundo, sabia que de onde quer que sua falecida esposa estivesse observando-o, ela conseguiria entender.

— Tenho certeza que Luke nunca irá esquecer — disse a mãe, acompanhando-os até o portão — Obrigada aos dois.

— Nós que ficamos gratos — disse Max, tocando a cintura de Brianna, que para a surpresa dele, se afastou discretamente.

A desconfiança de que havia algo errado com ela voltou a incomodar Max, mas ele não levantaria a questão diante da religiosa. E depois que as duas se despediram com um demorado e forte abraço, eles foram em direção ao carro.

— Tia!

Tanto Max como Brianna viraram surpresos em direção à voz infantil. Luke corria em direção a eles, com uma folha de papel nas mãos.

— Eu fiz para você — ele entregou a folha à Brianna.

Era um desenho dos três. Uma tentativa infantil de replicar o desenho que Ryan fizera deles. Os olhos de Max se encheram de lágrimas e Brianna soluçou, abraçando o menino.

Ele ainda não falava muito e se abria bem menos do que a maioria das crianças, por isso o gesto e o pouco que disse significavam muito para Max e Brianna.

— É um dos presentes mais bonitos que eu recebi — o calor nas palavras dela aqueceu o peito de Max.

O que ele tinha sonhado, quando esteve se confessando com Olivia, podia, sim, tornar uma realidade feliz.

Depois de uma nova e dolorida despedida de Luke, eles finalmente entraram no carro de Max. Devido aos últimos minutos de emoção, Max deixou que Brianna seguisse calada.

— O que você tem, Brianna? — ele a puxou pelo braço assim que entraram no apartamento dela e percebeu sua tentativa em fugir — O que aconteceu?

Ela não o encarou ao responder, e isso o preocupou muito. Brianna

sempre o olhou nos olhos. Ela nunca se intimidou em dizer o que pensava a ele.

— Só fiquei triste com a despedida.

— Desde Greenville? — rebateu ele.

Não duvidava que ela tivesse se emocionado com a despedida no orfanato. Ele ficou tocado, quanto mais Brianna, que tinha um coração amoroso, mas ele sentia que havia algo mais que ela escondia dele.

— Sim, desde Greenville. Não sei lidar com despedidas — disse ela, chorosa — E, além disso, estou com dor de cabeça.

Embora a explicação ainda soasse fraca para ele, fazia sentido.

— Vá se deitar — ele depositou um beijo na testa dela — Vou fazer um chá para você e levar alguns comprimidos.

Brianna não se opôs. Até parecia aliviada de poder se ver livre dele. Quando ela se afastou, sumindo no corredor, Max balançou a cabeça. Provavelmente estava ficando paranoico. Não havia nada de errado acontecendo. Não agora, que sabia finalmente qual rumo daria à sua vida e ao relacionamento deles.

Era só medo de quem se via apaixonado mais uma vez.



CAPÍTULO 24

Max estacionou em frente ao A.A. Brianna o encarou com um olhar questionador. Quando ele insistira a ela que fizessem um programa diferente, ao saírem da Hunter, devia tê-la feito imaginar uma coisa totalmente distinta. Mas ele tinha um bom motivo de estar ali. Pensou muito sobre o assunto, devido ao distanciamento emocional de Brianna. Era um tiro no escuro, mas ele esperava que desse tudo certo.

Eles entraram e foram em direção à sala do grupo dele. Geralmente acontecia uma palestra, e no final delas, algumas pessoas eram incentivadas a falar um pouco sobre elas mesmas. Uma mulher tentou falar um pouco de sua história, depois dois homens fizeram o mesmo, antes de Max se levantar. Ele deu um olhar confiante a Brianna, ao caminhar para o centro do círculo.

— Meu nome é Maxwell Hunter, e por volta de três anos, mais ou menos, eu descobri que sou alcoólatra. Talvez tenha sido antes. A gente nunca sabe ao certo quando se dá conta. Às vezes, nem sabe quando tem que reconhecer e parar. Mas o primeiro passo é admitir que estamos doentes.

Ele fez uma pausa, engolindo em seco.

— A bebida para mim, no início, foi como uma muleta. Ajudando-me a esquecer do que eu não podia. A aceitar o que eu não conseguia. Fugir do que eu perdi. Mas perdi muito mais depois dela. Cheguei a um lugar onde achava impossível conseguir voltar. No entanto, eu consegui sair daquele buraco negro. A minha família precisava de mim lúcido. Precisava que eu estivesse bem, e eu queria estar bem para ela.

Ele encarou Brianna e sorriu.

— Não quero voltar para aquele lugar triste e frio. Não quero perder as vitórias nem as conquistas dos meus filhos porque estou embriagado. Não quero perder os melhores momentos e o crescimento dos meus netos, porque uma garrafa foi mais importante para mim. Não quero perder todas as pessoas que amo.

Ele olhou atentamente para cada pessoa na sala, antes de continuar o discurso, esperando que ele pudesse contribuir para que algumas pessoas se sentissem inspiradas, como outras fizeram com ele.

— Estou há dez meses, uma semana, dezesseis horas, vinte minutos e — ele olhou para o relógio — oito segundos sem beber. Infelizmente, o alcoolismo não tem cura... Não vou acordar um dia e dizer que não sou alcoólatra. Só posso acordar todos os dias e dizer que hoje não estou.

Ele fez uma pausa para encarar Brianna.

— Desculpe. É uma luta só minha — um nó se formou na garganta dele, antes de continuar: — Vou ter que saber viver com isso para sempre e quem estiver ao meu redor, também. Mas eu pretendo me manter sóbrio todos os dias, horas, minutos e segundos da minha vida. Ontem eu venci, estou vencendo o hoje e amanhã continuarei lutando. Um dia de cada vez.

Como geralmente acontecia, as pessoas aplaudiram, entusiasmadas. Max trocou uma ou duas palavras com algumas pessoas, antes de chegar à cadeira em que Brianna permanecia sentada. Que o discurso dele o afetou de alguma maneira, isso foi visível enquanto ele falava. O que ele queria saber era se foi positiva ou negativamente.

— Desculpe se surpreendi você.

As mãos trêmulas de Brianna agarraram sua bolsa no chão, e ela ficou de pé.

— Podemos ir agora?

Ele assentiu. Era melhor mesmo que conversassem em casa, e quando ele dizia casa, pensava no apartamento dela. Ele já considerava a casa de Brianna mais o seu lar do que a mansão Hunter.

— Você me levou ao A.A. para que eu desistisse de você? — questionou ela quando Max estacionou em seu prédio.

A pergunta o pegou de surpresa, principalmente porque o objetivo foi o oposto. Max quis se abrir com ela, mostrando-se completamente. Sem reservas, sem mentiras.

— Brianna, lembra-se do que eu disse na roda de apoio, que eu só tenho o hoje? Viver um dia de cada vez. Lutar a cada dia, desejando sair vitorioso em cada batalha. Isso nunca irá mudar. Minha vida sempre será assim. Eu precisava mostrar onde você está se enfiando antes....

— Eu entendi, Max. Isso tudo foi, desde o início, um erro — a voz dela trazia uma calma que o incomodou — Eu correndo atrás de você. Você fugindo de mim. A nossa família no meio. A minha infertilidade. Seu problema com a bebida. A diferença de idade entre nós dois. O que temos de bom, juntos? Acho que só o sexo.

Max ficou atônito com o bombardeio que ela jogou sobre ele. O inseguro, questionador e pessimista da relação sempre tinha sido ele.

— Vamos subir e conversar lá dentro — ele desafivelou o cinto, mas Brianna colocou a mão em seu peito, fazendo-o parar.

— Você tem razão, não consigo enfrentar isso — disse ela — Eu desejo mais. Mereço mais, e você nunca poderá me oferecer.

Max queria entender a partir de que momento as coisas começaram a

dar errado, sair do curso.

— Brianna...

— Sinto muito. Desejei muito que tivesse dado certo — os lábios dela tremeram, e Max desejou puxá-la para seu colo e beijá-los até que um sorriso apaixonado substituísse as linhas tensas — Mas, no fundo, sabíamos que isso nunca iria acontecer.

— Você disse que me amava — acusou ele.

Certo. Ele parecia um garotinho implorando que a namorada não colocasse fim à relação. Max não se importava. Ele estava confuso e muito próximo ao desespero.

— Eu me enganei.

As palavras soaram tão mentirosas como pareciam.

— Não se diz a uma pessoa que a ama — Max rangeu os dentes — Depois diz que foi engano. Que porra está acontecendo com você, Brianna?

Brianna se assustou com a força das palavras dele, ou não esperava que ele reagisse tão impetuosamente a decisão dela.

— Talvez eu tenha me empolgado. Sinto muito, Max. Nunca deveria ter desejado ou acreditado que o que poderia me dar seria suficiente — disse ela — As coisas são assim. Eu nunca terei filhos e você nunca irá me amar. Sobrevivi à primeira decepção e vou sobreviver à segunda. Só não me peça para continuar com isso, porque eu não posso.

Antes que ele pudesse protestar, ela tirou o cinto e saltou do carro.

— Brianna...

— Adeus, Max.

Corra atrás dela!, gritava a voz em sua cabeça.

Tudo o que Max fez foi olhar o painel do carro, remoendo um dos piores momentos de sua vida, desde que ficara sóbrio. Ele tinha lutado contra seus sentimentos por Brianna, e quando estava finalmente pronto para dizer que a amava, fora descartado com a desculpa de que ele não significou para ela nada mais do que uma mera empolgação juvenil.

— Droga! — A buzina tocou quando o punho dele bateu contra o volante.

Max se recompôs no banco e deu partida. Não adiantava tentar argumentar com Brianna naquele momento. Ela estava confusa, e o melhor a fazer era deixar que ela refletisse o assunto. E também não queria confessar, na hora da raiva ou em meio a uma discussão, que ele estava apaixonado por ela. Não apenas apaixonado: ele a amava, muito mais do que um dia acreditou ser capaz de amar novamente.

E porque a amava tanto, cada batida em seu coração provocava uma

dor diferente, em escalas diferentes, que pareciam aumentar a cada minuto.



CAPÍTULO 25

Quem brinca com fogo pode sair queimado, mas quem brinca com o amor... Ah! Com toda certeza sai destruído.

E era exatamente assim que Brianna se sentia integralmente destruída. Sem chão. Sem rumo. Sem esperança.

Ela sentia uma dor visceral. Uma dor gigantesca que saía do seu coração e se espalhava por todo o seu corpo. Era como se seus ossos tivessem passado por um triturador e sua pele fosse apenas um recipiente para carregar os destroços.

Quando ela fugiu do carro de Max e bateu a porta de seu apartamento atrás dela, refugiando-se, não dizia adeus apenas a ele, dizia adeus a mais um sonho. O sonho de felicidade ao lado dele. E dizer adeus a esse sonho doía muito mais, porque esse, ela provaria um pouco. Tocou o céu. Ela soubera como era estar no paraíso. E agora tinha desabado no grande inferno que parecia ter se transformado a sua vida.

Ela não fez muito mais do que se arrastar pelo apartamento, quando as necessidades fisiológicas a obrigavam, e enviar uma mensagem para Rebecca para não preocupá-la, fazendo-a aparecer por ali. Outra para Marjorie Wilson, comunicando que tiraria três dias de licença da Farm. Isso foi há dois dias. Inicialmente, acreditou que três dias seriam suficientes para fortalecer seu coração partido. Ledo engando. Passaria uma vida inteira e, seu coração jamais voltaria a ser como era.

E uma coisa que também parecia nunca ter fim, eram suas lágrimas. Pensar em Max trazia uma torrente de lágrimas. Tentar não pensar em Max a fazia chorar em dobro. Brianna nem tinha conseguido passar uma noite em seu quarto, porque os lençóis — mesmo que tivessem trocado — pareciam estar impregnados com o perfume dele. Sem contar as lembranças, que não a deixavam em paz. Mesmo no sofá, onde passou a dormir, uma enxurrada de lembranças a invadia. Como o dia que voltaram tarde, de uma peça, e fizeram amor ali mesmo.

Cada canto que olhasse tinha uma lembrança dele, e isso deixava Brianna cada vez mais deprimida. Seu lado lógico dizia que fizera o certo. Ficar com alguém que não a amava, ou não poderia como ela amava também, faria ambos sofrerem. Mas fazer o que achava certo, nunca souu tão errado ao seu coração.

Mas Brianna não poderia continuar assim. Ignorando mensagens e telefonemas enquanto se enterrava no apartamento, sozinha. Precisava tentar se

reerguer. E dois dias poderiam não ser suficientes para curar um coração partido, mas lhe dera muito tempo para pensar e tomar algumas decisões. Na verdade, retomar algumas opções que ela deixara em aberto.

E embora seu mundo emocional estivesse destroçado, o mundo real continuava girando e ela precisava ao menos fingir que estava bem. Por isso, quando a campainha tocou, ao invés de ignorar, como fizera com as chamadas telefônicas, ela decidiu atender.

Ficou entre surpresa e decepcionada ao abrir a porta.

— Ryan?

Se havia alguém parecendo arrasado, tanto ou mais que Brianna, essa pessoa estava diante dela.

— Oi, Bree — se existia um sorriso triste, Ryan sabia executar muito bem — Posso entrar?

Recuperando-se da surpresa, ela deu dois passos para o lado, para que Ryan entrasse. Foi então que reparou na mala que ele tinha ao lado do corpo.

— Aconteceu alguma coisa? — Brianna indagou, preocupada — Caroline?

Ryan soltou a mala e passou a mão nos cabelos já bagunçados. Se ele parecia um trapo, Brianna nem queria imaginar como ela estaria parecendo.

— Eu sei o que ela disse a você — disse ele, seu rosto era puro abatimento e pesar — Ainda não acredito que Carol tenha te falado tudo aquilo.

Brianna caminhou de volta ao sofá, enquanto fazia um breve resumo em sua mente de tudo que Caroline falou a ela.

— Bom, ela não falou mentiras — disse Brianna, o coração doendo por mais uma vez ter que se ver diante da verdade — No fim, acabou me ajudando de alguma forma.

— Ajudando? — Ryan caminhou até ela e sentou ao seu lado — Você não me parece uma pessoa muito feliz, agora. Você e o Max terminaram?

— Hã... — ela escarneceu — Não tínhamos nada para terminar, Ryan.

Ele balançou a cabeça suavemente, como se avaliasse o que ela tinha dito.

— E a Rebecca sabe? — perguntou ele — Que você parece um trapo humano, precisando de um ombro amigo? Porque falei com ela hoje, e ela não me disse nada.

Ela encolheu os ombros e pegou uma almofada, colocando sobre o colo.

— Resendi uma mensagem dela, de como tinha sido o fim de semana com Luke, mas não toquei no assunto sobre Max e eu. Precisava de tempo sozinha, para pensar.

Ryan esfregou os cabelos mais uma vez e estendeu o movimento ao seu rosto.

— Eu te entendo — murmurou.

— E o que você faz aqui, Ryan? — Brianna indicou a mala com o queixo — E por que essa mala?

— Deixei a Caroline. Quer dizer, não sei se o termo certo seria deixar. Afinal, nós também não tínhamos nada — disse ele, em um tom amargo — Eu apenas corri para ela mais uma vez. Tentei de todas as formas possíveis, provar que o que sentia por ela não era pena e que não me importava se voltasse a andar ou não. Suportei cada palavra ofensiva que direcionava a mim, porque sabia que era a raiva, tristeza e a dor falando por ela. Mas não pude aceitar o que fez a você, Brianna. Você não merece isso.

— Ah, Ryan...

— Se ela não consegue ver isso — ele respirou fundo — Então já não é mais a Caroline que eu aprendi a amar. Não quero em minha vida alguém como a pessoa que ela está se transformando.

Brianna o abraçou. E como lágrimas nunca era demais, ela se viu chorando no ombro dele. Não queria ser o motivo que fez Ryan colocar Caroline contra a parede. Tampouco que isso o fizesse sofrer muito. Mas se Caroline não sabia dar valor ao grande homem que ele era, ela não o merecia.

— Posso ficar aqui por uns dias? — pediu ele — Não quero ir para a casa dos nossos pais ou um hotel. Só até eu decidir se fico aqui ou volto para Londres.

— Pode ficar o tempo que quiser. Vou adorar sua companhia.

Um coração partido tentando consolar o outro. Formavam uma bela dupla.

Seja lá quem tinha inventado que o tempo curava todas as feridas, deveria ter um tijolo no peito, ao invés de um coração batendo, concluiu Max. Porque o tempo que deu a Brianna só fazia com que o buraco no peito dele apenas crescesse e doesse mais a cada dia. Uma dor tão latejante e dolorida que a Srta. Wilson passou de olhares assustados para piedosos. Max não tinha energia para gritar ou se exasperar por motivos bobos.

Ele literalmente vinha se arrastando. O trabalho ajudava, quando sua mente — e isso acontecia muito — não se desconectava do que estava fazendo para pensar em Brianna.

Pegou o celular para ver se havia alguma mensagem dela, respondendo alguma das que ele enviou. Nada muito revelador, apenas perguntava se ela

estava bem. Porque ele não estava. A tática de dar um pouco de espaço a ela parecia estar dando espaço demais. Max sentia que tinha que avançar, ao invés de recuar. E não cansava de se perguntar: teria assumido, tarde demais, seus sentimentos por ela?

— Os papéis que me pediu, senhor — Marjorie surgiu à porta, e Max fez um sinal para que ela entrasse — E, bem... A senhorita Gibbs está lá fora.

— Brianna? — Max tentou olhar além da secretária, mas não a viu — Que diabos você está fazendo parada aí? Peça que ela entre.

Max estava dividido se ficava sentado ou se levantava. Como se encontrava inquieto, resolveu se levantar, com as mãos pressionando a borda da mesa. Sentiu que o coração falhou uma ou duas vezes, quando a viu entrar. O peito apertou de saudade. E embora a achasse linda como sempre, não passou despercebido que, assim como ele, Brianna teve dias terríveis. O cabelo estava severamente preso em um coque. Os olhos não tinham o brilho animado de sempre e havia olheiras expressivas abaixo deles.

— Por que você não entrou? — indagou Max — Não precisa ser anunciada pela Srta. Wilson.

Eles trabalhavam juntos. Eram mais do que isso, e ele não entendia por que, de repente, ela agia com tanta formalidade.

— Eu pedi isso. Achei que deveria fazer as coisas da maneira certa — ela deu alguns passos indecisos em direção a ele — E entregar isso pessoalmente.

Ele olhou para o envelope na mão dela. Seu sexto sentido, ou a expressão angustiada que ela mal conseguia disfarçar, forçou Max a retornar à cadeira.

— Sua demissão, eu presumo — a afirmação saiu dos lábios dele como se, em cada palavra, houvesse uma lâmina afiada.

Brianna assentiu e depositou o envelope na mesa dele. Em nenhum momento, encarou Max nos olhos. Ele foi de arrasado para furioso.

— Sério Brianna? — tocou o envelope, porque se não fizesse isso, não pareceria real — Sei que ser minha assistente pode não ser algo empolgante, mas poderia voltar ao marketing ou fazer qualquer outra coisa que quisesse. É só me pedir.

— O problema não é o trabalho! — ela destacou — O problema somos nós. Não quero mais isso. Fiorenzo...

— Ah, claro! — Max ficou de pé — Tinha de ser o italiano.

Brianna manteve-se calma e fria. Tão fria como uma placa de gelo, deduziu Max. Aquela, definitivamente, não era a Brianna que ele conhecia e começou a amar.

— Ele me ofereceu trabalho na Itália — continuou ela — Uma chance

de recomeçar, que eu já aceitei. Se o pedido de casamento ainda estiver valendo, pretendo considerar também.

Se Brianna tivesse aparecido com uma lança, ao invés da carta de demissão, e enfiado no peito dele, teria doído muito menos. Estava mais do que magoado; sentia-se traído por ela. Dispensado como se não fosse nada.

— Você vai se casar... — ele sentiu uma nova e intensa fígada no peito — com ele?

Dizer isso era como dizer que tudo o que eles tinham vivido juntos no último fim de semana, até mesmo antes disso, não significou nada para ela.

— Não era isso que sempre disse querer para mim, Max? — indagou ela — Um homem que me amasse e filhos comigo?

Tinha sido no início. Quando Max fora burro demais para enxergar que era ele que deveria oferecer tudo isso a ela. Ele podia, e queria dar, tudo isso a ela.

— Acho que é isso que eu quero também. Fiorenzo, adotar uma criança e todas as possibilidades de sermos felizes. Como pudermos ser.

— Ouça, Brianna... — o celular de Max começou a vibrar em cima da mesa, que ele ignorou facilmente.

Ele afastou a cadeira, determinado a ir até ela e fazê-la entender o grande erro que estava cometendo.

— Nós ainda precisamos... — ele tentou dizer.

— Sr. Hunter — Marjorie surgiu na porta — Sua filha, na linha dois.

Max simplesmente olhou feio para a secretária, levando-a a recuar.

— Ela disse que é muito importante.

— Diga a ela que eu ligo depois.

Ele não queria ter que lidar naquele momento com as besteiras de Caroline. Provavelmente era para se queixar de algum motivo bobo ou por ter brigado com Ryan.

— Mas... — Marjorie olhou para Brianna com um pedido mudo de ajuda — Ela disse que era urgente e estava chorando.

— Atenda a sua filha, Max — pediu Brianna — É importante. Acho que ela está precisando de você.

Ele vacilou por quatro ou cinco segundos, antes de ceder ao pedido dela e falar com a filha.

— Carol? — entre o choro e as palavras atrapalhadas, ele pouco conseguiu entender — Como assim o Ryan foi embora? Caroline, respire e comece do início...

Max tentou implorar com o olhar para que Brianna ficasse. Não era como se estivesse fazendo uma escolha entre as duas. A filha precisava dele e

Max não podia virar-lhe as costas outra vez.

— Estou indo te ver, filha.

Quando encerrou a ligação e seguiu para fora da sala, constatou o que já esperava. Brianna tinha ido embora.



CAPÍTULO 26

Brianna odiava a palavra “despedida” e, gostava ainda menos dos olhares piedosos mal disfarçados que todos direcionavam a ela. Mas não podia culpar ninguém. Havia jogado duas bombas na cabeça deles. De que era estéril e que em dois dias estaria indo embora.

— Por que você não me contou, Bree? — Os lábios de Rebecca começaram a tremer, e ela via que a amiga lutava contra as lágrimas — Eu teria apoiado você.

— Você estava muito tensa, na época — Brianna tentou confortá-la.

Rebecca baixou o olhar, provavelmente condenando a si mesma.

— Ocupada demais cuidando da minha própria vida, determinada em magoar as pessoas que tinham me magoado — disse ela, com pesar — Totalmente cega. Ao ponto de não ver que a minha melhor amiga estava sofrendo.

Após um soluço, Rebecca começou a chorar, sendo confortada por Michael.

— Nós podíamos ter apoiado você, meu amor — Laura passou o braço no ombro de Brianna — Não precisava enfrentar isso sozinha.

— Talvez vocês tenham razão — Brianna enxugou os olhos rapidamente — Cada um de vocês é como minha família. Só que foi o meu jeito de lidar com a situação. E não quis estragar os primeiros momentos de paz e felicidade para você e Michael, minha irmã.

Rebecca se soltou do marido e foi em direção à Brianna, abraçando-a forte.

— Eu não queria que deixasse de aproveitar cada momento da gravidez de Brian, porque estava preocupada comigo — confessou Brianna — Com medo de me magoar. Eu curti cada momento com você.

— Mas se já sabemos de tudo agora, por que deseja ir embora? — Rebecca se afastou dela com um olhar suplicante — É por causa de Max?

Rebecca abraçou a cintura dela e olhou todos os presentes na sala. Michael, Ryan, Laura e Nicholas.

— Nenhum de nós será contra vocês — ela ficou de frente a Brianna, com um olhar angustiado — Eu não soube o que dizer naquele dia, mas depois que você foi embora e pensei sobre tudo, os dois são perfeitos um para o outro.

Brianna tentou sufocar um soluço de dor e levou a mão ao peito. Tinha sonhado muito com esse momento, de que sua família aceitasse o amor dela pelo Max.

— Só que ele não me ama — confessou, com vergonha — Ele não ama.

— Brianna — lamuriou Laura, antes de se juntar ao abraço que Rebecca lhe dava.

Essa era uma das coisas que Brianna mais sentiria falta: o amor e o conforto de sua família. O abrigo para correr sempre que se sentisse fraca.

— Eu vou falar com o Max — informou Nicholas, claramente contrariado — Eu avisei que...

— Não, papai! — Brianna sabia que chamá-lo assim seria o ponto fraco dele — Eu sempre soube o que estava fazendo. E o Max não foi nada menos que correto comigo. Nunca mentiu ou me enganou. Nunca prometeu nada. Eu que fui tola, sonhando com mais do que ele poderia oferecer.

Brianna caminhou até ele e segurou sua mão. Sorriu, embora por dentro o coração estivesse despedaçado.

— Agradeço sua preocupação. A preocupação de todos. Mas eu sou adulta, e ir para a Itália é o que decidi fazer, não apenas por Max. Decidi por mim. Por uma nova vida. Por um novo recomeço.

— Vamos sentir muito a sua falta, Brianna — disse Michael, caminhando até ela — Mas faça o que o seu coração pede agora. Nós vamos entender — e quando a abraçou, sussurrou em seu ouvido, apenas para que ela ouvisse: — Meu pai está sendo um tolo por deixar você fugir. Mas ele é um Hunter, vai enxergar a besteira que fez.

E ele, mais do que ninguém, sabia que os Hunters eram especialistas em magoar um coração desavisado.

Max tinha acabado de instalar Caroline em um dos quartos da mansão, quando Michael apareceu na porta, pedindo para trocar algumas palavras com ele.

Olhou mais uma vez para a filha ressonando na cama, antes de seguir Michael pelo corredor. Não foi uma tarefa fácil convencer Caroline de que deveria voltar a Uptown e iniciar seu tratamento. Ainda não sabia o que levou Ryan e ela brigar seriamente, ao ponto de ele decidir deixá-la. Ela apenas chorara e parecia ainda mais triste, mas tinha conseguido trazê-la de volta à casa e família que ela pertencia.

— O que você sente pela Brianna? — Michael foi direto ao assunto, quando entraram no quarto dele, pegando Max de surpresa.

— Eu amei muito a sua mãe, filho...

— Eu sei que amou a mamãe e que há uma parte de seu coração que ainda a ama — Michael ergueu a mão, interrompendo-o — Eu quero saber o que

— você sente por Brianna. Você a ama?

— Sim, eu a amo — cada vez que ele dizia isso, era como se uma parcela de dor fosse arrancada do peito dele — Eu a amo muito, filho.

— Então que merda você está fazendo aqui? — perguntou ele — Não seja burro como eu fui e deixe a mulher que você ama ir embora.

Parecia que os papéis tinham se invertido e era o filho colocando juízo na cabeça do pai.

— Vá procurá-la agora, antes que... — Michael olhou para o relógio no pulso, antes de continuar: — ela entre naquele avião.

— Hoje? — indagou, surpreso.

Entre ir consolar Caroline e trazê-la de volta para casa, Max acreditou que teria tempo para conversar com Brianna com calma.

— Ela está indo embora hoje?

— Dentro de algumas horas.

Max ficou estupefato no lugar. Brianna estava indo embora e sem ao menos ter se despedido dele.

— Pai! — Michael o acordou de suas divagações — É melhor se apressar.

Tudo bem. Ele ficaria irritado com ela depois que estivessem juntos, preferencialmente no apartamento dela, na cama, depois que provasse seu amor por ela.

— Estou indo — disse ele, passando rapidamente por Michael, que exibiu um sorriso encorajador — Eu vou buscá-la.

Depois de ter infringido pelo menos uma ou duas leis de trânsito enquanto dirigia e furado um sinal vermelho, Max chegou ofegante ao apartamento dela. Deveria ter perguntado a Michael o horário do voo, agora apertava a campainha insistentemente, surtando de ansiedade.

— Max? — Um Ryan desalinhado e com cara de sono surgiu na frente dele, quando a porta foi aberta.

Ele passou por Ryan, indo apressadamente em direção ao quarto de Brianna.

— Ela não está aqui, Max — ele alertou, fazendo-o estacar no lugar — Ela nem passou a noite aqui. Ficou na casa dos nossos pais, e de lá iria direto para o aeroporto. Ela deve estar a caminho da Itália agora.

Como Max temia, havia chegado tarde demais.

— E você não foi se despedir dela?

Ryan esfregou o rosto, soltando um suspiro, ainda estava meio atordoado do sono interrompido.

— Vou encontrar com Brianna em algumas semanas.

— Para ficar? — perguntou ele.

Aquilo, sem dúvida, deixaria Caroline arrasada.

— Ainda estou pensando — murmurou ele — Tenho um professor de Arte na faculdade, que me convidou para um novo projeto em Londres.

— Caroline... — Max começou a dizer.

— Caroline não se importa — disse ele bruscamente — Deixou muito claro isso.

— Nem sempre o que dizemos é o que sentimos de verdade, Ryan — ele sempre negou os sentimentos que Brianna provocava nele, e agora que tinha coragem de admitir, a havia perdido — Às vezes descobrimos tarde demais isso. Caroline está em casa. Não deixe a felicidade escapar pelas suas mãos, como eu deixei.

Max literalmente se viu se arrastando em direção à porta. Como se todo o seu corpo estivesse entorpecido. Voltando para o buraco negro e solitário que, por muitos anos, havia sido sua vida.

Uma parte de seu coração, Olivia tinha levado para o túmulo; a outra parte, Brianna levava com ela. Com um enorme vazio no peito, um buraco negro envolto em dor, onde o seu coração tinha batido por ela. Novamente sozinho andando sem destino.

— O que deseja, senhor?

Max olhou em volta do bar. Era começo da tarde, portanto, não havia muitas pessoas ali. Uma música ambiente tocava e garçonetes andavam entre as mesas, arrumando-as.

— Uísque — ele disse ao barman — Sem gelo.

Brianna sentia que estava revivendo uma cena do passado. Naquele mesmo aeroporto, sete anos atrás. Ela, Rebecca, Laura e Nicholas e a pequena Olivia. Só que, dessa vez, seria ela a partir, sozinha.

— Não há nada que eu possa dizer ou fazer que a faça mudar de ideia? — Rebecca perguntou, ao se aproximar dela.

— Preciso ir, Becca — murmurou Brianna.

— Não gosto disso, mas te entendo — lamentou Rebecca, puxando-a para um abraço.

— Com quem você estava falando?

Tinha notado a amiga se afastar sorrateiramente e depois a viu discutindo com alguém no telefone. Não podia ser Michael, já que ele estava na sala de espera da companhia aérea, conversando com os sogros.

— Ah... hum... — ela pigarreou e desviou o olhar — Coisas da Olivia.

Sabe como ela está, arrasada e desconsolada por saber que a tia preferida dela está indo embora.

— Rebecca — Brianna a repreendeu — Não use Olivia para tentar me chantagear.

— Eu precisava tentar, não é? — Ela fez cara de choro — Vou sentir muito a sua falta.

— E eu de todos vocês. Mas a Itália não fica em outro planeta, podem ir me visitar.

— E ligar todos os dias...

O voo de Brianna foi informado na tela. Ela abraçou cada um, trocando palavras de afeto e fazendo promessa de manter contato regularmente. Agarrada à bolsa, entrou na fila de embarque. A cada passo que dava, olhava para trás. Sorria para os rostos conhecidos, mas nenhum deles era o que realmente gostaria de ver.

— Senhora — disse a funcionária e indicou o visor onde Brianna deveria escanear a passagem aérea.



CAPÍTULO 27

Houve um tempo, na vida de Max, que ele se sentia confiante. Administrava um império. Tinha ao seu lado uma mulher bonita e carinhosa. Filhos encantadores, uma família feliz. Viu tudo isso desabar como um castelo de cartas. Ele tinha se transformado em um homem doente e dependente.

Claro que o amor por seus filhos o fez querer se reerguer. Ser o pai que eles amavam, precisavam e um dia chegaram a admirar. Mas tinha sido Brianna, com seu sorriso doce e a confiança em Max, que às vezes ele chegava a duvidar, a fé que tinha na vida, apesar de todas as rasteiras que tentava nos dar, que o fazia desejar ser um homem melhor, para ela.

E foi ter a plena convicção disso que o fez afastar-se do copo de uísque no bar, sem ao menos o tocar. Havia sido uma grande irresponsabilidade ir até ali, nem se recordava de como chegara. Mas, por outro lado, por mais que o desejo de experimentar um único gole tenha sido pujante, o amor pela garota de olhos tão doces quanto ela, foi mais forte.

Mesmo que seu destino fosse não ficar com Brianna, não voltaria a ser alguém que ela chegasse a se envergonhar. Estava na hora de ser um homem, em todos os sentidos da palavra.

Adulto. Seguro. Confiante.

E começaria lendo, de uma vez por todas, a carta que Olivia o entregara. Havia chegado a hora de dizer adeus. Sempre haveria uma parte dele que a amaria, mas era o momento de deixar que a esposa descansasse em paz.

Ele pegou a caixa, colocando-a em cima da cama, remexendo os pertences que encontrava. Pegou os brincos que dera a ela no primeiro ano de casamento. Os daria a Rebecca. A pulseira que dera quando Michael nasceu, daria à sua neta, Olivia. O colar de quando a filha nasceu, a Caroline. O anel em comemoração aos dez anos de casamento, daria ao Brian, quando ele tivesse a idade certa, e se apaixonasse, poderia dar à sua noiva. Havia outras joias a serem distribuídas entre eles, mas aquelas tinham um significado especial e não deveriam permanecer guardadas.

Por fim, ele pegou a carta. Estava datada um dia depois da noite deles no escritório, quando fizera a promessa a Olivia de jamais entregar seu coração a outra mulher.

Max, meu amor.

Por tanto tempo você foi isso.

Meu.

Meu companheiro. Meu confidente. Meu amigo.

Eu queria que você fosse meu para sempre. E eu tive tanto medo de perder isso. Muito mais do que partir. E a cada vez que minha doença avançava, o medo de morrer em seu coração também me feria.

Por isso a noite passada foi tão importante para mim. A última em que tive você de verdade. Por inteiro. O meu Max.

Às vezes, quando amamos alguém como eu o amo, nós nos tornamos medrosos e um pouco egoístas. Eu jamais deveria ter pedido que guardasse seu coração apenas para mim, porque você tem o melhor e maior coração do mundo.

E eu sei que você me ama. Que haverá uma parte em seu coração que sempre irá me amar. Como irei amá-lo, até que meus olhos se fechem pela última vez. E é em nome desse amor, a parte mais bonita e pura que há em mim, que desejo libertar você.

Faça-me uma nova promessa, meu amor. Ame.

Ame, Max. Ame com toda a força do seu coração. Ame com a mesma intensidade que me amou todos os dias. Deixe que outra mulher seja tão afortunada quanto eu fui e permita-se ser amado como você merece, pois você ama de forma grandiosa.

Dê todos os risos e os abraços que não posso mais. Viva o máximo e intensamente. De onde eu estiver, estarei olhando para você, para ela, e sorrindo.

Seja feliz, querido. Faça essa incrível mulher feliz.

Meu Max.

Sua sempre,

Olivia.

Max dobrou a carta, e só percebeu que chorava quando duas lágrimas mancharam o papel amarelado devido ao tempo. Protelara tanto esse momento. Por covardia, mas, principalmente, porque sabia que quando lesse as últimas palavras de Olivia, seria o fim. Não foi quando ela faleceu em seus braços em Greenville. Ou quando jogou seu punhado de terra sobre o caixão. Esse era o último adeus, o momento que sua esposa o libertava para a vida. Ele não se sentia mais como se traísse a memória dela. Estava em paz.

Enxugou os olhos. Guardou todos os pertences de volta à caixa, deixando apenas a carta de fora. Olivia não tinha apenas libertado Max de sua promessa, ela devolvia sua vontade em lutar. Por seus filhos, seus netos, Luke e

por Brianna. Ele sorriu. O buraco negro em seu coração ganhando luz.

Ele pegou a caixa para guardá-la, quando o telefone na cama começou a tocar.

— Rebecca?

— Max? Onde diabos você está?

A voz dela parecia ofegante. Ele podia ouvir os ruídos de pessoas em volta e alarmes soando.

— Em casa.

E assim que ela encerrasse a ligação, que o fazia perder tempo, entraria em contato com a secretária e pediria que reservasse o primeiro voo com destino a Milão. Também precisaria que Rebecca informasse o endereço do hotel onde Brianna se hospedaria ou de Milano. Podia ter chegado tarde demais para impedi-la de ir embora, mas não era tarde demais para tê-la de volta. E Max faria o que fosse preciso para reconquistar Brianna.

— Escute, eu preciso que você...

— Max, deixe de ser tão estúpido! — Ela o interrompeu ofegante e, ele deveria dizer que um tanto brava, também — Se você a ama, venha imediatamente ao aeroporto, Max. Arranque-a do avião se for necessário, mas venha!

Aeroporto? Brianna ainda não havia partido? Quanto tempo ele tinha até conseguir chegar até ela? Será que conseguiria?

Não importava. Iria para o aeroporto. Iria para a Itália. Iria para o fim do mundo, se fosse preciso.

E pela segunda vez no dia, ele dirigia como um irresponsável. Apaixonado, mas imprudente. Pedindo que, de onde Olivia estivesse, afastasse fiscais de trânsito ranzinzas.

Chegou ao aeroporto e estacionou onde não deveria. O carro possivelmente seria rebocado, mas Max não ligava o mínimo. Olhou nos painéis. Havia três voos saindo com destino à Itália.

Não teve sorte com a primeira tentativa, e pelo que viu no painel, o segundo voo tinha acabado de partir. Passou, na verdade correu, atropelando as pessoas, ouvindo um xingamento ou outro.

Passou por mais seis portões, até avistar Rebecca abraçada a Michael e que foi a primeira a vê-lo chegar.

— Max!

— Onde ela está? — Perguntou ele, se curvando para respirar.

— Foi para a fila de embarque — Respondeu Michael.

Laura deu a ele um sorriso agradecido e Nicholas um olhar que avisava que, assim que tudo aquilo acabasse, eles iriam conversar. Max ouviu o voo de Brianna ser anunciado e apressou o passo até o embarque. Esmagou-se contra as

peessoas na fila, tentando avançar.

Ele a viu. De costas. A cabeça baixa, enquanto recebia instruções de uma funcionária.

— Senhora... — disse a mulher.

Nos filmes, a gente via como se tudo acontecesse lentamente. Para Max, acontecia em uma velocidade espantosa, enquanto ele parecia se mover em uma lentidão angustiante. Ela passou a passagem no leitor. Max desviou e empurrou mais duas pessoas. A passagem foi liberada para ela, e só restava a Max fazer uma coisa.

— Brianna!

Ele gritou por ela. Todas as pessoas à sua volta olharam em sua direção. Apenas uma delas importava.

Não bastava achar ter visto Max em cada homem parecido com ele que passara por ela. Agora sua mente a torturava, fazendo-a ouvir o que não existia.

— Brianna!

Não era um sonho constatou quando se virou e, muito menos uma alucinação. Max estava ali, gritando seu nome.

— Max?

A funcionária a olhou com ar de poucos amigos, afinal de contas, os dois estavam atrapalhando o fluxo de pessoas. Max impedindo que os passageiros na fila avançassem, e Brianna fechando a entrada.

— Não vá embora! — pediu ele, o olhar suplicante a fez avançar alguns passos em sua direção, liberando a entrada — Por favor, não vá.

Ela notou o restante de sua família surgir na lateral da fila, próximo a eles. Todos sorridentes. Mas Brianna não se deixaria iludir por isso.

— Por que, Max? — exigiu ela — Por que eu não devo entrar naquele avião?

Ele avançou mais, até onde era permitido, e Brianna encurtou o restante da distância entre eles.

— Porque eu amo você — disse ele — Amo você como deseja ser amada. Não... — balançou a cabeça, exasperado — Eu a amo como merece ser amada por mim. Mais do que você sonharia, mais do que achei ser capaz. Verdadeira e intensamente. E não há nada que quero hoje mais do que isso. Amar você.

A fila se dissipou, e já não havia ninguém entre eles. Brianna se aproximou mais. O coração, que antes parecia pesado, flutuava como uma pluma.

— Você me ama? — ela parecia incrédula.

— Muito — ele sorriu — Não coloque meu coração naquele voo com você. Preciso dele aqui para continuar vivendo.

Brianna sorriu de volta, sem se importar com as lágrimas transbordando de seus olhos, ou que protagonizavam um pequeno espetáculo para a família ou quem estivesse passando.

— Amo você, Max — ele a puxou pela cintura e Brianna apoiou as mãos em seu peito — Sempre amei e sempre vou amar. Não há nenhum lugar que eu deseje ir além de seus braços.

— Isso é bom — disse ele, em um tom roucamente apaixonado — Não vou deixar que fuja deles de novo.

Ele a beijou. E Brianna se entregou ao beijo como se precisasse dele para mantê-la viva. E talvez realmente precisasse. Da doçura. Do amor que irradiava dele e parecia aquecer cada parte que estivera fria em seu coração.

— Amo você — repetiu Max, distribuindo beijos por seus lábios, bochechas, olhos úmidos — Amo. Amo. Amo muito.

Era quase impossível conseguir respirar quando ele a abraçava assim. Não porque a segurava com força demais, embora a segurasse firme, mas porque Brianna estava explodindo de felicidade e incredulidade também.

Diante de todas as pessoas que eles amavam, e de alguns desconhecidos também, Max dissera a única coisa que ela quis ouvir em toda a sua vida. Ele a amava.

— Casa comigo — ele a soltou, olhando-a intensamente — Seja a minha esposa. Vamos adotar quantas crianças você desejar.

— Max — ela o encarou, surpresa.

— Por que esperar? Sei bem o que quero — ele a beijou de novo, deixando-a atordoada — Você. Um cachorro ou gato. Os dois. Uma casa bonita. O que mais posso dizer para que diga sim?

— Sim! — Brianna realmente gritou, sua voz ecoando, sobressaindo-se ao burburinho em volta deles — Eu me caso com você, Max. Sim, sim, sim.

— Vocês ouviram? — Max virou na direção da pequena torcida, principalmente de Nicholas, a quem deveria acalmar — Ela disse que sim.

Brianna diria sim a ele pelo resto de sua vida.



EPILOGO

Vai dar tudo certo, Brianna dizia a si mesma, enquanto andava pela sala.

— Está me deixando tonto, meu amor — disse Max, com um sorriso na voz.

Brianna parou de andar de um lado para o outro, mas não se acomodou na cadeira como ele esperava.

— Desculpe Max — ela mordeu a ponta do dedo — Mas é que estou muito nervosa.

Eles tiveram um longo caminho até chegar ali. Um caminho de pedras, mas de lindas flores também. A concretização de um sonho. O sonho mais bonito e importante de sua vida. E não foi fácil chegar onde estavam. Tiveram longas conversas. Abriram os corações como nunca haviam feito e revelaram seus últimos segredos.

Brianna confessou que tinha flagrado Max e Olivia juntos. Apesar de surpresa, ele não ficou bravo. E ele contou que tinha sido naquela noite que fizera a promessa a Olivia, de nunca mais entregar seu coração a outra mulher.

Se ela fechasse os olhos, conseguiria reviver cada palavra, cada declaração e cada momento daquele dia.

“Olá, futura Sra. Hunter.”, murmurou Max, passando a rosa delicadamente no busto de Brianna, depois o calor dos lábios dele tomaram o lugar das pétalas, fazendo a pele dela incendiar. Ela gemeu e deixou que um sorriso se abrisse em seu rosto. Em menos de 24 horas, tinha passado da pessoa mais infeliz no planeta para a mulher mais feliz e realizada.

“Humm.” Ela espreguiçou-se e virou de lado, encontrando o olhar intenso que Max lhe dava. “Olá, Sr. Hunter. Você não pretende ficar dizendo Sra. Hunter isso, Sra. Hunter aquilo, não é?”, ela o provocou.

“Vou sim, Sra. Hunter.” Ele mordeu os lábios dela. “Gosto de como soa. Sra. Hunter. Minha senhora.”

Brianna ainda se deliciava com os carinhos dele, quando Max largou a rosa e sentou abruptamente na cama.

“Preciso dizer algumas coisas...”

Eles tinham saído do aeroporto e ido direto para o apartamento dela. Havia muito o que conversar, mas também sentiam uma saudade e uma enorme necessidade um do outro. O desejo acabara falando mais forte.

“Por isso que eu estava ali, aquele dia. Foi ali, nos meus braços, que

Olivia morreu. E foi ali que quis dizer a ela... mesmo não tendo lido a carta ainda, precisava dizer a Olivia que eu a amei. Que há uma parte do meu coração que sempre a amará, mas uma grande parte dele agora pertence a você, Brianna.”

Ela não acreditava que as pessoas podiam amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Mas acreditava que era possível encontrar o amor mais de uma vez na vida. Ele lutou contra seus sentimentos não por ser incapaz de amá-la, mas porque sentira que traía a promessa feita a Olivia. E Brianna entendia. Não queria arrancar a parte do coração dele que cabia a Olivia, queria conquistar a sua, confessou a Max.

“Olivia tem uma parte especial do meu coração, sim, que guarda momentos felizes.” dissera ele, inclinando-se sobre Brianna, colando a testa na dela. “E você tem a parte que o mantém vivo. Que me faz respirar, Brianna. Amei a Olivia, mas estou reaprendendo a amar com você. Todos os dias.”

E quando Max entregou a carta para que Brianna a lesse, ela descobriu que, mesmo sem Olivia saber que Brianna seria a mulher destinada a fazer Max feliz, tinha os abençoado juntos. Aquelas palavras nunca mais sairiam do coração dela.

— Brianna? — O tom preocupado na voz de Max a fez virar-se para ele.

— Estou bem — tentou tranquilizá-lo. — Acha que ele vai gostar da notícia?

Max puxou a mão dela, beijando a aliança.

— Estamos o preparando há semanas.

— Sim, mas e se ele não gostar tanto assim de mim... de nós? — indagou, aflita.

— Brianna... relaxe. — Max levantou as mãos, massageando seus ombros — É impossível alguém não amar você.

— Não é alguém, Max! — disse ela, angustiada — É o nosso filho.

Ela podia não ter gerado aquela criança em seu ventre e dado à luz, mas Brianna o amaria como uma mãe, saindo da maternidade com os filhos nos braços.

— E acho que nasce a mamãe urso — Max sorriu, e o sorriso dele a acalmou um pouco.

— Max! — ela lhe dava um pequeno tapa no ombro, quando a porta foi aberta.

A madre surgiu segurando a mão de um menino tímido, mas quando os olhos dele encontraram os de Brianna, um sorriso iluminou todo o seu rosto.

Brianna havia conversado com Nicholas sobre o processo de adoção,

afinal, ele tinha adotado Ryan. Ele dissera que não eram os pais que escolhiam os filhos. Eram os filhos que escolhiam seus pais. Brianna sentiu isso no momento que seus olhos cruzaram com o daquele garotinho a primeira vez. E seria a mãe mais amorosa, protetora e carinhosa do mundo. Claro que Max não ficaria muito atrás em ser o melhor pai que o menino precisava.

— Tia?

Brianna caminhou até Luke, ficando de joelhos em frente a ele, antes de segurar suas mãozinhas nas suas.

— Será que um dia... — Max se angustiou no lugar, tinha orientado para que Brianna fosse com calma — poderia me chamar de mamãe?

Mas então, essa não seria Brianna.

O menino ergueu os olhos surpresos para Max, depois os voltou um pouco confusos para Brianna.

— Mamãe?

— Sim.

Ela riu, ou chorou. Talvez tenha feito as duas coisas.

— Eu quero ser sua mãe, se você quiser — ela olhou para Max, estendendo a mão para ele — E Max o seu papai. Nós gostaríamos muito de fazer parte da sua vida.

— E o Ryan? — disse o menino.

Brianna sorriu.

— E o tio Ryan também.

— E Carol? — perguntou o menino.

— A tia Carol. O vovô Nicholas e a vovó Laura. A tia Rebecca e o tio Michael. Os primos Brian e Olivia e um montão de gente que conheceu em nosso casamento. Pessoas maravilhosas que irão te amar. Como nós já o amamos, muito.

Ele mordeu o dedo, como Brianna fizera há pouco, fazendo o gesto comover Max. Também estava apaixonado pelo garotinho, e agora começava a entender o nervosismo de Brianna em aguardar uma resposta dele.

— E então? — indagou Brianna, nervosa — Luke, você quer ser nosso filho, me chamar de mamãe e ir para casa com a gente?

Luke a olhou por um longo tempo, antes de finalmente balançar a cabeça positivamente.

— Tá bom — ele abriu um sorriso tímido, sorriso que Brianna conhecia tão bem e já amava — Mamãe.

Brianna foi vencida por suas lágrimas, puxando Luke para os seus braços ansiosos. Max se ajoelhou, envolvendo os dois em um abraço apertado.

— Está bom para você, Brianna? — indagou Max, beijando os cabelos dela.

— Não — ela o olhou com os olhos marejados — Está maravilhoso,
Max.

A vida tinha marcado cada um deles de formas diferentes. Mas, juntos aprendiam que reaprender a amar era a melhor forma de recomeçar.

AUTORA

Nascida em São Paulo, é uma leitora ávida, que ao acabar de ler um livro, sempre ficava imaginando como poderia ser as vidas dos seus personagens depois da leitura. Criava então, muitas possibilidades nesse sentido, em sua imaginação, o que deu início a sua dedicação à escrita. Ama viajar e conhecer novas pessoas.

e-mail: s.recomecar@gmail.com

site: www.elizabethbezerra.com.br

twitter: @ElizabetBezerra

Instagram: elizabethbezerra

SÉRIE RECOMEÇAR

O PREÇO DE UM AMOR #1

Após completar 18 anos, Rebecca é obrigada a abandonar o orfanato onde cresceu e as únicas pessoas que aprendeu a amar.

Na casa dos Hunter, descobriu o poder do primeiro amor, a força da amizade e que o passado não estaria tão longe quanto imaginara.

Apaixonar-se por Michael foi tão simples como respirar. Os dois viveram uma paixão tão intensa como ódio que surgiria, após intrigas, desconfianças e traições.

Rebecca amou Michael com toda força e pureza do seu coração, mas o amor acabou e agora ela só desejava uma coisa... Justiça!

Até onde você iria por vingança?

O VALOR DO PERDÃO #2

Rebecca descobriu que o amor poderia ser tão bonito e ter tanto espinhos quanto uma flor delicada. Michael despedaçara seu coração, agora ela queria esmagar o dele, nem que para isso fosse até às últimas consequências.

Quando amor e ódio andam juntos, sentimentos incontroláveis ganham vida. Michael deseja perdão. Rebecca almeja vingança.

Quem vencerá essa guerra onde ódio e amor andam juntos?

Table of Contents

<u>PRÓLOGO</u>
<u>CAPÍTULO 1</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>
<u>CAPÍTULO 14</u>
<u>CAPÍTULO 15</u>
<u>CAPÍTULO 16</u>
<u>CAPÍTULO 17</u>
<u>CAPÍTULO 18</u>
<u>CAPÍTULO 19</u>
<u>CAPÍTULO 20</u>
<u>CAPÍTULO 21</u>
<u>CAPÍTULO 22</u>
<u>CAPÍTULO 23</u>
<u>CAPÍTULO 24</u>
<u>CAPÍTULO 25</u>
<u>CAPÍTULO 26</u>
<u>CAPÍTULO 27</u>
<u>EPILOGO</u>